

Adriano Guimarães Melo



**OS REFLEXOS URBANÍSTICOS FRANCESES,
PROMOVIDOS POR HAUSSMANN, NO SÉCULO XIX,
NO BULEVAR FREI SERAFIM, EM TERESINA, PIAUÍ,
BRASIL**

Biblioteca de Referência de Arquitetura e Urbanismo
ISBN: 978-85-7267-208-5

CEUB

2025

Autor

Adriano Guimarães Melo

Coautor

Dra. Eliete de Pinho Araujo

1ª Edição

EQUIPE EDITORIAL**Reitor**

Rafael Mesquita Lopes

Revisão gramatical e idioma

Autores

Normatização

Biblioteca Reitor João Herculino

Projeto gráfico

Adriano Guimarães Melo

Coordenação geral acadêmica

Prof. Dra. Eliete de Pinho Araujo

Comissão técnico-científica

1. Dra. Eliete de Pinho Araujo, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, Brasil
2. Dr. Sávio Tadeu Guimarães, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, Brasil
3. Dra. Junia Marques Caldeira, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, Brasil

O livro foi revisado e avaliado por pares.

Grupo de pesquisa

Cidade e habitação, novas perspectivas

Linha de pesquisa

Cidade, infraestrutura urbana, tecnologia e projeto

Disponível em: <http://www.repositorio.uniceub.br>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Melo, Adriano Guimarães.

Os reflexos urbanísticos franceses, promovidos por Haussmann, no século XIX, no Bulevar Frei Serafim, em Teresina, Piauí, Brasil / Adriano Guimarães Melo. – Brasília, 2025.

162 f.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário de Brasília-CEUB, Brasília, 2025.

Orientador: Dra. Eliete de Pinho Araújo

ISBN 978-85-7267-208-5

1. Urbanização de Teresina. 2. Planejamento urbano Paris. 3. Reformas Haussmanniana.

CDU: 711.4

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitor João Herculino

SOBRE OS AUTORES

Adriano Guimarães Melo

Arquiteto e urbanista graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto Metodista Bennet (1992), com Especialização em História da Arte e da Arquitetura pelo Instituto de Ciências Jurídicas e Sociais Professor Camillo Filho ICF (2002), Especialista na língua Francesa pelo Centro Cultural de Línguas Padre Raimundo José Ayremoraes Soares CCLP (2021), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Brasília CEUB (2024). Atuando na elaboração de projetos de arquitetura residencial, comercial, institucional, industrial, hospitalar e espaços urbanos, bem como planos urbanísticos. Com ênfase na sustentabilidade e eficiência predial e urbana, projetos de bairros inteligentes e novos equipamentos urbanos. Trabalhos publicados em dezenas de livros e revistas nacionais e internacionais, em destaque para a revista italiana ABITARE número 374. Com obras arquitetônicas e urbanísticas realizadas em diversos estados do Brasil, África e Europa.

E-mail: adrianomeloarquiteto@sempreceub.com

Link CNPQ: <http://lattes.cnpq.br/3202000742028642>

Eliete de Pinho Araujo

Pós-doutora pela Universidade da Coruña – Espanha, Doutora em Saúde Pública, ENSP - FIOCRUZ (2008 - Capes nível 6), Mestre em Planejamento Urbano - Tecnologia FAU UnB (1999), arquiteta graduada pela FAU--UFRJ (1976). Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Dom Bosco (1989). Arquiteta da Secretaria de Saúde SES-DF, Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo, FATECS-CEUB. Coordenadora do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do CEUB. Coordenadora do grupo de pesquisa Arquitetura, Qualidade Ambiental, Eficiência e Saúde, com ênfase nas linhas de pesquisa Arquitetura e suas Particularidades, Qualidade Verde, Retrofit e APO - Conforto Ambiental e Conservação de Energia e Cidade Sustentável no Terceiro Milênio e do grupo Cidade e Habitação, Novas Perspectivas, com 3 linhas de pesquisa “Cidade, infraestrutura, tecnologia e projeto”, “Teoria, história e projeto de habitação” e “A Cidade e a Saúde com Interfaces no Espaço Urbano e no Edifício”. Pesquisadora do grupo Prática Pedagógica e Formação de Professores. É professora nível doutorado do Centro de Ensino Universitário de Brasília, professora do Curso de Especialização em Arquitetura de Sistemas de Saúde, professora de Curso de Especialização em Gestão em Saúde e Administração Hospitalar e gerente da Pinho & Rodrigues Arquitetos Associados (www.pinhoerodrigues.com.br). Avaliadora de revistas nacionais e internacionais. Trabalha em parceria em publicações com profissionais internacionais de Londres, da Itália e da Espanha. Trabalha com os temas: sustentabilidade, conforto, avaliação pós-ocupação, saúde, educação, projetos de arquitetura e de instalações hospitalares e prediais. Pesquisadora e orientadora de alunos de graduação, de ensino médio, de pós-graduação e de mestrado. Pesquisadora Ad hoc da FAPDF. Membro de comitê técnico científico de congressos, simpósios e seminários nacionais e internacionais. Membro de bancas de graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado. Membro de associações, conselhos.

E-mail: eliete.araujo@ceub.edu.br

Link CV: <http://lattes.cnpq.br/8958239079490571>

AGRADECIMENTOS

A epopeia que culmina nesta dissertação de mestrado foi enriquecida por uma rede extraordinária de apoio e inspiração, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

Primeiramente, dedico um agradecimento excepcional à minha família, que esteve comigo em cada passo desta caminhada. Aos meus pais Messias e Ângela, meu sogro Marc, *in memoriam*, minha sogra Ilenir por me ensinar o valor da perseverança e da curiosidade intelectual, oferecendo um exemplo de dedicação. À minha amada companheira Constance e filhos Victor, Pedro, Philippe e Adriana cujas paciência e compreensão foram fontes inesgotáveis de motivação. Obrigado por serem minha âncora e minha inspiração.

Ao Programa de Pós-Graduação do Centro Universitário de Brasília (CEUB), minha gratidão vai além das palavras. Este espaço acadêmico se revelou um verdadeiro santuário de aprendizado e crescimento. Agradeço profundamente aos professores e orientadores da banca examinadora, professor Dr. Sávio Tadeu Guimarães e professora Dra. Junia Marques Caldeira, que com sabedoria e orientação, me guiaram por este caminho complexo e recompensador. Em particular, expresso minha imensa gratidão a minha orientadora professora Dra. Eliete de Pinho Araujo, cuja visão, paciência e apoio contínuo foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas e amigos que encontrei ao longo deste percurso, devo um agradecimento afável. Vocês foram companheiros de luta, de risos e de reflexões profundas. Agradeço pelas discussões que desafiaram minha mente e pelas palavras de incentivo que me impulsionaram a seguir adiante.

Agradeço também ao corpo técnico e administrativo do CEUB, cujas contribuições silenciosas e eficientes garantiram que eu tivesse as condições necessárias para me concentrar em meus estudos. Seu trabalho é fundamental para o sucesso de todos nós.

Por fim, meu agradecimento absoluto a minha *sui generis* Constance, meu amor, que esteve ao meu lado em cada momento, cooperando, trazendo o brilho da luz ao caminho das letras. *Merci infiniment!*

Com profundo respeito, honra e sincera gratidão,

Adriano Guimarães Melo

RESUMO

Essa pesquisa trata do legado de Georges-Eugène Haussmann, o visionário por trás da modernização de Paris no século XIX, ressoa até hoje, influenciando o desenvolvimento urbano de metrópoles ao redor do mundo, incluindo Teresina, a primeira capital planejada do Brasil. O objetivo da pesquisa é mergulhar nos contextos históricos que moldaram e levaram a construção da Avenida Frei Serafim, em Teresina e, apresentar as possíveis influências das inovações urbanísticas de Haussmann em Paris, século XIX. Esta pesquisa adota uma abordagem metodológica histórico-comparativa robusta, visando não apenas compreender o impacto das inovações urbanísticas de Haussmann em Paris sobre o planejamento urbano de Teresina, mas também identificar como esses princípios foram adaptados e aplicados no contexto brasileiro. Os procedimentos metodológicos envolvem uma revisão abrangente da literatura existente, incluindo fontes primárias e secundárias sobre o urbanismo de Haussmann em Paris e a história do planejamento urbano de Teresina. Esta revisão visa estabelecer uma base teórica sólida para a análise comparativa partindo do exame de documentos históricos, planos urbanísticos e registros acadêmicos relacionados ao desenvolvimento urbano de Teresina e Paris, no século XIX. Incluiu a análise de mapas antigos, projetos de urbanização, relatórios governamentais e outros documentos oficiais para compreender as intenções, estratégias e resultados das políticas urbanísticas implementadas. Além dessas, foram realizadas visitas para a observação e complementação da análise documental e teórica, em Teresina, especialmente na avenida Frei Serafim, e em Paris, para observar diretamente a manifestação dos princípios haussmannianos no tecido urbano. Durante essas visitas, foram coletadas fotografias e feitas observações detalhadas sobre o uso do espaço público, a configuração das vias e a integração de áreas verdes. Utilizando os dados coletados a partir da revisão bibliográfica, pela análise documental e visitas a campo, realizar uma análise comparativa para identificar semelhanças, diferenças e adaptações dos princípios urbanísticos de Haussmann no planejamento de Teresina. As conclusões parciais apontam para a integração das premissas de Haussmann, vias amplas, arborização e a criação de espaços públicos, no desenho urbanístico de Teresina, refletindo uma busca contínua por funcionalidade e beleza estética. Admite-se que as longínquas transformações promovidas por Haussmann não somente revitalizaram Paris, mas também estabeleceram paradigmas urbanos influentes, para além dos seus campos, tal como evidenciado pela sua adoção na avenida Frei Serafim em Teresina, ou seja, são paradigmas que continuam a orientar a criação de ambientes urbanos mais vivíveis, equilibrados, funcionais e belos, uma contribuição para a evolução sustentável do urbanismo no Brasil.

Palavras-chave: Haussmann; urbanismo; Paris; urbanização; planejamento urbano; Avenida Frei Serafim; Teresina.

RÉSUMÉ

Cette recherche porte sur l'héritage de Georges-Eugène Haussmann, le visionnaire de la modernisation de Paris au XIXe siècle, qui résonne encore aujourd'hui, influençant le développement urbain des métropoles du monde entier, dont Teresina, la première capitale planifiée du Brésil. L'objectif de la recherche est d'approfondir les contextes historiques qui ont façonné et conduit à la construction de l'Avenida Frei Serafim, à Teresina, et de présenter les influences possibles des innovations urbaines haussmanniennes à Paris, au XIXe siècle. Cette recherche adopte une approche méthodologique historique-comparative robuste, visant non seulement à comprendre l'impact des innovations urbaines haussmanniennes à Paris sur la planification urbaine à Teresina, mais également à identifier comment ces principes ont été adaptés et appliqués dans le contexte brésilien. Les procédures méthodologiques impliquent une revue complète de la littérature existante, y compris des sources primaires et secondaires sur l'urbanisme haussmannien à Paris et l'histoire de l'urbanisme à Teresina. Cette revue vise à établir une base théorique solide pour une analyse comparative basée sur l'examen de documents historiques, de plans d'urbanisme et de dossiers académiques liés au développement urbain de Teresina et de Paris au XIXe siècle. Cela comprenait l'analyse d'anciennes cartes, de projets d'urbanisation, de rapports gouvernementaux et d'autres documents officiels pour comprendre les intentions, les stratégies et les résultats des politiques urbaines mises en œuvre. En plus de celles-ci, des visites ont été réalisées pour observer et compléter l'analyse documentaire et théorique, à Teresina, notamment sur l'Avenida Frei Serafim, et à Paris, pour observer directement la manifestation des principes haussmanniens dans le tissu urbain. Au cours de ces visites, des photographies ont été collectées et des observations détaillées ont été réalisées sur l'utilisation de l'espace public, la configuration des routes et l'intégration des espaces verts. À l'aide des données recueillies à partir de la revue bibliographique, de l'analyse documentaire et des visites de terrain, réaliser une analyse comparative pour identifier les similitudes, les différences et les adaptations des principes d'urbanisme haussmanniens dans l'aménagement de Teresina. Les conclusions partielles soulignent l'intégration des locaux haussmanniens, des larges rues, du boisement et de la création d'espaces publics, dans le design urbain de Teresina, reflétant une recherche continue de fonctionnalité et de beauté esthétique. Il est admis que les transformations lointaines promues par Haussmann ont non seulement revitalisé Paris, mais ont également établi des paradigmes urbains influents, au-delà de ses campagnes, comme en témoigne son adoption sur l'Avenida Frei Serafim à Teresina, c'est-à-dire que ce sont des paradigmes qui continuent de guider la création d'environnements urbains plus habitables, équilibrés, fonctionnels et plus beaux, une contribution à l'évolution durable de l'urbanisme au Brésil.

Mots-clé: Haussmannien; urbanisme; Paris; urbanisation; aménagement urbain; Avenue Frei Serafim; Teresina.

ABSTRACT

This research examines the legacy of Georges-Eugène Haussmann, the mastermind behind the modernization of Paris in the 19th century, whose impact still resonates today, influencing the urban development of metropolises worldwide, including Teresina, the first planned capital of Brazil. The study aims to delve into the historical contexts that shaped and led to the construction of Avenida Frei Serafim in Teresina and to present the potential influences of Haussmann's urbanistic innovations in 19th-century Paris. The research adopts a robust historical-comparative methodological approach, aiming to understand not only the impact of Haussmann's urbanistic innovations in Paris on the urban planning of Teresina but also how these principles were adapted and applied in the Brazilian context. The methodological procedures include an extensive review of the existing literature, incorporating both primary and secondary sources on Haussmann's urbanism in Paris and the history of urban planning in Teresina. This review seeks to establish a solid theoretical basis for comparative analysis, starting from the examination of historical documents, urban plans, and academic records related to the urban development of both Teresina and Paris in the 19th century. It encompasses the analysis of old maps, urbanization projects, government reports, and other official documents to understand the intentions, strategies, and outcomes of the urban policies implemented. Furthermore, visits were made for observation and to complement the documentary and theoretical analysis, in Teresina, especially on Avenida Frei Serafim, and in Paris, to directly observe the manifestation of Haussmannian principles in the urban fabric. During these visits, photographs were collected, and detailed observations were made regarding the use of public space, the layout of the roads, and the integration of green areas. By utilizing the data gathered from the literature review, documentary analysis, and field visits, a comparative analysis will be conducted to identify similarities, differences, and adaptations of Haussmann's urbanistic principles in the planning of Teresina. The preliminary conclusions suggest the integration of Haussmann's premises—wide avenues, tree planting, and the creation of public spaces—into the urban design of Teresina, reflecting an ongoing search for functionality and aesthetic beauty. It is recognized that Haussmann's extensive transformations not only revitalized Paris but also established influential urban paradigms that extend beyond its confines, as evidenced by their adoption on Avenida Frei Serafim in Teresina. These are paradigms that continue to guide the creation of more livable, balanced, functional, and beautiful urban environments, contributing to the sustainable evolution of urbanism in Brazil.

Keywords: Haussmann; urbanism; Paris; urbanization; urban planning; Avenida Frei Serafim; Teresina.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do Brasil destacando o estado do Piauí.....	12
Figura 2	Pintura denominada “Transferência da capital”, de autoria de Francisco de Sousa Barros, 1968, exposta no Museu do Piauí.....	15
Figura 3	Arca Cofre da Delegacia do Tesouro da Província que se encontra no Museu do Piauí.....	16
Figura 4	Localização da cidade de Teresina no mapa do Brasil.....	17
Figura 5	Situação geográfica de Teresina com os rios, Poti e Parnaíba, em suas porções urbanas, e a relação da cidade de Teresina com a cidade maranhense de Timon.....	19
Figura 6	Mapa de Oeiras colonial.....	29
Figura 7	Desenho urbano para Teresina elaborado pelo Mestre João Isidoro França.....	32
Figura 8	Visão geral do centro inicial de Teresina, e a evolução da cidade entre os rios Parnaíba (à esquerda) e Poti com a avenida Frei Serafim dividindo a cidade em zona norte e zona sul.....	33
Figura 9	Vista da Avenida Frei Serafim nos anos de 1940.....	37
Figura 10	Foto da Avenida Frei Serafim com destaque para o canteiro central e mobiliário urbano.....	38
Figura 11	Planta da cidade nos anos de 1950 com destaques para a avenida Frei Serafim e Miguel Rosa.....	39
Figura 12	Imagem mostrando a confluência das avenidas Frei Serafim e Miguel Rosa.....	40
Figura 13	Vista do passeio central da Avenida Frei Serafim com equipamentos urbanos lindos à avenida.....	41
Figura 14	Linha do tempo destacando a trajetória histórica de Paris e do Piauí, destacando momentos chave que moldaram essas regiões.....	46
Figura 15	Linha do tempo destacando a trajetória histórica da formação de Paris	47
Figura 16	Carta de relevo de Paris produzido por Jaqueline Beaujeu-Garnier.....	52
Figura 17	Fotografia da pintura a óleo do artista plástico Louis Moulain, 1867, exposta no Museu Carnavalet, em Paris.....	53
Figura 18	Plano de reconstituição de Lutécia durante o Alto Império.....	56
Figura 19	Primeira muralha de Paris ainda Romana com placa na rue de la Colombe e vestígios descobertos no início do século XX e outros ainda visíveis na rue Chanoise.....	57
Figura 20	Porção da muralha de Philippe Auguste onde é possível observar o detalhe construtivo.....	59
Figura 21	Vestígios da muralha 3, rue Clovis, 5º arrondissement.....	60
Figura 22	Reprodução de um mapa da cidade de Paris datado de 1223 é possível ver todo o traçado da muralha de Philippe Auguste.....	61
Figura 23	Terceira muralha de Paris na Margem direita segundo plano da época de Philippe Auguste com a fortaleza do Louvre.....	62
Figura 24	Terceira muralha de Paris na Margem esquerda à época de Philippe Auguste.....	63
Figura 25	Localização das Paróquias da aglomeração parisiense por volta de 1292.....	64

Figura 26	O desenvolvimento da margem esquerda do Sena indicando a localização dos colégios seculares e as ordens religiosas.....	65
Figura 27	Planta da cidade de Paris mostrando a diferenciação entre <i>Ville, Cité e Université</i>	67
Figura 28	Representação da cidade de Paris, mostrando seu crescimento e ainda a quarta muralha que foi iniciada por Carlos V, em 1367 e concluída por Carlos VI em 1383.....	73
Figura 29	Mapa de Paris no Século XVII.....	75
Figura 30	Loteamento de la Couture Sainte-Catherine e a definição dos <i>Hôtels Particulieres</i> e suas ruas principais.....	78
Figura 31	Hôtel de Donon, atual Museu de Cognacq-Jay, 8, rue Elzévir. Na foto, a fachada secundária que abriga o jardim, na 9, rue Payenne.....	79
Figura 32	Lista dos 16 bairros de Paris.....	80
Figura 33	Planta dos dezesseis bairros de Paris, no Séc. XVI.....	81
Figura 34	Muralha de Carlos IX com destaque para as <i>Yellow Fosses</i>	82
Figura 35	Imagem da <i>Pont-neuf</i> facilitando o acesso ao edifício do Palais de Justice, a Sainte-Chapelle e a Catedral de Notre-Dame.....	83
Figura 36	Plano da Place Dauphine.....	84
Figura 37	Representação das muralhas com as Fossas amarelas e dos limites, em 1638, de acordo com Alfred Bonnardot.....	87
Figura 38	Mapa de ruas de Paris com destaque para a Avenida Cours-la-Reine.....	89
Figura 39	Le Cours-la-Reine no séc. XVII.....	90
Figura 40	Perspectiva artística da Avenida Champ-Élysés.....	92
Figura 41	Novo plano de Paris e seus subúrbios onde estão marcados todos os bairros, todas as ruas e becos sem saída, todas as igrejas e comunidades desta cidade. Elaborado por M. De La Grive.....	94
Figura 42	Paris, 1859 Muro dos Fermiers Généraux (em azul) Fortificações de Thiers (em vermelho)	98
Figura 43	Foto (tirada entre 1850 e 1851) mostra as demolições já em andamento em torno da Rue de Rivoli e do Palais.....	107
Figura 44	Rue de la Colombe (destruída).....	109
Figura 45	Rue de Marmousets (destruída).....	110
Figura 46	Rue Saint-Christophe (destruída).....	111
Figura 47	Principais inclusões viárias mostrando a extensão da área construída e as muralhas de Paris, na gestão Haussmann, entre 1854 e 1870.....	120
Figura 48	Mapa dos bairros de Paris e seus arrondissements.....	121
Figura 49	Construção da Avenida Frei Serafim onde se pode observar a Igreja de São Benedito ao fundo.....	126
Figura 50	Foto da Av. Frei Serafim com atmosfera ruralista	127
Figura 51	Imagem da Avenue de Champs Elysées.....	130
Figura 52	Vista aérea da Avenida Frei Serafim, onde está localizada a Igreja São Benedito, em Teresina.....	131
Figura 53	Avenida Frei Serafim em 1939, já arborizada, porém com poucos edifícios em sua extensão.....	132
Figura 54	A imponência da avenida com a igreja de São Benedito e seu entorno.....	138
Figura 55	A avenida Frei Serafim, atualmente.....	139

Figura 56	Imagem aérea da avenida em sua extensão, atualmente. Destaque para suas largas calçadas e a arborização.....	140
Figura 57	Imagem do canteiro central da Avenida Frei Serafim, evidenciando o conforto térmico trazido pela arborização local	141
Figura 58	A avenida Frei Serafim, nos anos de 1940	146
Figura 59	A avenida des Champs Élyses, 1900 e avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, 1920	147

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema da Pesquisa	21
1.2 Hipóteses	21
1.3 Objetivos	22
1.3.1 <i>Objetivo Geral</i>	22
1.3.2 <i>Objetivos Específicos</i>	23
1.4 Justificativa	23
2 REFERENCIAL TEÓRICO	25
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
4 DESENVOLVIMENTO	44
4.1 De <i>Lutetia</i> à Paris Medieval: raízes do desenvolvimento urbano	46
4.2 A Paris Gaulesa – Século III a.C. a ascensão dos Parisi	54
4.3 A evolução de Paris na Idade Média	57
4.4 Continuidades e rupturas: Paris no Século XVI – Renascimento	69
4.5 Renovações arquitetônicas e culturais: evolução de Paris no Século XVII	85
4.6 A espinha dorsal da evolução urbana de Paris: a Avenue Des Champs-Élysées	91
4.7 Paris no Século das Luzes	95
4.8 A Revolução Francesa	100
4.9 A Velha Paris de 1850 – Entre a tradição e a modernidade: desafios urbanos <i>Pré-Haussmannianos</i>	102
4.10 Novos edifícios: os imóveis <i>Haussonianos</i>	122
5 ANÁLISES: O IMPACTO HAUSSMANNIANO NO URBANISMO DE TERESINA	124
6 RESULTADOS ALCANÇADOS	142
7 CONCLUSÕES	145
REFERÊNCIAS	149

1 INTRODUÇÃO

A dinâmica evolutiva das cidades é um testemunho das inúmeras forças sociais, econômicas e políticas que as modelam. Teresina, a vibrante capital do Piauí, não é exceção. Este estudo desdobra-se sobre o complexo tecido de eventos históricos e transformações urbanísticas que esculpiram o cenário urbano da cidade. Ao investigar os ecos *hausmannianos* na Avenida Frei Serafim, examinamos como esta artéria vital reflete não apenas a identidade de Teresina, mas também um legado urbanístico que transcende fronteiras e épocas.

Os eventos que levaram ao problema da pesquisa iniciam-se no cenário europeu do século XIX, onde as reformas de Haussmann representaram uma ruptura radical com as estruturas urbanas medievais, introduzindo princípios de organização espacial que viriam a influenciar cidades em todo o mundo. Em Teresina, uma cidade emergente do Nordeste brasileiro, esses princípios encontraram um novo campo de aplicação, moldados pelas necessidades locais e pelo ímpeto de progresso que caracterizou a expansão territorial da região.

O tema abordado na pesquisa é, portanto, o estudo da urbanização de Teresina com particular interesse na Avenida Frei Serafim, considerando o contexto das reformas de Haussmann e a adoção de seus paradigmas urbanísticos em um cenário brasileiro. Este tema, embora reconhecido no campo do urbanismo, ainda é um terreno fértil para a investigação detalhada sobre como as teorias e práticas europeias foram absorvidas e adaptadas ao contexto sul-americano.

Os autores que mais escrevem sobre esta área do conhecimento incluem nomes notáveis no estudo do urbanismo e da história urbana, tanto em âmbitos locais, piauienses que escreveram sobre a história do Piauí e de Teresina, como aqueles autores nacionais e internacionais.

Portanto, a pesquisa pretende responder como Teresina, e mais especificamente a Avenida Frei Serafim, assimilou e reinterpretou os ideais de Haussmann. O objetivo é desvendar como essa avenida se tornou emblemática do desenvolvimento urbano de Teresina, refletindo, através de sua forma e função, as influências das reformas parisienses.

Ao entender a Avenida Frei Serafim como uma manifestação da visão *hausmanniana* dentro do contexto brasileiro, este estudo contribui para o diálogo

entre passado e presente, evidenciando a relevância das estratégias urbanas históricas para o planejamento contemporâneo.

Ao longo desta dissertação, a narrativa histórica da Avenida Frei Serafim será tecida, desentrelaçando como a urbanização guiada pela agropecuária e a subsequente necessidade de infraestrutura urbana convergiram para a adoção de ideais urbanísticos que refletem a estética, a funcionalidade e a visão de Haussmann, tal como observado nas grandes metrópoles europeias.

A Avenida Frei Serafim, com sua vida comercial pujante, seus marcos culturais e seu significado simbólico, revela-se como um cenário onde a história de Teresina é contada, um local onde o sertão se encontra com o urbano, e onde o local abraça o global. Na trajetória de expansão territorial do Nordeste brasileiro, a pecuária destacou-se como um importante motor de urbanização e desenvolvimento regional. Pioneiros agropecuaristas avançaram para o interior, estabelecendo currais estratégicos e promovendo o povoamento além das bacias dos rios São Francisco e Parnaíba, no território que hoje é reconhecido como o estado do Piauí (Figura 1). Esta área, parte do denominado "Sertão de Dentro", se desenvolveu inicialmente pela expansão da atividade pecuária, como mencionado por Abreu (1969).

Figura 1 - Mapa do Brasil destacando o estado do Piauí



Fonte: <https://www.cidade-brasil.com.br/estado-piaui.html>. Acesso em 03 abr. 2024.

A prática da pecuária nos sertões do Nordeste é descrita por Abreu (1969) como vantajosa devido a uma série de fatores que favoreceram sua implementação e expansão.

O gado vacum dispensava a proximidade da praia, pois como as vítimas dos bandeirantes a si próprio transportava das maiores distâncias, e ainda com mais comodidade; dava-se bem nas regiões impróprias ao cultivo da cana, quer pela ingratidão do solo, quer pela

pobreza das matas sem as quais as fornalhas não podiam laborar; pedia pessoal sem traquejamento especial, consideração de alta valia num país de população rala; quase abolia capitais, capital fixo e circulante a um tempo, multiplicando-se sem interstício, fornecia alimentação constante superior aos mariscos, aos peixes e outros bichos de terra e água, usados na marinha [...] (Abreu, 1969, p. 159).

No entanto, o isolamento geográfico das fazendas, acentuado pela vasta distância entre elas e o acesso limitado ao litoral, impôs uma vida de relativo isolamento aos seus habitantes, limitando a comunicação e interação com outros centros urbanos e com o exterior. Esta configuração territorial retardou o surgimento de aglomerados urbanos significativos.

A urbanização limitada do Piauí persistiu apesar do aumento do assentamento humano na região. Cerca de 80 anos após a chegada dos primeiros colonizadores portugueses, as áreas urbanas ainda se caracterizavam por serem pequenas comunidades com população itinerante. Os rios serviram como eixos fundamentais para a ocupação territorial no Piauí, com assentamentos humanos, propriedades rurais e a maioria das concentrações urbanas emergindo em suas proximidades. Além disso, a atividade pecuária impulsionou a criação de diversas paróquias e vilarejos. Muitos desses núcleos urbanos se desenvolveram ao longo das rotas utilizadas pelos rebanhos de gado.

A mudança nesse cenário começou no final do século XVII com a fundação da primeira povoação significativa, a freguesia de Nossa Senhora da Vitória, que foi posteriormente elevada a vila no início do século XVIII, conhecida como Vila da Mocha, localizada nas terras da fazenda Mafrense, às margens do rio Piauí. Com a criação da capitania autônoma do Piauí, essa vila evoluiu para se tornar Oeiras, o epicentro administrativo e político da região.

O discurso em favor da mudança da capital foi articulado pela primeira vez em 1728, quando “Maia da Gama, Governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, com jurisdição sobre a Capitania Piauí, sugeriu a mudança da sede administrativa daquela Vila para a povoação do Poti” (Adrião Neto, 2006, p. 227), mas ao longo do tempo surgiram outras opções à medida que diferentes grupos da elite local influenciavam as discussões.

Em 1848, foi aprovada a mudança para a Vila do Poty, porém essa decisão foi posteriormente revertida. Os habitantes e a elite de Oeiras, que detinham o poder e a influência na região, resistiram à ideia de perder o status de capital. Essa resistência atrasou as decisões e a implementação da transferência.

As discussões sobre a mudança da capital do Piauí foram intensas e polarizadas, envolvendo grupos políticos com interesses contrastantes, que defendiam a transferência, e os opositores, que eram contra. Aqueles interessados na mudança da capital argumentavam que a localização geográfica de Oeiras, distante do rio Parnaíba e do mar, dificultava o comércio, a comunicação e o escoamento de produtos, tanto dentro quanto fora do estado. Eles sustentavam que a capital deveria ser transferida para as margens do Rio Parnaíba, cuja navegabilidade facilitaria o transporte e os contatos comerciais com outras regiões do Brasil.

Em contrapartida, os opositores, principalmente a elite de Oeiras, beneficiavam-se do status da cidade como capital, que gerava empregos, circulação de moeda e sustentava a população local. Eles alegavam que a mudança acarretaria altos custos para os cofres públicos do Piauí, atrasando assim a efetivação da transferência. Além disso, temiam que a perda de recursos com a mudança da capital provocasse uma crise financeira que afetaria a elite política local. Defendiam também que a capital deveria permanecer no centro da província, argumentando que isso seria melhor para o bem público. Essa resistência tornou a transferência ainda mais difícil, uma vez que seria necessário obter um grande número de votos na Assembleia Legislativa Provincial, onde os políticos de Oeiras tinham significativa influência.

A transferência da capital era vista como fundamental para superar os desafios que impediam o desenvolvimento econômico do Piauí, como o isolamento e as grandes distâncias. A nova sede do governo precisava estar em um local com melhores condições de habitabilidade, salubridade, abundância de água e facilidade de comunicação, características que Oeiras não possuía. Somente em 1852, com o apoio de parte da população e de grupos políticos locais, a mudança foi finalmente concretizada (Costa, 2014).

A escolha do local exato para a nova capital passou por ajustes, já que a localização original da Vila enfrentava problemas de inundação do rio Poti devido à sua posição em uma área de terraço fluvial formado pela confluência dos dois rios. Por esse motivo, decidiu-se que a capital deveria ser construída a seis quilômetros ao sul da Vila do Poti, em uma área com altitude mais elevada conhecida como Chapada do Corisco, às margens do Parnaíba, o que facilitaria a navegação.

A efetivação da transferência da capital ocorreria na gestão do presidente José Antônio Saraiva¹. No dia 14 de agosto, Antônio Saraiva chegou a Teresina e autorizou a transferência da Tesouraria para o início de outubro. Apenas dois dias após sua chegada, em 16 de agosto, a Câmara de Teresina oficialmente executou a Lei nº 315, que autorizava a mudança da capital. Durante a cerimônia, Saraiva foi homenageado com o título de Fundador da Cidade de Teresina, solidificando sua imagem como um construtor de cidades.

Em correspondência oficial, Saraiva explicou que sua pressa em implementar a lei e transferir a estrutura burocrática de Oeiras se devia a dois fatores principais: a proximidade da estação chuvosa, que dificultaria o transporte de bens, e a crescente insatisfação entre os habitantes de Oeiras com o processo de mudança. Apesar dessas dificuldades, todos os arquivos administrativos da província foram transferidos em 14 de setembro, e no dia 20 de setembro, a arca-cofre (Figura 3) da Tesouraria, contendo as rendas provinciais, que pertencia a Delegacia do Tesouro da Província, foi escoltado pela força pública até a nova capital (Nunes, 2007).

Esse acontecimento está retratado em pintura guache sobre papel, (Figura 2) datada de 1968, de autoria do artista plástico Francisco de Sousa Barros e que se encontra exposta no Museu do Piauí, na cidade de Teresina, onde se observa um carro de bois levando o cofre e sob a proteção da guarda militar munida de armas e munições, escravos e a população.

Figura 2 - Pintura denominada "Transferência da capital", de autoria de Francisco de Sousa Barros, 1968, exposta no Museu do Piauí



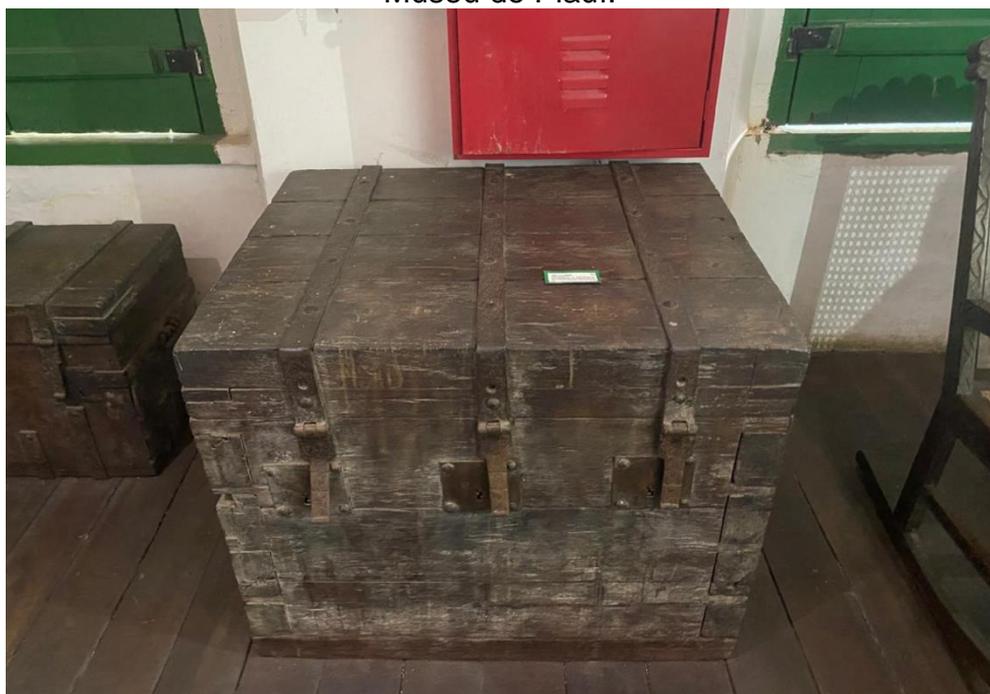
Fonte: Acervo do autor.

¹ Nomeado presidente da Província do Piauí por Carta Imperial, de 19 de junho de 1850. Presidiu a província de 7 de setembro de 1850 a 12 de março de 1853.

A lenda que cerca este episódio dá um toque quase místico à transição. O cofre da tesouraria provincial, que simbolizava o poder e os recursos da província, era guardado com zelo extremo. Este cofre possuía três chaves, cada uma confiada a uma figura proeminente da província: o presidente da província, o chefe do judiciário e o chefe da igreja. Este sistema de segurança tripartite garantia que nenhum indivíduo, por si só, tivesse acesso aos recursos sem a concordância dos outros.

Segundo a tradição oral, a transferência só se completaria quando o cofre (Figura 3) chegasse à nova capital. Assim, em um evento carregado de simbolismo, as três figuras se reuniram para a jornada, simbolizando a transferência de poder e autoridade de Oeiras para Teresina. A viagem era uma representação concreta da mudança de centro administrativo e a cerimônia de abertura do cofre na nova sede marcou o início de uma nova era para a província.

Figura 3 - Arca Cofre da Delegacia do Tesouro da Província que se encontra no Museu do Piauí.



Fonte: Acervo do autor.

O terreno destinado à construção de Teresina fazia parte da sesmaria chamada "Data Covas", e o seu plano urbanístico inicial previa 100 quarteirões destinados a abrigar igrejas, prédios públicos, comerciais e residenciais, além de espaços para cemitério, cadeia, poços e estradas. Esse projeto refletia os anseios da sociedade local, composta pela população da Vila Velha do Poti, pela elite de Oeiras, por migrantes e retirantes, pela população escrava e por pessoas vindas do Leste Maranhense. Com o aumento da ocupação do território, surgiram várias

concentrações populacionais no Piauí, incluindo a pequena povoação próxima à foz do rio Poti, conhecida como Vila do "Poty", e o fortalecimento das vilas de São João da Parnaíba e Santo Antônio de Campo Maior, entre outras na região Centro-Norte, o que intensificou o debate sobre a nova localização da capital (Abreu, 2020; Lima, 2020).

Em 21 de Julho de 1852, a Assembleia Legislativa Provincial publicou a Resolução 315, que elevava a Vila Nova do Poti à categoria de cidade, com o nome de 'Therezina', na Chapada do Corisco, novo local em uma cota mais elevada, não sujeita a enchentes. O nome da cidade Teresina foi dado em homenagem a Teresa Cristina de Bourbon, esposa de Dom Pedro II que teria ajudado na criação da nova cidade com doações para a construção da igreja, marco inicial da cidade (Silveira, 2003).

A cidade de Teresina encontra-se às margens direita do rio Parnaíba, ocupando uma posição geográfica privilegiada na latitude 5°5'20" sul e longitude 42°48'07" oeste, conforme ilustrado na (Figura 4). Esta localização coloca Teresina como a única capital da região Nordeste que não está situada na costa, destacando-se por seu clima tropical e chuvoso. Este clima é marcado por um inverno seco e um verão úmido, contribuindo para uma média anual de precipitação de 1.339 mm. A temperatura média do ar se mantém em torno de 26,8°C, enquanto a umidade relativa do ar apresenta uma média de 70% ao longo do ano, segundo Nunes (2007).

Figura 4 - Localização da cidade de Teresina no mapa do Brasil



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresina#> Acesso em 29 mar. 2024.

O município conta com uma área territorial abrangendo 1.756 km², e população estimada em 844.245 habitantes, resultando em uma densidade demográfica de

584,94 indivíduos por quilômetro quadrado. Limita-se ao Norte com os municípios de União e José de Freitas, ao Sul com Palmeirais, Monsenhor Gil, Nazária, Demerval Lobão e Currealinhos, ao Leste com Altos, Lagoa do Piauí e Pau d'Arco do Piauí, e a Oeste com a cidade maranhense de Timon, formando a Região Integrada de Desenvolvimento da Grande Teresina (SEMDEC, 2010).

Teresina está estrategicamente localizada na região conhecida como Meio-Norte do Piauí que representa uma zona de transição entre o Semiárido Nordestino e a região Amazônica e esteve, até os anos de 1900 contida entre os dois grandes rios, o Parnaíba e o Poti, que percorrem respectivamente 55,57 km e 53,73 km de sua extensão, na zona urbana.

Esta capital planejada, estabelecida no século XIX, constitui um exemplo fascinante da evolução urbana, revelando traços da influência do planejamento de Haussmann. Emergindo com uma identidade própria durante o período pós-independência do Brasil, a cidade desenvolveu-se sob diretrizes que refletem uma fusão das tradições brasileiras e dos ideais europeus de urbanização, que, no século XIX, focavam na racionalidade, estética, higiene, funcionalidade, mobilidade e segurança, transformando as cidades em espaços mais organizados, saudáveis e visualmente impressionantes.

O estudo de sua capacidade de assimilar e recontextualizar esses conceitos permite uma análise profunda da conexão entre as estratégias de planejamento urbano histórico e as práticas de modernização atuais.

A nova capital do Piauí foi concebida com o intuito de atender às demandas por um centro administrativo e comercial eficaz, ao mesmo tempo em que, muitas outras cidades no Brasil, passavam por reformas urbanas e refletiam o pulso das inovações urbanas da época, particularmente aquelas sob a gestão de Napoleão III e Haussmann em Paris.

Distante das largas avenidas da Europa e imersa na realidade singular do Nordeste do Brasil, Teresina representa um ponto de observação privilegiado para compreender a influência do urbanismo europeu nas cidades que se formaram no Novo Mundo. Certamente, a cidade espelhou diretrizes de planejamento urbano não apenas aquelas incluídas na Lei das Índias², mas também, e arriscamos dizer que

² A Lei das Índias foi um conjunto de regulamentos e diretrizes emitidos pela Coroa espanhola a partir do século XVI para governar as colônias espanholas no Novo Mundo. Essas leis cobriam uma vasta gama de assuntos, desde a administração e a justiça até o tratamento dos povos indígenas e a

principalmente, aquelas contidas nas Cartas Pombalinas³, uma vez que o Brasil havia sido colônia Portuguesa. Isso não exclui que exemplos de Paris, de Haussmann, foram também incorporados ao longo do tempo.

A capital do Piauí, está estrategicamente situada na porção oeste do estado, na região conhecida como Meio Norte do Brasil. Fazendo fronteira com Teresina, o imponente rio Parnaíba desenha a linha divisória entre o Piauí e o Maranhão, como se constata na (Figura 5) em toda sua extensão, percorrendo, aproximadamente, 90 km dentro dos contornos urbanos da cidade até encontrar a cidade de Timon, no Maranhão.

Figura 5 - Situação geográfica de Teresina com os rios, Poti e Parnaíba, em suas porções urbanas, e a relação da cidade de Teresina com a cidade maranhense de Timon



Fonte: Google Earth. Acesso em: 04 fev. 2023 com acréscimos do autor.

A pesquisa buscou uma periodização histórica para que fosse possível detectar tendências ou motivações que culminaram em grandes transformações em Paris, evidenciando as diferenças entre várias fases na história, sejam essas diferenças relativas à economia ou de poder. Em cada uma existem resíduos históricos da anterior. Além disso, a pesquisa também realizou um percurso histórico da formação

urbanização das novas cidades. Em termos de planejamento urbano, a Lei das Índias incluía diretrizes detalhadas para o traçado e a organização das cidades, como a disposição de praças, ruas, igrejas e edifícios públicos, visando criar um ambiente ordenado e funcional. Essas diretrizes influenciaram significativamente o desenvolvimento urbano nas **colônias espanholas**, deixando um legado duradouro no urbanismo da América Latina.

³ Emitidas pelo Marquês de Pombal no século XVIII, foram fundamentais para a reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755. Elas introduziram conceitos de planejamento urbano que priorizavam a simetria, a funcionalidade e a prevenção de desastres.

da cidade de Teresina, traçando paralelos e distinções entre os processos de desenvolvimento dessas duas metrópoles tão distintas.

A metrópole de Paris, na virada para o século XIX, era uma cidade de contrastes intensos, onde o esplendor e a miséria coexistiam lado a lado. As ruelas estreitas e sinuosas, da era medieval, tornaram-se símbolos de uma cidade que sufocava sob o peso de sua própria história. Era uma Paris que lutava com a insalubridade, superlotação e uma imagem distante da grandiosidade e ordem que o Segundo Império Francês aspirava projetar. Foi neste cenário que Haussmann⁴ foi incumbido de uma missão transformadora: reimaginar e reconstruir Paris.

Barão Haussmann, com a bênção de Napoleão III, embarcou em uma ambiciosa jornada de renovação urbana, cujas ondas de choque reverberariam ao longo dos séculos. As suas intervenções foram profundas: ele rasgou as entranhas da cidade antiga para pavimentar caminho para amplas avenidas, bulevares ladeados de árvores e espaços abertos que facilitavam o fluxo e a higiene, ao mesmo tempo em que facilitavam a implementação de forças de segurança. Haussmann estava criando uma cidade que podia respirar, uma cidade onde a luz e o ar poderiam circular com a mesma liberdade que as pessoas e as ideias.

Sua visão também englobava a estética e a funcionalidade, harmonizando a arquitetura com os espaços públicos. Sob sua direção, Paris foi adornada com parques, jardins e edifícios públicos imponentes, que não apenas embelezaram a cidade, mas também promoveram uma vida urbana mais saudável e vibrante. O antigo labirinto de ruas estreitas deu lugar a uma rede racionalizada de vias que organizava o tráfego e impulsionava o comércio.

No entanto, as transformações de Haussmann não estavam isentas de críticas e controvérsias (Harvey, 2007). A modernização veio com um custo humano e financeiro significativo. Bairros inteiros foram desalojados para acomodar os novos bulevares e edificações, causando deslocamento e agitação entre as classes

⁴ Georges-Eugène Haussmann, nascido em Paris em 27 de março de 1809 e falecido na mesma cidade em 11 de janeiro de 1891, frequentemente conhecido apenas como Barão Haussmann, foi prefeito do antigo departamento do Sena — que abrangia os atuais departamentos de Paris, Hauts-de-Seine, Seine-Saint-Denis e Val-de-Marne — entre 1853 e 1870. Tornou-se uma figura emblemática na história do urbanismo, responsável pela grande remodelação de Paris, e por isso muitas vezes chamado de "artista demolidor". Haussmann assumiu o posto de prefeito do Sena em 29 de junho de 1853, tendo seu mandato destacado pela transformação radical da estrutura urbana da cidade de Paris (Choay, 2003).

trabalhadoras. Além disso, o financiamento das reformas foi alvo de escrutínio e suspeitas de corrupção.

Neste contexto histórico, as semelhanças com Teresina tornam-se um ponto focal intrigante. Teresina, foi a primeira cidade planejada do Brasil para ser capital e é, frequentemente, mencionada por seu desenho urbano que evoca algumas das estratégias de urbanização europeias do século XIX. A administração da cidade, na época, pode ter se inspirado nas reformas urbanas europeias que repercutiam no Brasil, ainda que, não haja registros históricos diretos que liguem o planejamento de Teresina ao Barão de Haussmann, ou ao arquiteto responsável pela grande reforma urbana de Paris, na mesma época.

Na intenção de descobrir como Teresina, uma cidade com suas raízes no planejamento e desenvolvimento urbano do século XIX, absorveu e reinterpretou esses princípios urbanos e influências *haussmannianas*, a pesquisa traça paralelos com Paris e explora as peculiaridades da adaptação desses ideais.

1.1 Problema da Pesquisa

Até que ponto as reformas urbanísticas promovidas por Haussmann, em Paris influenciaram o traçado e o desenvolvimento da Avenida Frei Serafim em Teresina, Piauí, no século XIX, considerando seu papel no tecido urbano da cidade atualmente?

1.2 Hipóteses

Esta análise investiga a hipótese de que as transformações urbanísticas promovidas por Haussmann em Paris, extensivamente documentadas e divulgadas, possam ter demonstrado eficácia a ponto de serem consideradas modelos replicáveis em diversas outras cidades do mundo, inclusive e especialmente, em Teresina. Tais transformações impactaram as práticas de planejamento urbano, especialmente no que diz respeito à criação de amplas avenidas e espaços públicos. Um exemplo evidente disso é a construção da avenida Frei Serafim, que se tornou a principal via da cidade e continua a desempenhar um papel crucial como centro cultural, econômico, turístico e até político. Quando os cidadãos de Teresina desejam expressar descontentamento ou apoio a uma causa política, encontram na Avenida Frei Serafim o local ideal para reunir-se, passar ou concluir manifestações. Mesmo

sem abrigar a sede da prefeitura ou outras instituições governamentais, esta avenida se tornou o epicentro das manifestações populares, graças à sua carga simbólica profundamente enraizada no imaginário coletivo.

Era, também, até o início dos anos 2000, na Avenida Frei Serafim que se realizavam os desfiles alusivos às comemorações cívicas do Sete de Setembro, data em que se comemora a Independência do Brasil, e ali também aconteciam os desfiles carnavalescos.

Pela Avenida Frei Serafim, transitam diariamente, milhares de pessoas com destinos e objetivos distintos.

A pesquisa pretende provar que as intervenções urbanas promovidas por Haussmann em Paris, no século XIX, tiveram um impacto duradouro no planejamento urbano de cidades brasileiras, refletindo-se em elementos como a organização do espaço público, a arquitetura de edifícios públicos e privados, bem como a concepção de avenidas e *boulevards*.

1.3 Objetivos

A pesquisa explora o legado duradouro de Haussmann para verificar até que ponto, a sua abordagem urbanística ecoa nas estratégias de desenvolvimento da cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, no Brasil. Para que fosse possível determinar os motivos que culminaram com a necessidade de intervir no espaço urbano de Paris, essa pesquisa fez um apanhado do processo de crescimento e desenvolvimento urbano de Paris desde seus primórdios. A história de Paris como ponto de partida para entender o motivo daquelas transformações *haussmannianas* tenham viajado no tempo e no espaço chegando a terras tão distintas, como Teresina, no nordeste do Brasil.

1.3.1 Objetivo Geral

Apresentar elementos que representem a incorporação e adaptação de influências das inovações urbanísticas de Haussmann em Paris (França), século XIX, no planejamento e construção da Avenida Frei Serafim.

1.3.2 Objetivos Específicos

- 1 Identificar elementos específicos das reformas parisienses que foram incorporados nas práticas de planejamento urbano em Paris e aplicadas na cidade de Teresina;
- 2 Examinar a evolução urbana de Paris desde suas origens romanas até as reformas lideradas por Haussmann no século XIX;
- 3 Verificar o impacto duradouro das reformas urbanas *Hausmannianas*;
- 4 Verificar as principais características das intervenções urbanas promovidas por Haussmann, pelas suas reformas.

1.4 Justificativa

A justificativa para a realização desta pesquisa reside na importância de compreender as influências e interações entre movimentos urbanísticos ao longo da história, especialmente no que tange à transferência de ideais e práticas de um contexto europeu, notavelmente parisiense, para o cenário brasileiro, em particular para a cidade de Teresina, Piauí. As reformas urbanísticas de Haussmann em Paris, no século XIX, representam um marco na história do urbanismo, caracterizando-se pela radical transformação do tecido urbano pela desapropriação de terras, criação de um novo sistema viário, e formação de novos bairros, elementos que visavam não apenas a modernização da cidade, mas também a promoção de uma vida urbana mais saudável e ordenada. Similarmente, as diretrizes de Vitruvius, em Roma, enfatizavam a importância da escolha de um local saudável, o uso adequado dos recursos naturais, e a disposição dos edifícios de maneira funcional e estética. Vitruvius destacava a simetria, a proporção e a harmonia como princípios fundamentais para o planejamento urbano, influenciando a criação de espaços urbanos que priorizassem a funcionalidade e a beleza, aspectos que ressoam nas transformações promovidas por Haussmann.

A relevância deste estudo se amplia ao considerar a possibilidade de que os princípios do que estimularam o urbanismo em Teresina possam ter raízes nas práticas urbanísticas de Haussmann. Investigar até que ponto estas ideias influenciaram o planejamento e desenvolvimento de Teresina, especialmente na construção da Avenida Frei Serafim, permite não apenas uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas de transferência cultural e técnica entre continentes, mas também oferece insights valiosos sobre a formação da identidade urbana de Teresina.

Além disso, a análise das interações entre as tradições urbanísticas brasileiras e os ideais europeus de urbanização contribui para o debate acadêmico sobre a globalização das práticas urbanísticas e a localização dessas práticas em contextos específicos, considerando as particularidades culturais, sociais e econômicas. Este estudo, portanto, não apenas preenche uma lacuna no conhecimento sobre a história urbana de Teresina, mas também contribui para a compreensão de como teorias e práticas urbanísticas são adaptadas e reinterpretadas em diferentes contextos geográficos e culturais.

Finalmente, ao elucidar a influência das reformas de Haussmann no planejamento urbano de Teresina, esta pesquisa oferece uma perspectiva histórica que pode informar debates contemporâneos sobre desenvolvimento urbano, planejamento e sustentabilidade em cidades que enfrentam desafios semelhantes de crescimento, modernização e preservação do patrimônio histórico. Assim, este estudo não apenas contribui para a historiografia urbanística, mas também para o planejamento e a gestão urbanos contemporâneos, ao oferecer lições do passado que podem iluminar as práticas presentes e futuras.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é entendido como a fundamentação teórica de uma pesquisa. Refere-se a uma revisão das investigações e discussões feitas, por pesquisadores, sobre o um determinado tema, sobre uma determinada questão.

Então, a natureza e propósitos deste estudo investigativo, exigiu leitura teórica densa da literatura sobre os processos históricos e contemporâneos da urbanização e sobre as dinâmicas de crescimento do estado do Piauí e da criação de Teresina para ser capital do estado, e também, da cidade de Paris, especialmente as intervenções feitas por Haussmann para identificar, caracterizar e contextualizar o espaço público. Nessa mesma linha, foram estudados o desenvolvimento urbano de Paris e da cidade de Teresina, capital do estado do Piauí, que tem em sua principal avenida o local de interesse da pesquisa.

O referencial teórico é o próprio embasamento teórico que afiança a qualidade científica ao trabalho, ou seja, dá sustentação ao tema em questão e garante credibilidade e qualidade técnica ao trabalho científico.

Para fundamentar o entendimento sobre os processos e práticas econômicas sobre a produção do espaço urbano, a leitura, entre outras, de obras, tais como: “A cidade do pensamento único” de Otília Arantes, Carlos Vainer e Ermínia Maricato (2002); “O espaço intra-urbano”, de Flávio Villaça (2001); “A produção do espaço urbano”, de Mark Gottdiener (1997); “Transformação Urbana – Projetando novos bairros em antigas periferias”, de Anamaria de Aragão Martins (2012). Ainda sobre o papel dos agentes públicos no planejamento urbano, “A cidade e a lei: legislação, política urbana e territorial na cidade de São Paulo”, de Raquel Rolnik (1997), dentre outros.

Mauro Calliari, em seu livro “Espaço público e urbanidade”, fala sobre a relação entre as pessoas e o ambiente urbano em que vivem. O autor destaca que,

Espaço público é uma daquelas expressões carregadas de significados. Pode se referir ao ambiente físico que pertence a todos; pode ter também um sentido jurídico, explicitando lugares e construções que são de posse do poder público; pode, ainda, ter um sentido político, quando se refere à esfera pública, o ambiente onde se discutem as coisas da cidade (Calliari, 2016, p. 22).

Construir cidades exige criar espaços públicos que, ao longo do desenvolvimento daquela sociedade se tornará parte do cenário do dia a dia daquela

população e ganhará significados próprios. O foco histórico e geográfico dessa pesquisa é identificar especialmente a influência das obras promovidas por Haussmann, em Paris, sua influência na construção da avenida Frei Serafim em Teresina, e a importância dessa avenida como espaço urbano para a cidade.

No contexto da pesquisa, o artigo de Araujo e Docampo (2022) é crucial para entender a evolução urbana no século XX, marcada não apenas pela construção de infraestruturas, mas também pela crescente preocupação com a higiene e a recreação, fundamentais para a qualidade de vida nas cidades. Os autores argumentam que, diante de um cenário de contaminação e condições insalubres prevalentes nas áreas urbanas, é essencial a criação de espaços verdes que possam servir tanto como pulmões urbanos para purificar o ar quanto como áreas de lazer para a população.

Esses espaços não são apenas essenciais para a sustentabilidade ambiental, mas também desempenham um papel social significativo, oferecendo locais para descanso e atividades recreativas que enriquecem a vida comunitária. A inclusão de jardins e áreas verdes no planejamento urbano, conforme discutido por Araujo e Docampo (2022), reflete uma mudança paradigmática de simplesmente desenvolver cidades para criar paisagens urbanas que integrem harmoniosamente a natureza e as estruturas construídas.

Para Callieri (2016), o espaço público desempenha um papel fundamental na compreensão da cidade contemporânea por ser um reflexo das relações sociais, políticas e culturais que ocorrem nesse contexto urbano. Ele argumenta que o espaço público não é apenas uma área física, mas também um campo de interação onde diversas forças e dinâmicas se encontram e se manifestam. A cidade medieval, cujos muros, buscavam não só delimitar e proteger seu espaço, mas também, suas igrejas e castelos eram símbolos visíveis de poder. Na cidade Barroca temos Paris com seus palácios, praças e grandes eixos viários, que possibilitavam a passagem dos exércitos nacionais, eram também espaços de representação de poder.

A simetria de fachadas impostas nas ocasiões das reformas urbanas em Paris, e os grandes eixos retilíneos contrastava com o tecido medieval original e foi o padrão construtivo que moldou parte do espaço urbano de muitas cidades. O impacto das avenidas na vida cotidiana é grande. Lewis Mumford chega a dizer que a vida local foi sacrificada pela avenida (Callieri, 2016, p. 38).

No desenvolvimento do referencial teórico sobre revitalização de espaços urbanos, o trabalho de Junia Marques Caldeira e Ana Luiza Padrão (2014), intitulado "Revitalização das praças nas quadras 700: um exercício de projeto", publicado na revista *Universitas: Arquitetura e Comunicação Social* em 2014, é fundamental. Neste estudo, as autoras exploram a importância da requalificação de praças urbanas como meio de reativar o uso público desses espaços, promovendo não apenas a estética urbana, mas também a interação social e a sustentabilidade ambiental. O artigo enfatiza a necessidade de integrar acessibilidade, segurança e estratégias paisagísticas que maximizem o conforto e a funcionalidade para os usuários. A abordagem proposta por Caldeira e Padrão serve como um modelo exemplar de como intervenções cuidadosas em espaços públicos podem revitalizar áreas urbanas e melhorar significativamente a qualidade de vida na cidade. Essa perspectiva é particularmente relevante para projetos de revitalização que visam transformar espaços urbanos em locais mais acolhedores e utilizáveis pela comunidade.

Jane Jacobs (2011) enfatizava a importância da centralidade, do limite, da diversidade de usos, e da presença de áreas sombreadas e ensolaradas em espaços urbanos. Ela acreditava que esses elementos contribuem para criar um ambiente urbano vibrante e sustentável. A Avenida Frei Serafim, como uma das principais vias de Teresina, exemplifica em parte esses princípios. A avenida serve como um eixo central na cidade, definindo um limite claro entre diferentes áreas urbanas. Além disso, ao longo dos anos, a avenida desenvolveu uma diversidade de usos, com estabelecimentos comerciais, residências e instituições religiosas, como a Igreja de São Benedito, que adicionam dinamismo ao espaço.

Embora a concepção original da Avenida Frei Serafim possa não ter sido influenciada diretamente pelos ideais modernos de planejamento urbano de Jacobs, suas características atuais mostram uma convergência com alguns desses princípios. A existência de espaços tanto sombreados quanto ensolarados ao longo da avenida proporciona conforto ambiental, e o entorno pulsante, com atividades comerciais e sociais, alimenta a vivacidade do espaço, algo que Jacobs defendia arduamente.

Para reconstruir a rica história da Avenida Frei Serafim, ilustrada na (Figura 10), esta pesquisa se fundamentou em narrativas de diferentes períodos, extraídas das obras de Matias Matos, "Avenida Frei Serafim – Memórias de um Tempo que Não Acaba" (2011), e Pamela Franco, "Avenida Frei Serafim – Anotações sobre uma Paisagem Moderna" (2017). Nestes trabalhos, são exploradas não apenas a história

da emblemática avenida, mas também os valiosos relatos de antigos moradores, oferecendo uma visão envolvente e multifacetada deste importante marco urbano.

A história da colonização do Piauí ganha contornos marcantes a partir de 1670, com Domingos Affonso Mafrense liderando a exploração e a conquista das terras sertanejas brasileiras. Junto a ele, Francisco Dias d'Ávila, descendente de Garcia d'Ávila, compartilhava dessa jornada, ambos amparados por patentes militares que legitimavam sua atuação pioneira na expansão colonial para o interior. Francisco Dias D'Ávila assumiu o posto de Coronel Comandante, enquanto Domingos Affonso Mafrense foi nomeado capitão do exército, estabelecendo um marco na história da colonização do território (Chavez, 1998).

Os rios Parnaíba e São Francisco desempenharam papéis cruciais como vias de penetração para o interior, facilitando o trânsito dos rebanhos de gado trazidos pelos desbravadores. Ao longo da primeira metade do século XIX, diversas vilas surgiram nas margens desses rios e de seus afluentes, como os rios Gurguéia e Poti, evidenciando a importância dessas vias fluviais na ocupação e no desenvolvimento da região.

Em um movimento estratégico de consolidação territorial e administrativa, a Coroa Portuguesa, em 1758, por meio de uma Carta Régia, instituiu a Capitania de São José do Piauí, uma homenagem ao rei D. José I. Nesse mesmo ato, a Vila do Mocha foi elevada à categoria de capital da nova capitania, sendo rebatizada como Oeiras, (Figura 1), em tributo à cidade portuguesa de origem do Marquês de Pombal, o poderoso Secretário de Estado do Reino. Este gesto não apenas reforçou a presença colonial na região, mas também estabeleceu um vínculo direto com as raízes portuguesas, marcando um novo capítulo na história do Piauí e fortalecendo os laços políticos e culturais com Portugal.

A escolha de Oeiras (Figura 6) como capital não foi aleatória; refletia uma estratégia deliberada da Coroa para afirmar seu controle e influência sobre o território, em um período em que a expansão e a defesa das fronteiras coloniais eram imperativas. Além disso, a elevação de uma vila a capital simbolizava o reconhecimento da importância da região no contexto do Império Português, promovendo o desenvolvimento administrativo, econômico e social. A nomeação de Oeiras, em particular, homenageando a cidade natal do Marquês de Pombal, destacava a influência deste estadista na reforma e modernização do império, incluindo suas políticas de fortalecimento das estruturas administrativas coloniais.

Este momento histórico não apenas consolidou a presença portuguesa no Piauí, mas também iniciou uma era de transformações significativas na organização social, econômica e urbana da região. A fundação de Oeiras como capital da Capitania de São José do Piauí representou um marco no processo de colonização e desenvolvimento do território, estabelecendo as bases para o crescimento futuro e a formação da identidade piauiense.

Figura 6 - Mapa de Oeiras Colonial



Fonte: Disponível em http://oeiras_brasil.blogs.sapo.pt, acesso em 24 mar. 2024.

Durante o período colonial brasileiro, já se debatia a necessidade de transferência da capital da Província⁵, que estava sediada na cidade de Oeiras, sob o argumento que Oeiras não oferecia condições físicas e geográficas para o desenvolvimento econômico de um estado. Entre essas limitações estavam as condições climáticas semiáridas, a ausência de grandes rios para navegação e transporte de mercadorias, e a baixa fertilidade do solo para a expansão agrícola. Nesse contexto, a navegação a vapor surgiu como uma alternativa promissora, com o rio Parnaíba emergindo como um elemento crucial para fundamentar essa mudança e integrar a Província à economia nacional, diminuindo a dependência em relação às cidades maranhenses de Caxias e São Luís (Lima, 2002).

Essa intenção de transferência da capital provocou debates ao longo do período colonial e imperial, com momentos de maior intensidade e outros de relativa calma, dependendo dos grupos sociais que estavam no poder na Província. Esses

⁵ Na época colonial e imperial do Brasil, o território era dividido em províncias, que eram grandes divisões administrativas, e não em cidades. Oeiras era a cidade que servia como sede administrativa da Província do Piauí.

debates tinham como objetivo encontrar soluções para superar os desafios econômicos e sociais e inserir a Província no contexto do desenvolvimento, progresso e modernização (Andrade, 2016).

A transferência da capital da Província do Piauí, de Oeiras para a Vila Nova do Poti, hoje conhecida como Teresina, em 1852, representa um evento significativo no contexto histórico do Brasil. Esta mudança ocorreu durante o período do Império Brasileiro, uma era marcada pela consolidação territorial e desenvolvimento administrativo nas províncias brasileiras.

O gestor responsável por essa decisão foi José Antonio Saraiva, que atuou como presidente da Província do Piauí, entre 1850 e 1853, no Segundo Reinado, sob o governo de Dom Pedro II, um período caracterizado por reformas e modernização administrativa e infra estruturais em todo o território nacional (Saraiva, 2016).

Conforme analisado por Oliveira (2001), a mudança da capital foi impulsionada por razões políticas e econômicas. Oeiras, para se manter capital, precisava superar desafios logísticos significativos, principalmente em termos de comunicação e transporte. Isolada e com acesso limitado o que dificultava a integração da Província do Piauí com outras províncias brasileiras. Nesse período, as províncias brasileiras buscavam maior autonomia econômica e política, e essa mudança da capital, era vista como um passo crucial nessa direção. A nova localização permitia um acesso mais direto aos principais centros comerciais e políticos do país, além de estimular o desenvolvimento local, pelo comércio fluvial.

Havia, assim, uma crescente necessidade de reduzir a dependência econômica do Piauí em relação ao Maranhão. Dessa forma, a transferência para a Vila Nova do Poti era vista como um passo estratégico para a integração e o desenvolvimento regional.

A história da transferência da capital da Província do Piauí de Oeiras para a Vila Nova do Poti, atualmente conhecida como Teresina, em 1852, marca um período significativo na história política do Brasil. Esta decisão, tomada durante o governo de José Antonio Saraiva (1850-1853), reflete uma estratégia para enfrentar desafios socioeconômicos e políticos na região (Santos, 1998).

A Vila Nova do Poti (Teresina), estava situada às margens do rio Parnaíba, um importante eixo fluvial que facilitava o transporte e o comércio, promovendo uma melhor integração regional e nacional.

A localização da nova capital, às margens do rio Parnaíba, foi uma escolha estratégica para melhorar a comunicação e o comércio. O rio Parnaíba, como uma via fluvial importante, oferecia um caminho natural para o transporte e o comércio, facilitando a interação com outras regiões e contribuindo para o crescimento econômico do Piauí (Carvalho, 2004). Essa mudança significativa visava colocar a Província do Piauí mais próxima do cenário nacional e internacional, fortalecendo sua posição no contexto brasileiro.

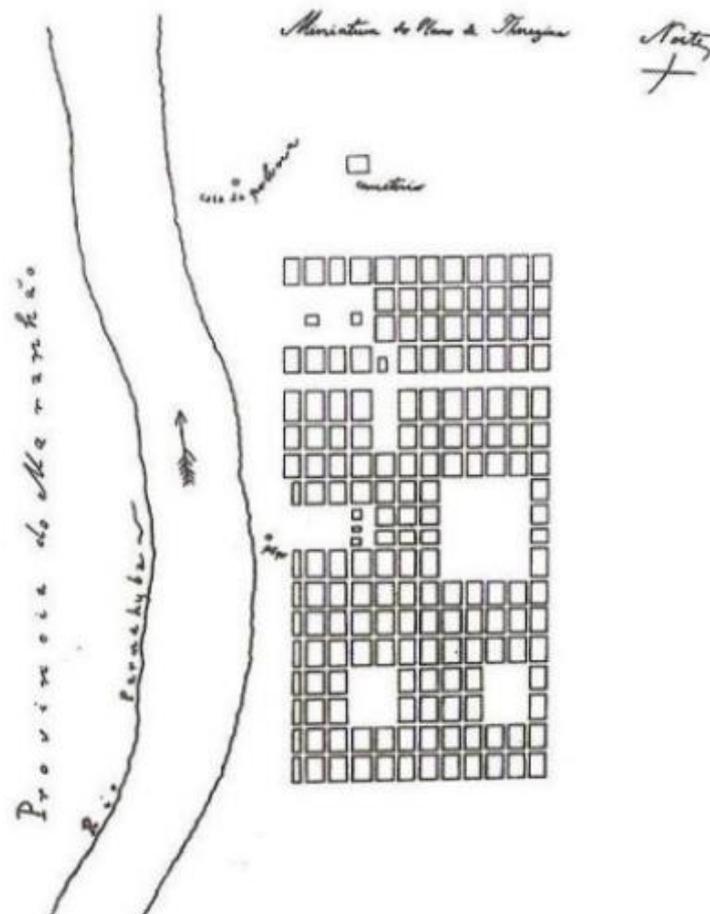
Ao mudar a capital para um local geograficamente vantajoso, ele não apenas resolveu problemas imediatos de comunicação e dependência econômica, mas também posicionou a Província para um crescimento sustentável a longo prazo. Esta mudança teve um impacto duradouro na história e na identidade do estado do Piauí (Ferreira, 2007).

Portanto, a escolha de Teresina como nova capital, não foi apenas uma decisão administrativa, mas também uma estratégia de fortalecimento político e econômico. A mudança refletiu um movimento mais amplo no Brasil de descentralização e fortalecimento das províncias, um aspecto crucial na formação da nação brasileira.

A fundação de Teresina, diferentemente da maioria das cidades brasileiras que surgiram de forma orgânica ao redor de portos e estradas antigas, foi um ato de planejamento e intenção. Inaugurada em 1852, a cidade já nasceu no período pós-independência do Brasil, em um momento de forte influência europeia sobre o urbanismo brasileiro.

O desenho urbano inicial da nova capital assemelhava-se a um tabuleiro de xadrez, com ruas paralelas orientadas em relação ao rio Parnaíba, (Figura 7), que servia como elemento central na concepção da cidade. Isso permitiu que as primeiras edificações públicas fossem estrategicamente posicionadas, como a Igreja de Nossa Senhora do Amparo, a Cadeia Pública, o Cemitério São José, o Quartel, o Hospital da Caridade, o Mercado Público, a Igreja de Nossa Senhora das Dores e a Igreja de São Benedito, localizadas no Alto da Jurubeba.

Figura 7 - Desenho Urbano de Teresina elaborado pelo Mestre João Isidoro França



Fonte: Castello Branco Filho, Moysés. O povoamento do Piauí (1976).

As correntes do pensamento europeu, que ecoavam as ideias iluministas de racionalidade e ordem, permearam o planejamento da cidade. Teresina foi estruturada com uma grelha ortogonal, característica das cidades planejadas da época, refletindo um desejo de modernidade e progresso.

Durante o período colonial, o Piauí era uma província que respondia a Portugal, assim, a influência portuguesa na urbanização foi evidente. É provável que o desenho inicial da cidade proposto por Saraiva tenha se baseado nas Cartas Pombalinas, que, por sua vez, foram inspiradas nos escritos de Vitruvius⁶. As diretrizes da Lei das Índias também podem ter desempenhado um papel indireto. A retícula ortogonal de Teresina

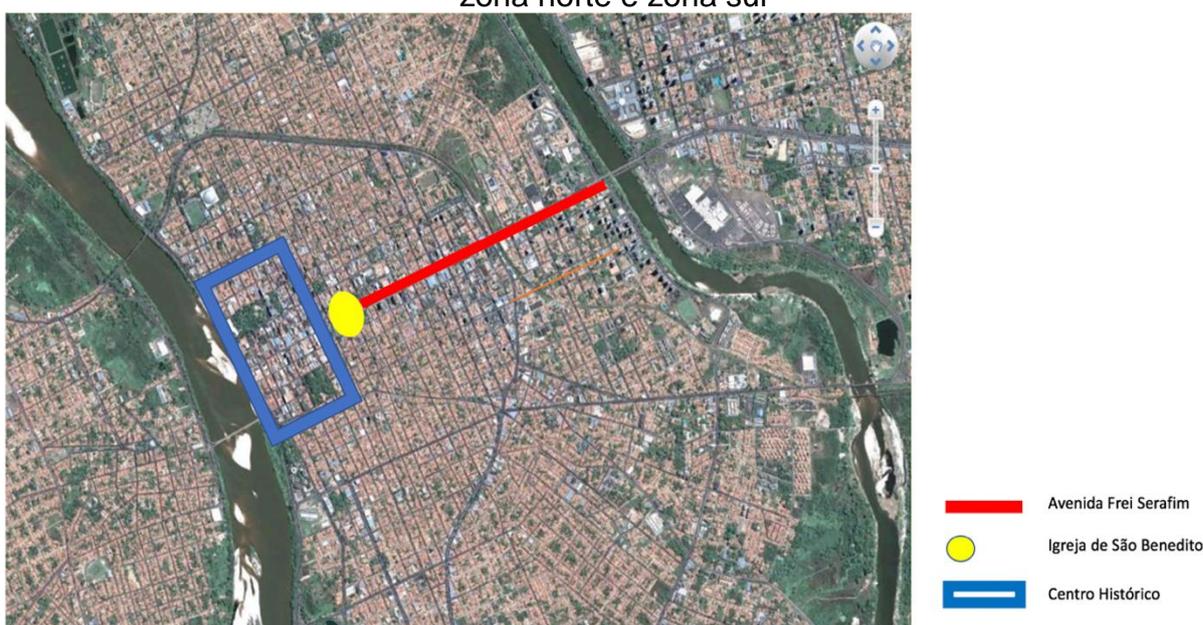
⁶ Vitruvius, arquiteto e engenheiro romano do século I a.C., é conhecido por seu tratado "De Architectura." Enfatizava a escolha de locais saudáveis para cidades, a orientação das ruas para ventilação adequada, e a importância da proporção e simetria. Vitruvius defendia uma organização urbana com grelhas ortogonais. Suas diretrizes influenciaram a urbanização através dos séculos, incluindo a adaptação pelos planejadores portugueses nas Cartas Pombalinas e no traçado de Teresina.

reflete claramente a aplicação desses princípios, adaptados através das reformas pombalinas para se adequar ao contexto colonial brasileiro.

Ao longo do século XIX, ocorreu em Teresina um aumento significativo da população e uma expansão limitada de seus territórios originais, apesar de manter características predominantemente rurais e uma infraestrutura precária. Nesse período, pequenas propriedades rurais, algumas com atividades agrícolas e criação de animais, ocupavam a região. Por volta da década de 1860, a cidade se estendia por aproximadamente um quilômetro no sentido Norte-Sul, desde o Largo do Quartel até o Barroão (denominação popular para um canal de drenagem com um leito consideravelmente profundo em relação às suas margens). Entretanto, seu crescimento no sentido Leste-Oeste era menos notável e não se aproximava dos cursos dos rios Poti e Parnaíba.

A área escolhida para comprovar a hipótese dessa pesquisa trata-se da Avenida Frei Serafim (Figura 8), uma via que se destaca como a principal da capital piauiense, tanto por seu valor histórico quanto arquitetônico e urbanístico. Esta avenida divide a cidade entre as zonas sul e norte e, anteriormente, era conhecida e mapeada como Estrada Real de Teresina, compreendendo o trecho que vai da Igreja São Benedito à Ponte Juscelino Kubitschek, até o leito do rio Poti, e pode-se dizer que essa avenida é a *coluna vertebral* da cidade.

Figura 8 - Visão geral do centro inicial de Teresina, e a evolução da cidade entre os rios Parnaíba (à esquerda) e Poti com a avenida Frei Serafim dividindo a cidade em zona norte e zona sul



Fonte: Google Earth. Acesso em 14 abr. 2024.

Durante os períodos administrativos municipais de Luis Pires Chaves, entre 1932 e 1935, e de Lindolfo Monteiro, de 1936 a 1945, Teresina viu a concretização de projetos urbanísticos que incluíram a abertura de amplas avenidas. Estas não apenas facilitaram o acesso e o fluxo de trânsito na cidade, mas tiveram um papel complementar na malha viária existente, com um foco particular na conexão e valorização da Avenida Frei Serafim.

O rio Poti, serpenteia pela cidade, na porção leste, entrelaçando-se com a urbanização, antes de desaguar no Rio Parnaíba. Para interligar os dois rios e promover a urbanização da cidade, foi pensada a construção de uma avenida, a que hoje conhecemos como a Avenida Frei Serafim.

A Avenida, com aproximadamente 2 km de extensão, conforme ilustrado na (Figura 9), é uma via emblemática e multifuncional que desempenha um papel crucial no cotidiano de Teresina, atuando como uma linha divisória entre as zonas Norte e Sul da cidade, além de conectar a zona Central à zona Leste através da ponte Juscelino Kubitschek. Seu nome presta homenagem ao Frei Serafim de Catânia, um missionário Capuchinho que, ao se estabelecer em Teresina no ano de 1874, contribuiu significativamente para o desenvolvimento social e cultural da região, construindo a icônica igreja de São Benedito, que não apenas marca o início do trajeto da avenida, mas também se tornou um símbolo histórico e religioso para a cidade.

Frei Serafim de Catania iniciou a construção da Igreja de São Benedito em Teresina com o lançamento da pedra fundamental em 13 de junho de 1847. Para isso, ele trazia materiais, principalmente barro, do Rio Poti, marcando o início do que viria a ser a Avenida Frei Serafim. A igreja foi concluída em 1886, após 12 anos de trabalho. Inicialmente, a via era conhecida como Estrada Real e ligava o Alto da Jurubeba, onde está localizada a Igreja de São Benedito, às margens do Rio Poti.

No final do século XIX, Teresina era delimitada pelo Rio Parnaíba e por algumas elevações notáveis: o Alto da Pitombeira, onde hoje está o Liceu Piauiense; o Alto da Moderação, atualmente a Praça Demóstenes Avelino, conhecida como Praça do FRIPISA; o Alto da Jurubeba, local onde se ergueu a Igreja de São Benedito; e os grotões da zona sul. A Avenida Frei Serafim ainda não existia, e a expansão urbana da cidade ocorria principalmente ao norte e ao sul, seguindo o curso do Rio Parnaíba. Naquele período, o que hoje conhecemos como Avenida Frei Serafim era apenas uma

⁷ Fonte: <https://www.ipatrimonio.org/teresina-igreja-sao-benedito-nivel-estadual-e-federal/#!/map=38329&loc=-5.090228,-42.810874999999996,17> Acesso em 20 de Maio de 2024.

trilha rudimentar. Esta trilha foi estabelecida por Frei Serafim de Catania para facilitar o transporte de materiais como areia, pedras, água e tijolos de barro, essenciais para a construção da Igreja de São Benedito pelos devotos do santo. A fachada principal da Igreja de São Benedito, em Teresina, está estrategicamente voltada para o Oeste, direcionada para o Rio Parnaíba, onde se localizava o núcleo urbano original da cidade. O local escolhido para a construção da igreja era palco de manifestações religiosas espontâneas realizadas por pessoas mais pobres, especialmente aquelas de cor negra, escravos alforriados e seus descendentes, que veneravam São Benedito, um santo também negro. Frei Serafim de Catania decidiu construir a igreja no Alto da Jurubeba não apenas devido a essas manifestações religiosas, mas também porque ali já existia um cruzeiro fincado, marcando o local como um espaço sagrado e de devoção popular (Matos, 2017).

Com a conclusão da Igreja de São Benedito em 1886, a área ao redor começou a ser modernizada, transformando-se em um eixo simbólico urbano. Isso incluiu a proibição de construções de apenas um pavimento e a demolição de casas cobertas de palha para higienizar e limpar a área. Em 1936, a avenida recebeu calçamento e nova iluminação, além de uma ponte de madeira sobre o Rio Poti, que foi posteriormente substituída por uma ponte de concreto em 1957.

No início do século XX, a Avenida Frei Serafim começou a se destacar como uma área nobre em Teresina, atraindo as famílias mais prósperas da cidade, que ali estabeleceram suas residências (Viana; Sousa, 2005). Um marco importante dessa época foi a construção, em 1936, de uma ponte de madeira sobre o rio Poti, que por muitos anos serviu como a única ligação entre o centro da cidade e a zona leste. Esta ponte, situada próxima ao primeiro conjunto habitacional vertical de Teresina, o João Emílio Falcão, acabou sendo destruída em 1947 por uma forte enchente, que a partiu ao meio (Barbosa, 1991).

Pouco antes desse evento, em 1941, o Hospital Getúlio Vargas foi fundado, trazendo consigo um novo capítulo de modernização para a Avenida Frei Serafim. Essa modernização não se deu apenas pelas tecnologias avançadas introduzidas nos serviços de saúde pública, mas também pela arquitetura imponente do hospital, que seguia o estilo Art Déco, uma marca do governo do Estado Novo, que priorizava construções públicas com volumes limpos e racionais (Matos, 2011). O Hospital Getúlio Vargas, rapidamente considerado um dos mais completos da região, se tornou

um catalisador para o desenvolvimento de um polo de saúde ao longo da avenida, que hoje é responsável por grande parte do fluxo de pedestres na área.

Antes da construção da ponte de concreto armado na década de 1950, a Avenida Frei Serafim se estendia desde o Alto da Jurubeba, onde se encontra a Igreja São Benedito, até o Hospital Getúlio Vargas. Nas suas extremidades, a paisagem era marcada por chácaras, sítios e fazendas, que então ocupavam o que hoje é o final da via (Viana; Sousa, 2005).

Durante o período colonial, o Piauí era uma província que respondia a Portugal, e o traçado urbano proposto por Saraiva para Teresina provavelmente se baseou nas Cartas Pombalinas, as quais, por sua vez, eram inspiradas nos escritos de Vitruvius. A estruturação ortogonal da cidade reflete esse legado de planejamento urbano, que buscava modernidade e progresso.

Atualmente, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2020), o território municipal de Teresina, abrange uma extensão de 1.809 km², dos quais 248,47 km² são urbanizados. A cidade ainda conta com 66,52 km² designados para futura expansão urbana e uma vasta área rural de 1.560,53 km². A zona norte, é particularmente rica em lagoas de médio e pequeno porte, que oferecem valiosos benefícios ambientais para a região e seus habitantes (Lopes; Moura, 2006).

Durante seu processo de surgimento e expansão, a avenida Frei Serafim recebeu o título de "Avenida dos Sonhos" pelo prefeito da época, simbolizando uma visão de progresso para a localidade. Como afirmou Matos:

Apenas a partir das décadas de trinta e quarenta, é que foram construídas no entorno da avenida as melhores residências, os primeiros bangalôs, os grandes prédios (Convento dos Capuchinhos, Colégio das Irmãs, Hospital Getúlio Vargas, Seminário Sagrado Coração de Jesus, Estação Ferroviária) e que a avenida foi urbanizada com a construção do calçamento e do canteiro central, com a instalação da iluminação pública e com o início da arborização com oitizeiro; a urbanização coincidiu com a gestão do prefeito Luís Pires Chaves, que, entusiasmado chamava aquele logradouro de "avenida dos sonhos" (Matos, 2011, p. 27).

Figura 9 - Vista da Avenida Frei Serafim na década de 1940.



Fonte: (Portal Cidade Verde, 2016).

Além de sua importância histórica e cultural, a Avenida Frei Serafim é reconhecida como um dos principais eixos comerciais e de serviços de Teresina, atraindo um grande fluxo de pessoas diariamente. Sua estrutura urbanística bem planejada favorece o trânsito de veículos e pedestres, contribuindo para a dinâmica econômica da capital. Ao longo de seu percurso, é possível encontrar uma vasta gama de estabelecimentos comerciais, instituições de ensino, escritórios e espaços de lazer, tornando-a um ponto de referência para moradores e visitantes. A presença de áreas verdes e espaços para caminhadas ao longo da avenida também promove a qualidade de vida urbana, oferecendo aos cidadãos locais de descanso e recreação em meio à agitação da cidade. Assim, a Avenida Frei Serafim não apenas divide geograficamente Teresina, mas também une a cidade por sua rica história, cultura e vitalidade econômica.

A transformação da Avenida Frei Serafim, antes chamada Presidente Vargas, foi emblemática. Sua expansão, arborização e a instalação de iluminação elétrica não apenas melhoraram a infraestrutura e a estética urbana, mas também reforçaram a importância dessa via como um eixo vital para a cidade (Figura 10).

Figura 10 - Foto da Avenida Frei Serafim com destaque para seu canteiro central e mobiliário urbano



Fonte: acervo do autor, 2024.

A abertura de avenidas complementares, como a Avenida Miguel Rosa, não apenas marcou uma nova etapa significativa na expansão urbana de Teresina, especialmente em direção à zona sul, (Figura 11) mas também reforçou a integração e a eficiência da rede de transporte da cidade. Essas vias funcionaram como extensões complementares da malha viária existente, tendo a Avenida Frei Serafim como seu eixo norteador principal. A interconexão estratégica entre essas avenidas não apenas facilitou a mobilidade urbana, permitindo um fluxo mais ágil de veículos e pedestres, mas também sublinhou a centralidade da Avenida Frei Serafim no desenvolvimento e na integração da estrutura urbana de Teresina, consolidando sua posição como uma via crucial para o planejamento e crescimento da cidade.

A abertura de avenidas complementares, como a Avenida Miguel Rosa, não apenas marcou uma nova etapa significativa na expansão urbana de Teresina, especialmente em direção à zona sul, mas também reforçou a integração e a eficiência da rede de transporte da cidade

Figura 11 - Planta da cidade de Teresina nos anos de 1950 com destaques feitos pelo autor para a Avenida Frei Serafim e a Avenida Miguel Rosa



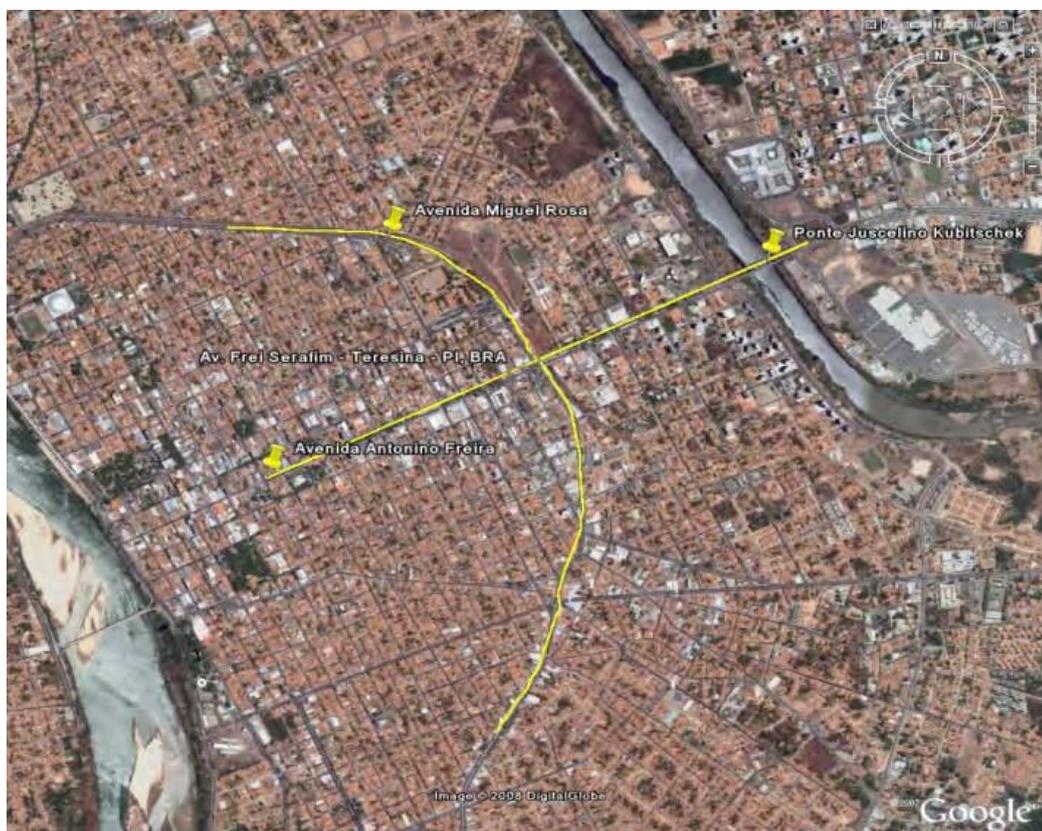
Fonte: Prefeitura Municipal de Teresina, 2006 com acréscimos do autor.

Essas vias funcionam como extensões complementares da malha viária existente, tendo a Avenida Frei Serafim como seu eixo norteador principal. A interconexão estratégica entre essas avenidas não apenas facilitou a mobilidade urbana, permitindo um fluxo mais ágil de veículos e pedestres, mas também sublinhou a centralidade da Avenida Frei Serafim no desenvolvimento e na integração da estrutura urbana de Teresina, consolidando sua posição como uma via crucial para o planejamento e crescimento da cidade.

Além disso, a convergência dessas avenidas (Figura 12), destaca a importância estratégica da Avenida Frei Serafim como o coração pulsante da capital piauiense, atuando como um eixo vital que não apenas conecta diferentes partes da cidade, mas também promove o desenvolvimento econômico e social. A inclusão dessas vias complementares na estrutura urbana de Teresina evidencia um planejamento cuidadoso, visando não apenas a expansão territorial, mas também a melhoria da qualidade de vida dos seus habitantes, ao proporcionar acessibilidade e fomentar o crescimento de áreas comerciais e residenciais ao longo desses corredores urbanos. Assim, a Avenida Frei Serafim e suas avenidas complementares, como a Miguel Rosa,

são peças-chave no tecido urbano de Teresina, refletindo um esforço contínuo para criar uma cidade mais conectada, acessível e dinâmica.

Figura 12 - Imagem mostrando a convergência entre as Avenidas Frei Serafim e Miguel Rosa



Fonte: Imagem Google Earth e destaques do autor.2024. Acesso 24 ago. 2023.

A Avenida Frei Serafim, com seu intenso tráfego veicular, desempenha um papel crucial na dinâmica urbana de Teresina, funcionando como uma artéria vital que conecta a zona Leste à zona Oeste da cidade. Esta via, com suas duas direções compostas por quatro faixas cada, incluindo uma faixa exclusiva para ônibus, não apenas facilita o fluxo de transporte coletivo e individual, mas também se estabelece como um centro de atividades comerciais e de serviços diversificados. Ao longo de seu percurso, a avenida é ladeada por uma série de instituições de grande importância, como o Hospital Getúlio Vargas e o Colégio Sagrado Coração de Jesus, que não só contribuem para o valor histórico da região, mas também atendem às necessidades da população local com serviços essenciais.

Além disso, a presença de hotéis, uma variedade de estabelecimentos comerciais e elegantes condomínios residenciais adiciona à avenida um caráter multifacetado, transformando-a em um local onde a vida urbana se manifesta em sua plenitude. Essa diversidade funcional e arquitetônica torna a Avenida Frei Serafim um

exemplo emblemático do desenvolvimento urbano, refletindo a evolução da cidade ao longo dos anos. A infraestrutura física da avenida (Figura 13) traz a essência vibrante da vida cotidiana que flui através dela, evidenciando seu papel como um dos principais eixos de Teresina. A Avenida Frei Serafim, portanto, mais do que uma simples via de trânsito, é um espaço de encontro, de história e de vitalidade, representando um microcosmo da própria cidade.

Figura 13 - Vista do passeio central da avenida Frei Serafim com importantes equipamentos urbanos lindeiros à avenida.



Fonte: Acervo do autor, 2024.

No coração da história do urbanismo, as reformas radicais de Paris, sob a égide do Barão Haussmann no século XIX, emergem como um dos episódios mais transformadores e influentes, da época (Tourinho, 2007). Essas mudanças, encomendadas pelo imperador Napoleão III, buscavam erradicar as condições insalubres e caóticas da Paris medieval, substituindo-as por amplas avenidas, parques pitorescos e uma infraestrutura moderna e irradiante, que estavam a exigir as expectativas da autoridade maior da França.

Esta pesquisa traçou um paralelo histórico que parte das avenidas grandiosas da capital francesa e se estende até a consolidação da Avenida Frei Serafim, entendendo-a como um documento histórico e urbano que conjuga prática e estética, funcionalidade contemporânea e herança cultural. Por sua vez, Teresina, a despeito da distância geográfica e temporal, consegue incorporar e adaptar os ideais de urbanização europeus, emoldurando-os nas suas peculiaridades tropicais e nas necessidades intrínsecas a uma capital em ascensão no nordeste do Brasil.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa foi meticulosamente conduzida seguindo os rigorosos padrões estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), garantindo assim a cientificidade, o respeito e a confiabilidade dos resultados aqui apresentados.

A metodologia adotada nesta pesquisa seguiu um rigor acadêmico alinhado aos preceitos metodológicos contemporâneos, tal como delineado na abordagem de Sávio Guimarães (2022). Iniciou-se com um levantamento bibliográfico abrangente, cobrindo uma vasta gama de fontes relacionadas ao urbanismo de Paris e Teresina, explorando publicações acadêmicas e institucionais, tanto nacionais quanto internacionais. Esse levantamento bibliográfico estabeleceu uma base teórica robusta, essencial para entender os processos históricos que influenciaram a formação do espaço urbano.

Complementar a isso, foi realizada uma pesquisa documental aprofundada, incluindo uma análise discursiva de documentos, materiais variados, em formatos físicos e digitais, foram meticulosamente consultados. A busca por dados estendeu-se a bases de dados acadêmicos, bibliotecas digitais e repositórios institucionais, com uma atenção particular aos dados cartográficos históricos. Mapas e documentos foram analisados para estabelecer um diálogo comparativo entre as intervenções urbanísticas de Haussmann e a de Teresina, especificamente sobre a avenida Frei Serafim, beneficiando-se de fontes primárias.

Além disso, observações *in loco* e uma extensiva documentação fotográfica enriqueceram o *corpus* da pesquisa, permitindo não apenas visualizar, mas também contextualizar as mudanças espaciais. Esta etapa foi crucial para capturar a essência das transformações urbanas e oferecer uma perspectiva mais detalhada e tangível dos fenômenos estudados.

A organização sistemática dos dados, que incluiu a catalogação de referências bibliográficas, mapas, fotografias, proporcionou a infraestrutura para uma análise qualitativa. A análise qualitativa adotada foi essencial para desvendar as complexidades inerentes aos processos de transformação urbana e suas implicações.

Essa metodologia permitiu um exame cuidadoso das inter-relações entre os dados históricos, culminando em uma investigação da influência das reformas

Hausmannianas no urbanismo de Teresina, representado na construção da Avenida Frei Serafim.

Esta pesquisa pretende como resultado, um entendimento mais amplo da evolução das práticas de planejamento urbano, destacando a relevância e aplicabilidade das intervenções de Haussmann no contexto urbano de Teresina e permitirá uma compreensão abrangente das transformações urbanas, em Teresina à luz dos métodos *hausmannianos*. A conclusão parcial dos dados coletados até agora forneceu *insights* sobre a eficácia, as repercussões e a recepção dessas mudanças urbanas, contribuindo significativamente para a literatura sobre planejamento urbano e para as práticas futuras em Teresina.

4 DESENVOLVIMENTO

Para compreender como Paris, outrora conhecida como Lutetia durante o período galo-romano, o estudo traça seu desenvolvimento urbano desde suas formas mais arcaicas até as transformações promovidas por Haussmann no século XIX. Essa análise histórica é essencial, pois oferece uma visão da cidade como um organismo vivo que, assim como um ser, passa por fases de crescimento e maturação.

Ao entender Paris desde Lutetia, percebemos a gênese das políticas urbanas e como estas foram sendo lapidadas ao longo dos séculos. As fundações lançadas nesse período galo-romano criaram um esqueleto urbano que suportaria inúmeras modificações, refletindo o crescimento e as necessidades variáveis de uma metrópole em ascensão. Os princípios e métodos empregados em cada etapa desse desenvolvimento estão impregnados nas paredes, ruas e mapas de Paris, sendo fundamentais para compreender as mudanças que ocorreram posteriormente.

Ao se aproximar das reformas de Haussmann, o estudo se concentra em um momento onde a cidade se reconfigura sob novos paradigmas. As intervenções de Haussmann foram audaciosas e transformadoras, destinadas não apenas a embelezar a cidade, mas também a facilitar o controle e a fluidez urbanos. Compreender esse capítulo da história de Paris é crucial para qualquer análise urbanística, pois estabelece um marco na maneira como as cidades podem ser planejadas e reformadas.

Analisar a linha do tempo é essencial para entender as dinâmicas urbanas que aconteceram em Paris e a capacidade de Teresina em incorporar e reinterpretar esses conceitos, ao mesmo tempo em que confronta desafios únicos de sua realidade brasileira. Esse paralelo histórico, portanto, serve não apenas para ilustrar a evolução urbana, mas também para enriquecer a prática contemporânea do planejamento urbano.

A linha do tempo apresentada abaixo ilustra a trajetória histórica e o desenvolvimento urbano tanto de Paris quanto do Piauí, destacando momentos chave que moldaram essas regiões. No século XVIII, Paris vivia o auge do Século das Luzes, um período de grandes avanços culturais e expansões urbanas que lançariam as bases para as transformações futuras da cidade. Enquanto isso, no Piauí, se iniciava o desenvolvimento do estado com a criação da Vila Nossa Senhora das Vitórias,

também conhecida como Vila da Mocha, representando os primeiros passos da formação territorial piauiense.

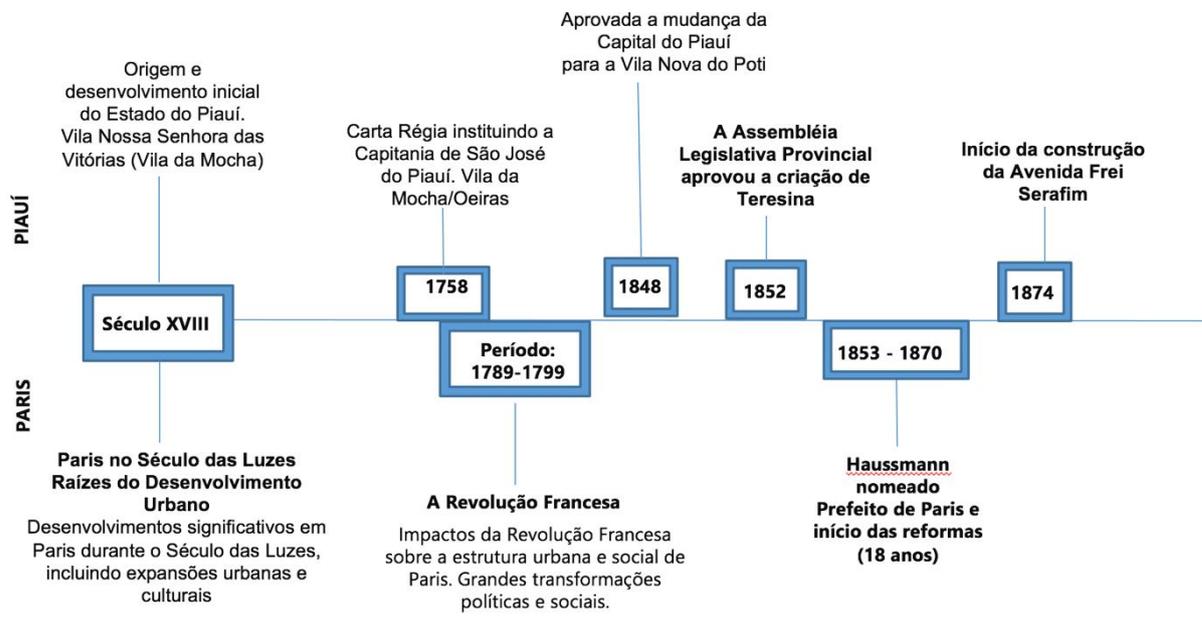
Em 1758, uma Carta Régia instituiu a Capitania de São José do Piauí, consolidando a formação territorial que mais tarde se desenvolveria urbanisticamente. Paralelamente, em Paris, o final do século XVIII foi marcado pela Revolução Francesa (1789-1799), que não só transformou a estrutura social e política da França, mas também influenciou o desenvolvimento urbano da capital.

No século XIX, enquanto o Piauí passava por mudanças significativas, como a aprovação da mudança da capital para Vila Nova do Poti (futura Teresina) em 1848, Paris iniciava um dos períodos mais notáveis de sua história urbana. Sob a liderança de Georges-Eugène Haussmann, entre 1853 e 1870, Paris passou por uma ampla reestruturação, com a criação de amplas avenidas, parques e a modernização de sua infraestrutura urbana.

Simultaneamente, o Piauí via o início da construção da Avenida Frei Serafim em 1874, um projeto que, inspirado pelas ideias urbanísticas que transformaram Paris, marcou o começo de uma nova fase no desenvolvimento de Teresina. A avenida, planejada para ser um símbolo de modernidade e progresso, incorporou elementos que refletiam as transformações que Paris havia passado sob Haussmann, estabelecendo-se como um importante eixo de conexão e crescimento urbano.

Essa linha do tempo (Figura 14), portanto, revela como as transformações urbanas de Paris influenciaram, de forma direta ou indireta, o desenvolvimento de Teresina, especialmente através da Avenida Frei Serafim, que se tornou um marco na expansão e modernização da cidade piauiense.

Figura 14 - Linha do tempo destacando a trajetória histórica de Paris e do Piauí, destacando momentos chave que moldaram essas regiões



Fonte: Elaborada pelo autor

4.1 De Lutetia à Paris Medieval: raízes do desenvolvimento urbano

A evolução urbana das cidades é um reflexo palpável das dinâmicas sociais, econômicas e políticas que as moldam ao longo dos séculos. Paris, uma cidade que transcende sua mera existência geográfica para se tornar um ícone global de beleza, história e inovação urbana, oferece um estudo de caso fascinante sobre como intervenções planejadas podem redefinir o tecido de uma metrópole.

Na trajetória histórica do desenvolvimento urbano, Paris se destaca como uma cidade cujo crescimento e transformação ao longo dos séculos oferecem uma rica fonte de análise para estudiosos e urbanistas. O estudo de Paris é essencial para entender como as cidades evoluem em resposta a fatores sociais, políticos e culturais, além de como essas transformações impactam o tecido urbano e a vida de seus habitantes. Este trabalho de dissertação propõe um mergulho profundo no percurso histórico de Paris, desde suas origens na antiguidade até as grandes reformas urbanísticas que moldaram a cidade moderna.

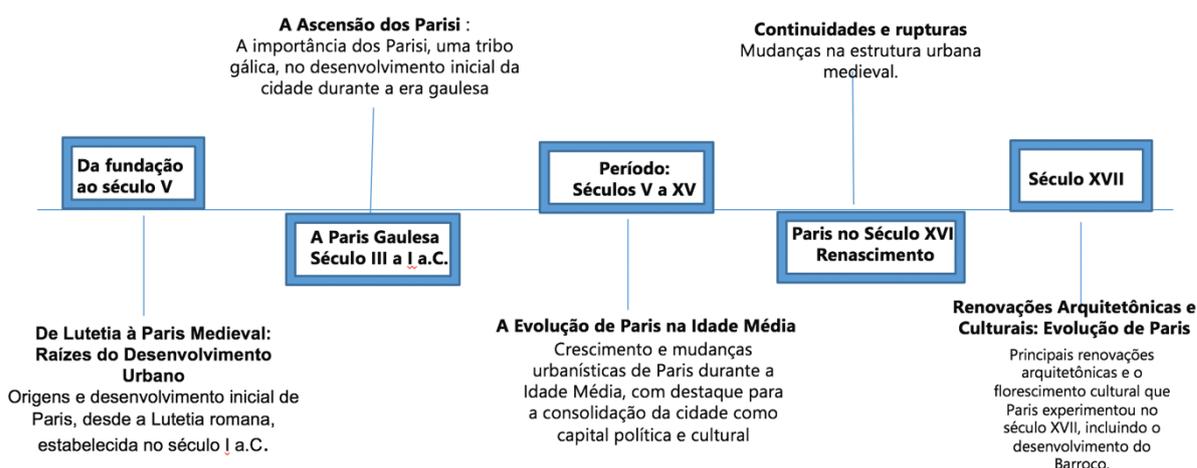
A análise começa com a fundação de Paris, que remonta à época romana, quando a cidade ainda era conhecida como Lutetia. A partir daí, o desenvolvimento inicial da cidade ganha impulso, especialmente com a ascensão dos Parisi, uma tribo

gaulesa que desempenhou um papel fundamental na configuração da cidade durante a era gaulesa. Com a chegada da Idade Média, Paris passou por significativas mudanças urbanísticas, consolidando-se como uma capital política e cultural, um processo que continuou a se intensificar ao longo dos séculos subsequentes.

Durante o Renascimento, no século XVI, Paris experimentou uma renovação arquitetônica e cultural que preparou o terreno para as grandes transformações do século XVII, onde o florescimento do Barroco trouxe consigo novas expressões artísticas e mudanças significativas na arquitetura da cidade. Essas etapas do desenvolvimento de Paris, desde Lutetia até a Paris moderna, são essenciais para compreender a evolução da cidade, que não apenas reflete as tendências europeias, mas também serve de modelo para outras regiões do mundo.

A linha do tempo (Figura 15) apresentada a seguir fornece uma visão geral dos principais períodos e eventos que marcaram a evolução de Paris. De Lutetia à Paris medieval, passando pelo Renascimento e as renovações arquitetônicas do século XVII, este panorama histórico serve como base para a análise detalhada que será desenvolvida ao longo desta dissertação, explorando como esses momentos cruciais moldaram a Paris que conhecemos hoje.

Figura 15 - Linha do tempo destacando a trajetória histórica da formação de Paris



Fonte: Elaborada pelo autor

Paris foi originalmente uma cidade galo-romana conhecida como "Lutécia" ou, em latim, "Lutetia Parisiorum". Ela foi fundada pelos celtas originários do Danúbio, entraram na Gália – região assim chamada pelos romanos) e organizaram-se em aglomerações, na maioria das vezes fortificadas, chamadas de *oppidiums*. Acredita-se que os *Parisii* criaram o *oppidium de Lutetia*, provavelmente na *ile de la Cité*, entre

250 e 225 a.C. e posteriormente tornou-se uma importante cidade durante o período romano.

A superfície da *Ile de la Cité* estendia-se por 9 hectares e sujeita a inundações constantes (foram lideradas por Júlio César). A principal campanha militar que resultou na conquista da Gália começou em 58 a.C. e durou até 50 a.C., quando Júlio César consolidou o controle romano sobre a região. Isso marcou um evento significativo na expansão do Império Romano e levou à incorporação da Gália como uma província romana.

Paris, então chamada "*Lutetia Parisiorum*," foi uma das cidades incluídas nessa província. Desde suas origens humildes como *Lutetia*, um assentamento galo-romano, até se tornar a esplêndida capital da França, Paris experimentou uma série de transformações que refletem não apenas mudanças estéticas, mas também a evolução de ideologias urbanísticas e sociais. Este desenvolvimento não foi linear, mas marcado por períodos de intensa renovação e redefinição, dos quais o trabalho do Barão de Haussmann no século XIX é talvez o exemplo mais emblemático.

A urbanização, nessa pesquisa, é entendida como a paulatina transformação de ambientes rurais em áreas urbanas, com concentração de população e desenvolvimento de infraestrutura e serviços públicos.

Esse processo teve início há milhares de anos, quando as primeiras civilizações começaram a surgir no mundo e iniciaram a formação de grupos de humanos. Segundo Leonardo Benevolo (2010), Jericó é uma das cidades mais antigas conhecidas e foi fundada há cerca de 10 mil anos, na região que hoje é a Cisjordânia⁸.

A urbanização na Grécia Antiga teve início por volta do século VIII a.C., com a fundação de cidades como Atenas e Esparta. Essas cidades eram centros de comércio, cultura e política, e foram construídas com base em um planejamento rigoroso. As ruas eram pavimentadas, as casas eram construídas com pedras e os espaços públicos, como a Ágora, eram importantes para a vida social e política da cidade. A urbanização na Grécia Antiga teve grande influência no desenvolvimento urbano de outras regiões do mundo, como a Roma Antiga e o Império Bizantino (Beard, 2017). A partir da criação das cidades de Esparta e Atenas na Grécia Antiga, o urbanismo se desenvolveu de maneira significativa, especialmente a partir do século V a.C. (Le Goff, 1992).

⁸ A **Cisjordânia** é uma das regiões que integram o território da Palestina, que é formado, também, pela Faixa de Gaza.

Em Atenas, por exemplo, foram construídos importantes edifícios públicos, templos e monumentos, como a Acrópole, o Partenon e o Templo de Zeus Olímpico. Além disso, a cidade contava com diversas áreas de comércio, mercados e teatros, além de uma série de medidas de planejamento urbano, como a definição de ruas e praças, o controle do uso do solo e estabelecimentos de leis que regulamentavam a construção de edifícios (Harouel, 1990).

A cidade de Esparta, apresentava uma organização urbana diferente; contava com uma série de edifícios públicos e monumentos, mas era voltada principalmente para a atividade militar. Por isso, a cidade contava com grandes áreas destinadas ao treinamento e preparação dos soldados, além de uma organização social bastante rígida, em que os cidadãos divididos em castas e tinham funções específicas na sociedade (Harouel, 1990).

Em ambas as cidades, o desenvolvimento do urbanismo esteve relacionado ao desenvolvimento político e cultural dessas sociedades, assim como à necessidade de controle e organização do espaço urbano (Martin, 1956).

Na perspectiva de Mogens Herman Hansen,

as cidades gregas, com sua combinação de planejamento geométrico, construções monumentais, estabelecimento de leis que regulamentavam a construção de edifícios e controle do uso do solo, chegaram-se referências em termos de urbanismo e influenciaram a construção de cidades em outras partes do mundo (Hansen, 2006, p. 129).

Após Esparta e Atenas, várias outras cidades, no mundo, tiveram um desenvolvimento urbano importante. Entre essas, evidencia-se Roma, capital da Itália, que desde sua fundação, em 753 a.C, até a Idade Média, passou por uma série de transformações urbanas. A cidade, era conhecida por seus grandes edifícios públicos, como o Coliseu e o Fórum Romano, e suas ruas pavimentadas e organizadas.

Veneza, também na Itália, destacou-se como um exemplo notável de desenvolvimento urbano durante a Idade Média e o Renascimento. A cidade, fundada no século V por refugiados que escapavam das invasões bárbaras, evoluiu para uma potência marítima e comercial entre os séculos IX e XV. A sua localização estratégica na lagoa de Veneza proporcionou uma proteção natural, permitindo que se tornasse um centro de comércio entre o Oriente e o Ocidente.

De acordo com Christian Norberg-Schulz (1980), a cidade de Veneza, desenvolveu-se como uma importante potência comercial no Mediterrâneo, durante a

Idade Média. Sua arquitetura e planejamento urbano foram moldados por essa história, formados em ruas estreitas, pontes pitorescas e uma rede de canais navegáveis. Esses aspectos históricos relativos a Roma e Veneza, são como raízes das grandes e notórias cidades da contemporaneidade.

Ainda sobre Veneza, na Itália, os estudos de Christian Norberg-Schulz (1980), revelam que esta localidade, tornou-se uma importante potência comercial durante a Idade Média; foi uma das mais importantes cidades-estados italianas da época. A sua estrutura urbana foi moldada pela presença dos canais que cortam a cidade, os quais foram utilizados para a navegação e para o comércio, além de terem contribuído para o desenvolvimento de uma cultura própria da cidade.

No mesmo período, Paris, inicialmente conhecida como *Lutèce*, começava a emergir como um centro urbano de significativa importância. Durante a Idade Média, Paris passou por uma transformação notável, evoluindo de uma pequena aldeia galoromana para uma das maiores cidades da Europa medieval.

A evolução urbana nas cidades medievais foi marcada por uma série de mudanças e evoluiu ao longo dos séculos. No início da Idade Média, as cidades eram pequenas e geralmente pouco evoluídas em termos de planejamento urbano. As ruas eram estreitas e tortuosas, os edifícios eram construídos com materiais simples e muitas vezes não possuíam um planejamento específico. As cidades eram cercadas por muros para proteger os habitantes dos ataques de invasores, mas as condições de higiene eram precárias e as epidemias eram comuns.

No final da Idade Média, muitas cidades se transformaram em centros importantes de comércio, cultura e poder político. As casas e edifícios eram construídos em pedra, as ruas eram amplas e regulares, e a vida urbana era intensa e contínua. As cidades medievais foram uma importante fase de evolução urbana, introduziram a ideia de muramentos e fortificações, que, embora fossem destinados à defesa, também ajudaram a definir os limites urbanos e a organização interna. As ruas estreitas e sinuosas dessas cidades eram inicialmente uma resposta às necessidades de defesa e ao crescimento orgânico, mas com o tempo, levaram ao reconhecimento da necessidade de um planejamento mais estruturado e eficiente.

Além disso, as praças públicas medievais tornaram-se centros de vida social, econômica e política, estabelecendo um modelo para o uso de espaços públicos em áreas urbanas. Essas praças serviam como locais para mercados, eventos sociais e

políticos, influenciando a concepção de espaços urbanos como centros de convivência comunitária.

A instalação de fontes públicas nas cidades medievais para fornecer água potável foi outro avanço significativo. Isso não apenas melhorou a qualidade de vida dos habitantes, mas também introduziu a ideia de infraestruturas urbanas essenciais, que seria expandida nos séculos seguintes para incluir sistemas de esgoto, iluminação pública e redes de transporte.

Com o tempo, as cidades foram crescendo e adaptando suas estruturas para melhor atender às necessidades da população. O comércio tornou-se uma das principais atividades econômicas, atraindo artesãos que se estabeleciam nas áreas urbanas para produzir e vender seus produtos. As ruas passaram por melhorias, sendo alargadas e pavimentadas para facilitar a circulação. As residências começaram a ser construídas em torno de pátios internos, criando ambientes mais agradáveis e seguros para os moradores.

As cidades medievais também passaram a contar com uma série de edifícios públicos, como igrejas, escolas e prefeituras, que ajudaram a definir a identidade e a importância da cidade. Além disso, muitas cidades medievais levaram a desenvolver leis e regulamentações próprias, o que ajudou a estabelecer uma estrutura social e política que evoluía e se adaptava ao crescimento populacional e às mudanças nas atividades econômica.

A região que hoje abriga a cidade de Paris é o resultado de uma complexa e rica história geológica que se estende por milhões de anos. As características geológicas dessa área são testemunhas de eventos que moldaram a paisagem ao longo do tempo. Inicialmente, a região de Paris era coberta por mares rasos, que deixaram sedimentos marinhos e depósitos calcários. Esses depósitos formaram as bases das camadas geológicas que definem a região.

Eventos glaciais ocorridos durante eras geológicas passadas, como a Glaciação de *Riss*, desempenharam um papel crucial na escultura da topografia atual. Os movimentos glaciais trouxeram e depositaram cascalhos, areias e argilas, criando colinas, vales e planícies que caracterizam a região parisiense.

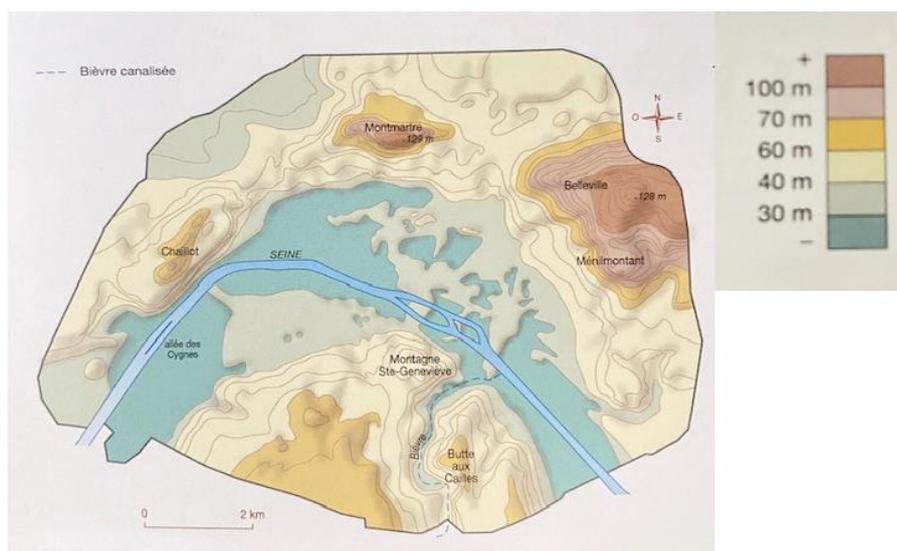
A ação dos rios *Sena* e *Marne* também foi fundamental na criação do ambiente. Ao longo de milênios, esses rios esculpiram seus cursos e depositaram sedimentos aluviais, que enriqueceram o solo e proporcionaram condições favoráveis para a agricultura.

Depósitos de gesso e calcário subterrâneos na região foram explorados ao longo da história para a construção de famosos monumentos, como a Catedral de Notre-Dame e o Palácio de Versalhes. Essas pedreiras subterrâneas, conhecidas como "as catacumbas de Paris", são parte integrante da história geológica da cidade.

Hoje, a cidade de Paris repousa sobre uma base geológica rica e diversificada, com formações calcárias, argilosas e aluviais. Essa complexa história geológica como demonstrado na (Figura 16), não apenas influenciou a topografia da cidade, mas também sua cultura e arquitetura.

Tomando como referência a altitude 0, a média teórica do nível do mar, vemos que a diferença de altitude de 100 metros separa o rio Sena dos pontos mais altos da Capital. A imensa planície tem pontos facilmente inundáveis com altitudes inferiores a 32m. A colina de *Montmartre* é o ponto mais alto de Paris, com 130,53m.

Figura 16 - Carta do Relevo de Paris. Produzido por Jaqueline Beaujeu-Garnier



Fonte: Catálogo de exposição do Museu Carnavalet, 2023.

Durante a época Eoceno (entre 55 e 35 milhões de anos a.C.), mares quentes, depois lagos, cobriram a Bacia de Paris; o calcário depositado constitui a fundação de Paris e, portanto, seu principal material. Acredita-se que o gesso e o calcário tenham sido extraídos desde a época romana, embora os primeiros documentos que trazem essa informação datam apenas de 1292. Esses materiais desempenharam um papel significativo na história geológica e na construção da cidade por ser uma valiosa fonte de material de construção para Paris ao longo dos séculos. O gesso era extraído a céu aberto em locais onde esse material aflorava, e em pedreiras subterrâneas localizadas onde hoje são os *arrondissements* 10^o, 18^o, 19^o e 20^o.

Os blocos de gesso eram cortados e queimados em fornos próximos às pedreiras. Após a queima, eram triturados e ensacados e então, usados na construção civil no revestimento de edificações. Muitos dos edifícios mais emblemáticos de Paris foram construídos com calcário dessas pedreiras. Isso inclui a Catedral de Notre-Dame, o Louvre e inúmeras outras estruturas importantes.

A exploração das pedreiras subterrâneas aconteceu até o final do século XIX e, em virtude dos perigos de desabamento, foi proibida em 1776, mesmo período em que foi criada a Administração Geral das Galerias Subterrâneas. Essa atividade tornou aqueles terrenos instáveis, em grande área. Esta fragilidade impôs condições rigorosas aos construtores e deu origem, até meados do século XIX, a uma paisagem caracterizada por casas individuais de um ou dois pisos. Hoje, partes das antigas pedreiras subterrâneas são uma atração turística. As Catacumbas de Paris, por exemplo, atraem visitantes de todo o mundo, oferecendo uma experiência única de exploração subterrânea e uma visão da história da cidade.

Ao longo dos séculos, as intervenções humanas moldaram significativamente a topografia natural da cidade de Paris. Um exemplo notável dessa transformação encontra-se registrado em uma pintura de Louis Moullin (Figura 17), atualmente exposta no Museu Carnavalet, que guarda a história da cidade. Essa obra retrata a visita de Napoleão III ao canteiro de obras do local onde ocorreram as operações de nivelamento da Colina de Chaillot, em 1867, e o material retirado desse local foi utilizado para aterrar o Champ-de-Mars.

Figura 17 - Fotografia da pintura a óleo do artista plástico Louis Moullin, 1867, exposta no Museu Carnavalet, em Paris



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A geologia de Paris desempenha um papel significativo na compreensão da configuração e características do terreno parisiense. Esses conhecimentos são

fundamentais para a construção segura e o desenvolvimento urbano da cidade, uma vez que as características geológicas têm implicações diretas na estabilidade do solo e nas estratégias de construção adotadas.

4.2 A Paris Gaulesa – Século III a.C. a ascensão dos Parisi

Durante o período em que Veneza e Roma estavam se desenvolvendo, Paris era uma cidade medieval murada com ruas estreitas e irregulares. A cidade era marcada por uma aglomeração de edifícios construídos principalmente em madeira, que dificultavam a circulação e favoreciam a propagação de incêndios.

Em Paris, os engenheiros romanos organizaram os traçados das vias seguindo o mesmo método utilizados nas cidades romanas. O modelo consistia num eixo maior, o *cardo maximus*, com orientação segundo os pontos cardeais Norte–Sul. A partir de então, eram traçados eixos paralelos ao *cardo* e depois, eixos perpendiculares no sentido Leste–Oeste, denominados de *decumanus maximus*. Certamente buscaram preservar as estradas gaulesas e adaptaram-se a topografia do terreno. Em Paris, o *cardo*, com orientação Norte–Sul, configura-se nas atuais ruas: *Rue Saint-Martin*, *Rue de la Cité*, *Rue du Petit-Pont* e *Rue Saint-Jacques* e atravessou o Rio Sena por duas pontes, a *Grand Pont* (no local da ponte *Notre-Dame*, e *Petit Pont*). Ultrapassando os limites da cidade seguia o percurso da estrada principal *Senlis – Paris – Orléans*. A *Rue Cujas* é considerada como o *Decumanus maximus*, grande eixo transversal no sentido Leste-Oeste, que atravessava o *Cardo* na *Rue de Saint-Jacques*, onde existia um monumento essencial para a cidade, o Fórum, situado no alto da montanha *Sainte-Geneviève*. Outra via importante paralela ao *cardo*, corresponde, atualmente, ao *Boulevard Saint-Michel*.

Lutécia, antiga Paris, estava ligada às cidades vizinhas: *Senlis*, *Rouen*, *Dreux*, *Chartres*, *Orléans*, *Melun*, *Sens* e *Meaux*. As estradas faziam parte das principais rotas que levavam à Espanha, à costa do Canal da Mancha, ao Reno ao norte e à Itália. Restos da estrada romana que ligava *Lutécia* a *Orléans*, cuja largura tinha em torno de 7 metros, foram encontradas sob a parte norte da *Rue Saint-Jacques* (5º arrond). Na *Rue do Petit-Pont* e *Rue Saint-Jacques* é possível reconstruir o percurso do *cardo maximus* que passava por essas duas rotas. Na *rue de Saint-Jacques*, 172-174 é o ponto zero a partir do qual foi traçado a quadrícula da cidade romana segundo um módulo de 300 pés romanos (88,80 metros).

A até então *Lutercia*, passou por uma grande expansão no início do Sec.I, principalmente na margem esquerda do rio Sena. A *Rive Gauche* estava se transformando numa cidade ortogonal e surgiram dois polos: um bairro localizado na *ile de la Cité* e os bairros novos e desenvolvidos na margem esquerda do Sena. A superfície total da cidade somava 54 hectares sendo 9 hectares dentro da *Ile de la Cité* e 45 Hectares na margem esquerda e, considerando uma população de 150 habitantes por hectare a população estimada era de 8 mil pessoas. O comércio fluvial com a *Gaule*, e até mesmo com a Inglaterra, era importante e realizado pelo porto de *Lutécia*, localizado no Sena onde hoje está o *Parvis* (praça) *Notre-Dame*.

O Plano de reconstituição de Lutécia aconteceu durante o Alto Império, com a planificação das ruas da antiga Paris, (Figura 18) concepção restaurada a partir de descobertas arqueológicas com vestígios de estradas antigas, arquitetura, esculturas e cerâmicas, objetos que, na sua maioria, estão preservados no Museu Carnavalet. Foi uma importante iniciativa de urbanização e organização da antiga Paris. Este plano incluiu a sistematização das ruas, a criação de infraestruturas urbanas e a edificação de monumentos públicos.

As evidências desse plano foram reveladas por descobertas arqueológicas que desenterraram vestígios de antigas estradas, arquitetura, esculturas e cerâmicas. Esses achados, que fornecem um valioso vislumbre sobre a vida e a urbanização na época, estão em grande parte preservados no Museu Carnavalet. Este museu, dedicado à história de Paris, abriga uma vasta coleção de artefatos que ilustram a evolução urbana e cultural da cidade desde seus primórdios como Lutécia até a era moderna. A preservação e o estudo desses objetos não apenas ajudam a entender a transformação de Paris ao longo dos séculos, mas também destacam a influência duradoura das práticas urbanísticas romanas na formação das cidades europeias

Figura 18 - Plano de reconstituição de Lutécia durante o Alto Império



Fonte: Catálogo da Exposição do Museu Carnavalet.
(Chadych; Leborne, 2022, p.21).

4.3A evolução de Paris na Idade Média

Embora Lutécia nunca tenha alcançado o status de capital, era, contudo, uma cidade de porte considerável. No decorrer do século IV, começou a ser conhecida como *Pari*, uma forma abreviada de *Civitas Parisiorum* ou *Urbs Parisiorum*, que

significa "cidade dos Parisii", um nome de origem românica atribuído ao povo gaulês responsável por sua fundação. Já no Século III, a região da Gália enfrentou numerosos ataques germânicos, e, nesse contexto, Paris assumiu um papel militar crucial na defesa de suas fronteiras, especialmente nas direções norte e leste. Foi nesse período que os habitantes deram início à construção daquela que seria a primeira muralha fortificada da cidade, um projeto ambicioso realizado na primeira metade do século IV, especificamente na *Ile de la Cité*. (Figura 19).

Figura 19 - Primeira muralha de Paris ainda Romana com placa na rue de la Colombe e vestígios descobertos no início do século XX e outros ainda visíveis na rue Chanoinesse



Fonte: <https://eauterrefeuair.wordpress.com/2016/06/04/7-enceintes-pour-paris/>. Acesso em: 18 set. 2023.

A construção dessa muralha, com fundações de aproximadamente 2,5 metros de espessura feitas de grandes blocos de pedra, foi estrategicamente posicionada a uma distância segura de 25 a 30 metros da margem do rio, com o objetivo de prevenir possíveis inundações. Vestígios dessa imponente estrutura foram descobertos em locais como as ruas *Cloître-Notre-Dame*, *d'Arcole* e *Chanoinesse*. Atualmente, é possível observar partes dessa muralha histórica na cripta arqueológica situada na praça de Notre-Dame. Durante esse período, o rio Sena era atravessado por apenas duas pontes, cujos remanescentes ou estão à mostra para apreciação pública ou

permanecem ocultos sob a terra. Os quarteirões da margem esquerda do rio Sena seguem sendo abertos.

O nome "*Lutécia*" começou a ser gradualmente substituído, pelo nome "Paris", no final do período romano e início da Idade Média. O processo de mudança de nome ocorreu ao longo do século IV d.C., à medida em que o latim evoluía para o francês antigo e minimizava a influência romana, na região. Destarte, até o final do século IV e início do século V, a cidade já era amplamente conhecida como "Paris". No início da Idade Média, o nome "*Lutécia*" já havia sido substituído por Paris.

No início do Século VI, Paris adquiriu grande importância política. Sob o reinado de Clóvis, em 508, tornou-se a capital do reino Franco, e assim permaneceu, até meados do século VII, quando a corte real tornou-se itinerante. Paris é um local importante que atrai muitas pessoas, pois existe uma via navegável, o rio Sena, e uma rede de estradas que servem ao norte, o Canal da Mancha, o Oeste, Rouen, Nantes e Tours; ao sul, Orleans e Itália e, ao leste, Metz e Alemanha. A população nesse período é estimada entre 20.000 (vinte mil) e 30.000 (trinta mil) habitantes. As igrejas se multiplicam resultante do movimento de cristianização.

A ascensão dos *Capétiens*⁹ ao trono, em 987, trouxe paz a região. Isso fez com que a população aumentasse, instalando-se, também, na margem direita do rio Sena, formando aldeias ao redor de locais religiosos fundados entre os séculos V e VII, como *Saint-Gervais*, *Saint-Jacques-de-la-Boucherie* e *Saint-Meri*. A margem direita do rio Sena se desenvolveu de forma tão expressiva entre os anos de 1077 e 1103, que passou a ser chamada de "*l'outre grand-pont*, a outra grande ponte". Em 1112 o rei, a sua corte e o parlamento deixaram Orleans e se estabeleceram no *Palais de la Cité*. Com o propósito de promoção da cidade, em 1137, Luís VI fundou o mercado de *Champeaux*, no local do atual *Forum de Halles*, em 1137 e, dessa forma, consolida a supremacia da margem direita.

Sob o reinado de Philippe Augusto, foi edificada uma muralha de pedras, com pedras extraídas das pedreiras de *Chareton*, na margem direita do rio, entre 1190 e 1209. A margem esquerda também recebeu uma muralha construída entre os anos de 1200 e 1215. Nesse período, algumas abadias, como a de *Saint-Germains-des-*

⁹ Os Capetianos, também conhecidos como a Dinastia Capetiana, foi uma dinastia de reis que governou a França por muitos séculos. A dinastia teve início com Hugo Capeto, que se tornou rei da França em 987 e estabeleceu a Casa de Capeto como a casa real dominante na França. Os Capetianos governaram a França de forma contínua até 1328 e, em seguida, em várias ramificações, continuaram a desempenhar um papel importante na história da França.

Prés, já possuíam suas próprias muralhas de defesa. Philippe Augusto foi um dos monarcas mais notáveis da dinastia Capetiana. Ele desempenhou um papel fundamental na expansão do território francês, na consolidação do poder real e na promoção do desenvolvimento da cidade de Paris

A muralha construída por Philippe Augusto possuía entre 6 a 8 metros de altura, com 2,60m de largura na base e 1,90m no cume, onde havia uma passarela de 2,0m de largura protegida por um parapeito de 0,40m, para que a guarda pudesse fazer a ronda. A muralha (Figura 20) foi construída a partir de dois muros de pedras paralelos, que eram preenchidos com argamassa feita com entulhos e tijolos, o que trazia grande solidez a essa parede.

Figura 20 - Porção da muralha de Philippe Auguste onde é possível observar o detalhe construtivo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DdroRiCrdXI> Acesso em: 23 de maio de 2024.

Portões fortificados eram distribuídos ao longo da muralha, com pontes levadiças de ferro, ladeadas por torres de controle, naquelas rotas mais movimentadas.

Nem todas as portas da muralha tinham a mesma importância. Em Paris, a porta Saint-Denis se destacava das demais, pois levava à basílica real e à famosa feira do *Lendit*, que existia desde o século XII. Além disso, era considerada a porta real, por excelência, pois era por ali que os soberanos entravam em Paris, quando retornavam de Saint-Denis. Também, por essa mesma porta – a porta de Saint-Denis – os soberanos eram levados para o seu último descanso. Essa porta era um símbolo

de alegria e de luto para a cidade (Le Goff, 1992). Ao redor das portas, eram instalados mercados, albergues e, no início do século XIII, alguns outros estabelecimentos.

Figura 21 - Vestígios da antiga muralha na 3, rue Clovis, 5^o *arrondissement* mostrando o revestimento em cantaria e a construção do núcleo em entulho



Fonte: Catálogo da Exposição do Museu Carnavalet. Chadych; Leborne, 2022. p.32.

A muralha abrangia 272 (duzentos e setenta e dois) hectares e oferecia a Paris a conotação de cidade onde se estabeleciam relações de comunidade. Os historiadores costumam dividir a cidade de Paris, a partir de suas muralhas. A muralha construída no lado direito do Sena, proporcionava a delimitação e a proteção de seis bairros contíguos na cidade de Paris, e ficou conhecida como *La Ville*, já a muralha da margem esquerda abrigava bairros que ficaram conhecidos como “*l’Université*” e a ilha, propriamente dita, de “*ile de la Cité*”. Vestígios desse antigo muro estão preservado na rua Clóvis, nº 3, no 5^o *arrondissement*, como visto na (Figura 21) (Le Goff, 1992).

Figura 22 - Reprodução de um mapa a cidade de Paris datado de 1223 é possível ver todo o traçado da muralha de Philippe Auguste



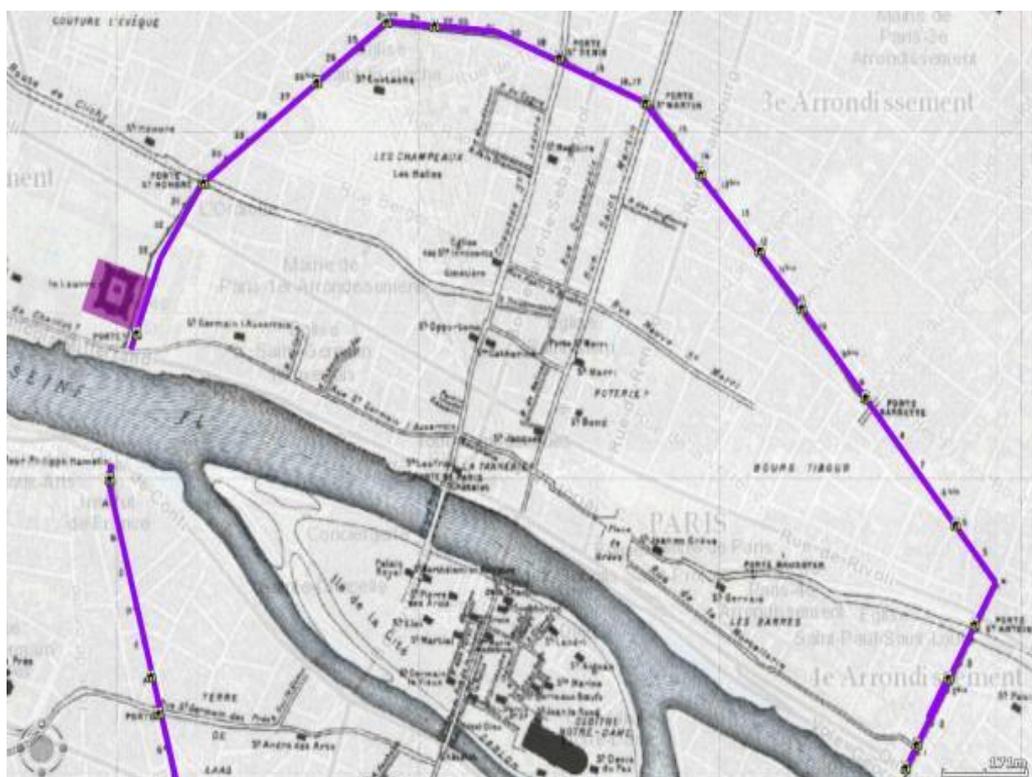
Fonte: <https://blogdavanessageraldeli.com/2019/10/21/muralha-do-rei-philippe-auguste-em-paris-%F0%9F%91%91-%F0%9F%8F%B0/> Acesso em 23 de maio de 2024.

Concluída no início do século XIII, a muralha de Philippe Augusto (Figura 22) permanece até hoje como um testemunho histórico visível em diversas partes de Paris. Esses segmentos remanescentes da muralha podem ser observados tanto na margem direita quanto na margem esquerda do rio. Este marco histórico, documentado por *Chadych e Leborne* em 2022, continua a fascinar tanto historiadores quanto visitantes, oferecendo um vislumbre palpável do passado medieval da cidade.

A Terceira muralha de Paris, construída na Margem Direita sob o reinado de Philippe Auguste, representa um marco significativo na história da defesa urbana da cidade. Este ambicioso projeto de fortificação, concebido no final do século XII e início

do XIII, foi projetado não apenas para proteger Paris contra invasões, mas também para afirmar o poder e a autoridade do rei. Um dos elementos mais notáveis dessa muralha é a inclusão da fortaleza do Louvre, uma estrutura imponente que, na época, ficava na periferia da cidade, mas que hoje se encontra no coração de Paris. A fortaleza foi estrategicamente posicionada para defender a cidade contra ataques vindos do Oeste e rapidamente se tornou um símbolo do poder real, como se vê na (Figura 23 complementada na Figura 24). A construção dessa muralha, com suas torres robustas e portões fortificados, não apenas reforçou a segurança de Paris, mas também delineou os contornos da expansão urbana futura, influenciando o desenvolvimento da cidade por séculos.

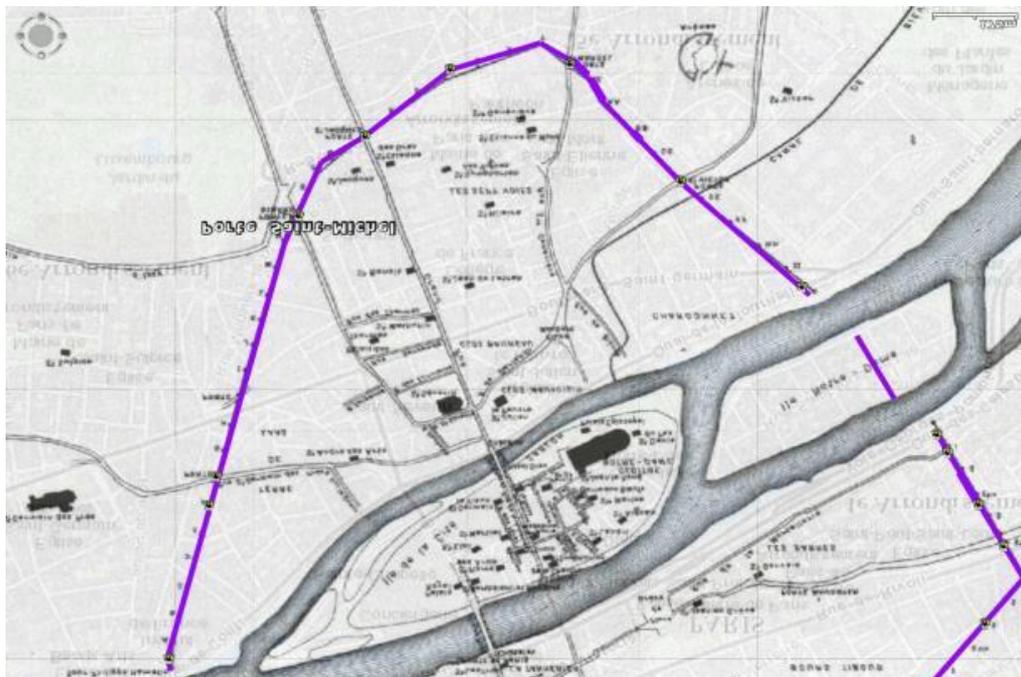
Figura 23 - Terceira muralha de Paris na Margem direita segundo plano da época de Philippe Auguste com a fortaleza do Louvre



Fonte: <https://eauterrefeuair.wordpress.com/2016/06/04/7-enceintes-pour-paris/>. Acesso em 18 set. 2023.

Na margem esquerda do rio Sena se desenvolvia, primordialmente, a atividade de viniculturas. Nada obstante, durante os séculos XII e XIII, essa região se urbanizou muito mais, impulsionado pela fundação da Universidade de Paris, por ordens religiosas mendicantes (por volta de 1200) e, especialmente, pela mudança para Paris de inúmeros conselheiros do rei.

Figura 24 - Terceira muralha de Paris na Margem esquerda a época de Philippe Auguste



Fonte: <https://eauterrefeuair.wordpress.com/2016/06/04/7-enceintes-pour-paris/>. Acesso em: 18 set. 2023.

Eram entendidas como "ordens mendicantes", as ordens religiosas que surgiram na Idade Média, em Paris e outras cidades europeias. Essas ordens eram compostas por monges que viviam em comunidades e se dedicavam à pregação e à caridade, percorrendo as ruas das cidades em busca de esmolas para sustentar suas atividades. As ordens mendicantes mais conhecidas eram os franciscanos e os dominicanos, que se destacaram pela sua atuação na cidade de Paris, durante o século XIII. Eles foram responsáveis por fundar diversas igrejas e conventos na cidade, além de promover a educação e a cultura¹⁰.

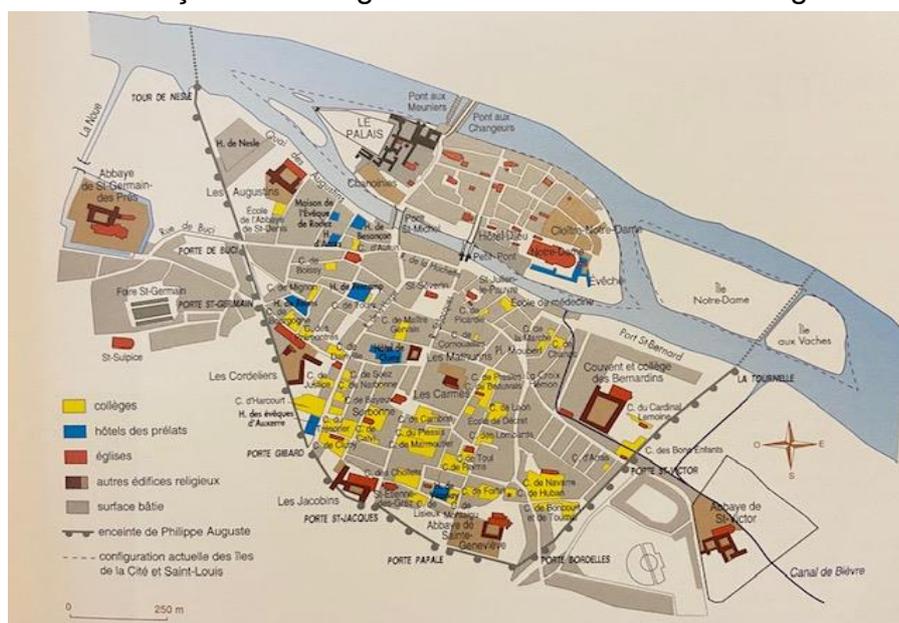
O livro de Adrien Friedmann é uma excelente fonte para acompanhar a evolução paroquial, em conjunto com a evolução urbana. De acordo com a obra, o século XII foi um grande período de expansão paroquial. Na margem direita, após a instalação do mercado de *Champeaux*, quatro (04) centros paroquiais surgiram ao

¹⁰ Santo Tomás de Aquino, por exemplo, era membro da Ordem Dominicana, que se destacou como teólogo e filósofo. Este Santo, estudou na Universidade de Paris e se tornou um dos principais pensadores da Idade Média; exerceu forte influência à promoção da teologia, da filosofia e da cultura em geral. Por sua vez, São Luís IX, que foi rei da França no século XIII, se tornou um grande defensor das ordens mendicantes. Fundou diversas igrejas e conventos em Paris, além de promover a educação e a cultura na cidade. Ele também se destacou por sua devoção religiosa e por sua dedicação à justiça e à caridade. Para além dos citados, vale levar em consideração, São Vicente de Paulo que, como membro da Ordem Lazarista, se dedicou à caridade e à assistência aos pobres em Paris. São Vicente fundou diversas instituições de caridade na cidade, como hospitais e asilos, e se tornou um cidadão muito respeitado pela população parisiense.

Paris começou a se tornar um importante centro de aprendizado e conhecimento. Guillaume de Champeaux, (ou William de Champeaux em inglês), foi um importante filósofo e teólogo medieval que teve uma relação fundamental com o surgimento da Universidade de Paris. Ele foi um dos primeiros professores de teologia da Catedral de Notre-Dame de Paris e fundou, em 1108 a escola de teologia perto da capela de Saint-Victor, uma comunidade que seguia as regras de Santo Agostinho, que se tornou um importante centro de estudos teológicos e, nesse encaminhamento, atraiu muitos estudiosos e intelectuais que se estabeleceram gradualmente, no território. Além disso, a Abadia de Saint-Victor se tornou um importante centro de produção de manuscritos e livros, o que ajudou a disseminar o conhecimento e a cultura na região.

Estava lançada a semente do que se tornou a Universidade de Paris, em 1150. A Universidade de Paris cresceu rapidamente e se tornou uma das mais importantes instituições de ensino da Europa medieval. Ela era composta por quatro faculdades: teologia, direito, medicina e artes. Em 1257, Robert de *Sorbon* criou um colégio – a futura Sorbonne – financiada por Luiz IX para atender estudantes sem recursos. Para fazer jus a essa demanda crescente por ensino, foram criados mais de 30 colégios seculares e conventos de ordens religiosas, junto às ordens religiosas, ao longo dos séculos XIII e XIV, listados na (Figura 26) em decorrência, muitas residências foram construídas na margem esquerda do Sena.

Figura 26 - O desenvolvimento da margem esquerda do Sena indicando a localização dos colégios seculares e as ordens religiosas



Fonte: Chadych; Leborne, 2022. p. 39.

O muro construído por Philippe Augusto, no momento, se mostra ineficaz para as novas formas de ataque com pretensão de invasão, tais como, fogos lançados por dispositivos que projetava um jato de líquido inflamável, como óleo ou alcatrão, que era, então, aceso, cuja chama podia ser lançada contra as fortificações inimigas ou tropas em campo aberto. O lança-chamas era uma arma de cerco eficaz, pois podia ser usada para incendiar torres, portões e outras estruturas fortificadas. Além disso, também lançavam animais apodrecidos com o intuito de espalhar epidemias. Assim, para se defender a cidade, dessas novas formas de ataques, grandes valas foram construídas, ao tempo em que, foram instalados equipamentos de arremessos, dos terraços das torres.

Na proporção em que a população aumentava, novos muros iam sendo construídos. Pelo menos cinco muros ou fortificações, foram construídos ao redor de Paris (Brès; Sanjuan, 2012), incluindo a primeira muralha romana. A descrição de Jacques Le Goff ajuda a compreender a morfologia dessa cidade:

A cidade da Idade Média é um espaço fechado. A muralha a define. Penetra-se nela por portas e nela se caminha por ruas infernais que, felizmente, desembocam em praças paradisíacas. Ela é guarnecida por torres, torres das igrejas, das casas dos ricos e da muralha que a cerca (Le Goff, 1998, p. 71).

Estudiosos da área, como por exemplo, Leonardo Benevolo (2010), retratam essa Paris medieval, (Figura 27) como composta por três partes: a *cit *, núcleo original, sítio da ocupa o primitiva que se configurava num centro político e religioso. Ali estava a Catedral de Notre Dame e o Palácio da Justiça; a segunda parte, constava da *universit *, que se localizava na margem esquerda do Sena,  rea tradicional de estudantes, pois ali se desenvolvia um distrito de universidades, no *Quartier Latin*; a terceira parte, era representada pela *ville*, na margem direita do Sena, espaço de concentra o da maior parte da burguesia de comerciantes e o porto fluvial de *Gr ve*.

Figura 27 - Planta da cidade de Paris mostrando a diferenciação entre *Ville*, *Cité* e *Université*



Fonte: <https://www.raremaps.com/gallery/detail/99798> Acesso em: 23 de maio de 2024.

Segundo informações de Leonardo Benevolo (2010), inexistia um número certo de habitantes, mas os historiadores estimam que Paris, em 1328, contava com 80.000 (oitenta mil) a 240.000 (duzentos e quarenta mil) habitantes dos quais, 80% estavam na *ville*, margem direita, 11% na *l'Université* (margem esquerda) e 9% em *la Cité*.¹² Esse desequilíbrio se deve a urbanização tardia da margem esquerda e pela maciça presença de atividades comerciais. As ruas principais são mais largas, 6 a 8 metros de largura (*r. Saint-Denis* e *r. Saint-Jacques*). São ruas pavimentadas. No entanto, as ruas comuns são mais estreitas, com 2 a 5 metros de largura. O centro da cidade se configura num emaranhado de vias, na maioria delas somente é permitido o trânsito de pedestres, e muitos becos que não possuem saída; são denominados "*ruelles sans chef*" com 1 ou 2 metros de largura.

Não havia esgotamento sanitário. Os dejetos não tratados corriam a céu aberto, as águas pluviais desciam de calhas dos telhados diretamente nas ruas e o lixo se

¹² Essa estimativa é baseada em vários estudos e cálculos históricos, mas é importante notar que não há um consenso absoluto sobre o número exato de habitantes na época.

Uma das fontes que pode ser consultada para obter mais informações sobre a população de Paris na Idade Média é o livro "Paris in the Middle Ages", de Simone Roux (2011). Neste livro, a autora apresenta uma análise detalhada da história e da sociedade parisiense na época, incluindo informações sobre a população, a economia, a cultura e a política.

acumulava em frente as portas das casas que ocupam todo o terreno disponível. Paris sofria com sucessivas epidemias que provocava uma regressão demográfica drástica. Em 1438 mais de 50.000 (cinquenta mil) pessoas haviam sido mortas pela miséria ou por epidemias, principalmente a da peste bubônica.

Durante o Século XIV, Paris viveu várias revoltas: a Rebelião dos Comerciantes de 1358, com Etienne Marcel à frente; a Revolta dos *Maillotins* de 1382, quando os cidadãos se rebelaram com o aumento dos impostos; e a de 1413 de *Caboche*, um comerciante que liderou uma multidão, que acabou tomando a Bastilha. Esse período ficou conhecido como a Guerra dos Cem Anos.

Paris sofreu com as revoluções de 1413 e depois, a de 1418. Além dessas, veio a ocupação inglesa entre 1420 e 1436. A Inglaterra, liderada pelo rei Henrique V, aproveitou as disputas internas no reino francês e estabeleceu um acordo com os borguinhões. Esse acordo, conhecido como Tratado de Troyes, assinado em 21 de maio de 1420, pelo Rei Carlos VI. Na oportunidade, o Rei Carlos VI tornou o Rei Henrique V, da Inglaterra, regente da França e herdeiro necessário da coroa francesa. Este último, casou-se com a filha de Carlos VI, Catarina de Valois, para referendar essa decisão.

Com as frequentes epidemias que assolavam Paris, a regressão demográfica era inevitável. Daí veio o abandono de muitas residências. Segundo estudos de Danielle Chadych e Dominique Leborne (2022), em 1423, mais de 20.000 (vinte mil) casas estavam vazias. O Rei Carlos VII decidiu que fossem restauradas as casas que estivessem em condição de fazê-lo e demolissem as demais. Com isso, muitos casebres deram lugar a áreas ajardinadas e edifícios. Paris convivía com uma espécie de verticalização. As residências verticais de três (3), quatro (4), cinco (5) ou até seis (6) pavimentos, predominavam na paisagem da capital. Seu uso por diferentes camadas da sociedade, era outra característica. A cada andar, do primeiro até o sótão, o espaço não apenas era mais denso, como também mais precário e, portanto, habitado pelos inquilinos mais pobres. Nessa ocasião, Carlos VII também incentivou a construção e a renovação de edifícios religiosos em Paris. Dentre as contribuições notáveis resultantes da atitude do Rei, estão a reconstrução da famosa *Sainte-Chapelle* e o trabalho realizado na abadia de *Saint-Germain-des-Prés*.

As áreas suburbanas eram utilizadas, principalmente, pelos estabelecimentos religiosos que viviam dos produtos de suas propriedades, localizadas na periferia da cidade. Da mesma forma, a burguesia e a nobreza exploravam esses espaços, fosse

fossem por casas de lazer ou das casas para abastecimento. Num caminho inverso, a população do campo buscava proteção dentro da capital, em caso de perigo, agrupando-se, voluntariamente, em torno das abadias que se tornaram verdadeiros polos econômicos. Ao final da Idade média¹³ existia uma paisagem rural ao redor de Paris, composta por aldeias agrícolas como *La Villette*, *Passy*, *Belleville*, entre outras, que mantinham o abastecimento da capital e cultivavam vinhedos, pomares, planícies cultivadas com trigo, cevada, aveia e centeio. O artesanato têxtil se desenvolvia no *Faubourg Saint-Marcel* e o artesanato em madeira no *Faubourg Saint-Antoine*.

4.4 Continuidades e rupturas: Paris no Século XVI – Renascimento

Durante o Renascimento¹⁴, Paris experimentou uma grande prosperidade econômica e sua população crescia. Foi um período de profunda transformação na cultura, nas artes e nas ciências. Assim como na Itália, berço do Renascimento, este movimento refletiu uma renovação no pensamento e nas práticas artísticas, inspirada na Antiguidade Clássica.

Nesse período, o reino da França estava dividido entre católicos e protestantes e isso resultou em uma série de conflitos violentos. Paris, no início do século XVI, era a maior cidade do Reino da França e uma das mais influentes da Europa. A cidade teve um aumento populacional significativo durante a Idade Média Tardia, crescendo de aproximadamente 50.000 (cinquenta mil) habitantes no ano 1000 para cerca de 200.000 (duzentos mil) no ano 1500 (Favier, 1997). No entanto, esses números não são precisos. Os registros demográficos daquela época eram bastante limitados e imprecisos. Porém, segundo Yvan Combeau (2011), as estimativas populacionais dão conta de que, em 1500, Paris contava com cerca de 200.000 (duzentos mil)

¹³ Embora não haja um consenso absoluto sobre a data exata que marca o fim da Idade Média, comumente é considerado, o período em torno do século XV, como o seu encerramento. Alguns marcos históricos são frequentemente mencionados como eventos simbólicos de transição de épocas: a queda de Constantinopla para o Império Otomano, entendido como o fim do Império Bizantino, uma das últimas instituições remanescentes do mundo romano, a expansão marítima e os avanços científicos e culturais do Renascimento, ocorridos principalmente nos séculos XV e XVI, marcaram uma ruptura com as características tradicionais da Idade Média. Contudo, a delimitação exata entre a Idade Média e a Idade Moderna é uma construção historiográfica e os eventos históricos não ocorrem abruptamente no final de um período e no início de outro.

¹⁴ Na história da arquitetura é consensual dividir o período chamado Renascimento, em fases. A primeira delas, aconteceu na Itália, entre 1420 e 1500 e a segunda fase, quando as manifestações renascentistas avançam pela Europa, de 1500 a 1600, ou seja, quando o Barroco passa a dominar a estética e a cultura desses lugares (Lamas, 2000, p.167).

habitantes, divididos entre artesãos, burgueses, clérigos e camponeses que vinham à cidade em busca de trabalho e oportunidades. Os censos demográficos mais confiáveis começaram a ser realizadas, somente, no século XVII.

Cada novo monarca francês contribuiu para a promoção do progresso da cidade, com a construção de edifícios, pontes e fontes, embelezando assim a capital. Muitas dessas construções foram influenciadas pelo estilo renascentista importado da Itália.

O rei Luís XII, apesar de raramente ter visitado Paris, realizou a reconstrução da antiga *Pont Notre Dame*, feita originalmente de madeira e que desabou em 25 de outubro de 1499. Agora, a nova ponte, obra de Luís XII e inaugurada em 1512, era majestosamente construída em pedra ornamental, com um pavimento de pedras, e acompanhada por sessenta e oito (68) residências e lojas (Lamas, 2000).

Em 1515 chegou ao trono Francisco I, que encarou como uma de suas missões, transformar Paris em uma capital cultural, isso denotava muito mais do que restringir a cultura e as artes, às universidades; significava, isto sim, converter a corte, no coração cultural da cidade. Com esse propósito de ressignificação da posição sócio-político da realeza, Francisco I reconstruiu e ampliou o Louvre, tornando-o, novamente, o centro político da cidade e criou a *Bibliothèque Nationale* (Hussey, 2011).

Em 15 de julho de 1533¹⁵, o rei Francisco I lançou a pedra fundamental do primeiro *Hôtel de Ville*, à prefeitura de Paris. Este evento marcou o início da construção formal de um edifício destinado a ser o centro administrativo da cidade. O prédio original foi projetado em estilo renascentista e, ao longo dos anos, passou por várias expansões e reconstruções, especialmente após ter sido destruído pelo fogo durante a Comuna de Paris em 1871.

O projeto foi do requisitado arquiteto italiano, Domenico da Cortona que, também, foi responsável pelo projeto do Château de Chambord no Vale do Loire. Na verdade, o *Hôtel de Ville* só foi concluído em 1628. No entanto, Cortona também deixou sua marca profissional na história de Paris, ao projetar a primeira igreja renascentista dessa cidade: a igreja de Saint-Eustache (1532). Nesse projeto, ele acrescentou detalhes e decorações renascentistas extravagantes, a uma estrutura

¹⁵ Fonte: <https://archive.org/details/Evenement-15-Juillet-1533>. Acesso em 23 de maio de 2024.

gótica preexistente, o que resultou em uma combinação única de estilos arquitetônicos.

Em 1532, Gilles Corrozet¹⁶ compôs o primeiro guia histórico de Paris, *La Fleur des Antiquités de la noble et triomphante ville et cité de Paris*, Corrozet (1532) e listou 387 (trezentos e oitenta e sete) ruas na capital e 112 (cento e doze) no subúrbio. A França estava sob o reinado de Francisco I. Nesse período, Paris ainda está rodeada pelas muralhas de Carlos V e a cidade continuava dividida, como na Idade Média, em três áreas: a margem esquerda ou Universidade, a *Île de la Cité*, a margem direita ou Cidade. Dentro dos seus muros, Paris é uma cidade superpovoada. Os recém-chegados instalam-se fora dos muros, nos subúrbios, onde se desenvolvem novas construções. A capital da França estava organizada em 16 (dezesesseis) "*quartiers*" (bairros) sendo treze (13) deles situados na margem direita, três (3) na margem esquerda e um único que consistia na *Ile de la Cité*. Os "*quartiers*" eram subunidades das "*paroisses*" (paróquias) e tinham significado tanto religioso quanto administrativo. A cidade tinha uma complexa rede de obrigações sociais, profissionais e religiosas, e os "*quartiers*" ajudavam a organizar essas responsabilidades, a nível local.

A divisão de Paris em "*quartiers*" no século XVI era uma combinação de fatores religiosos, econômicos, geográficos e históricos (Fierro, 1996). Uma igreja ou importante instituição religiosa frequentemente servia como o ponto focal de um "*quartier*". A vida cotidiana girava em torno desses centros religiosos, e eles muitas vezes determinavam a área de influência e as fronteiras do bairro. Em 1588, Henrique III obrigou que cada *quartier* recebesse o nome de sua igreja principal. Outras vezes, algumas áreas de Paris eram conhecidas por certas atividades comerciais ou artesanais. Por exemplo, um bairro poderia ser conhecido por seus açougueiros, enquanto outro poderia ser o centro de comércio de tecidos. Estas atividades muitas vezes determinavam a natureza e os limites de um "*quartier*". Características geográficas como rios, pontes, estradas e outros marcos geográficos, também desempenharam um papel na definição dos limites dos "*quartiers*". Eles podiam servir como barreiras naturais ou pontos de conexão entre diferentes partes da cidade. Em

¹⁶ Gilles Corrozet, foi um notável humanista e escritor do século XVI. É conhecido por sua obra "La Fleur des Antiquités de la noble et triomphante ville et cité de Paris" publicada em 1532. Este trabalho é uma poderosa fonte de informações sobre a história e a topografia da Paris medieval e renascentista (Corrozet, 1532).

alguns casos, a história e a tradição desempenharam um papel na definição dos bairros.

Uma área da cidade que tinha sido historicamente habitada por uma determinada comunidade ou que tinha uma tradição particular poderia ser reconhecida como um "*quartier*" distinto. Ou seja, a divisão de Paris em "*quartiers*" no século XVI era uma combinação de fatores religiosos, econômicos, geográficos e históricos. Essas divisões ajudavam a organizar a vida cotidiana e a administrar a capital francesa. À frente de cada *quartier* havia um intendente que representava a autoridade municipal e era o responsável pela arrecadação de impostos.

Sob o reinado de Francisco I, que desejava remodelar Paris à imagem das grandes cidades italianas da Renascença, o *Decreto de Fontainebleau* foi promulgado, em 1535. Este decreto determinou a destruição das muralhas e portas ainda existentes da cidade antiga e que todas as ruas fossem retas e desobstruídas. As muralhas e barreiras medievais eram vistas como estruturas desatualizadas e incompatíveis com o novo ideal estético da Renascença.

Embora não tenha tido tanta importância histórica, o *Decreto de Fontainebleau* foi relevante para a evolução urbana de Paris durante a Renascença. Até o início do século XVI, Paris ainda conservava algumas de suas muralhas medievais. No entanto, a cidade estava passando por mudanças significativas. A Renascimento, que teve seu auge na Itália, começou a influenciar a França e trouxe uma nova abordagem para a arte, a cultura e o design urbano. Paris, como capital e centro cultural do reino, não ficou imune a essas influências.

Antes do decreto de 1535, já havia uma iniciativa de construir uma nova muralha, conhecida como Muralha de Carlos V (ou Muralha dos *Fossés Jaunes*). Esta muralha foi iniciada em 1356 e concluída no final do século XIV. Ela cercava áreas previamente não defendidas e expandia a área fortificada da cidade. A iniciativa de Francisco I em 1535 permitiu a expansão da cidade para além dessa muralha como se vê na (Figura 28).

Figura 28 - Representação da cidade de Paris, mostrando seu crescimento e ainda a quarta muralha que foi iniciada por Carlos V, em 1367 e concluída por Carlos VI em 1383



Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85933260>. Acesso em: 18 nov. 2023.

A remoção das muralhas e obstáculos da cidade não ocorreu de uma só vez, nem foi uma tarefa simples. Foram necessários anos e planejamento logístico específico. Além das questões técnicas e financeiras envolvidas, houve também a questão do impacto social: muitos parisienses, especialmente os mais velhos, tinham memórias e conexões emocionais com as estruturas. Para alguns, essas edificações eram símbolos de proteção e segurança; para outros, marcos de referência diários, portanto, efêmeros. Contudo, o progresso e a visão de uma Paris moderna e cosmopolita prevaleceram. A cidade experimentou um período de renovação e revitalização: ruas foram alargadas e pavimentadas, praças e jardins foram criados, e novos edifícios, como o Castelo de *Fontainebleau*, tornaram-se centros de arte e cultura. Essas transformações reafirmaram Paris, como um centro vital da Renascença na Europa.

As consequências da decisão de Francisco reverberaram nas eras subsequentes. O espírito de remodelação e renovação que iniciou no século XVI, foi

retomado em vários benefícios, mais notavelmente pelo Barão Haussmann no século XIX. O legado do Decreto de *Fontainebleau* pode ser visto, nessa evolução contínua da cidade.

Mesmo que as barreiras e muralhas originais tenham sido derrubadas, elas não foram completamente esquecidas nem consideradas desnecessárias. A decisão de 1535 foi um passo na evolução urbana e defensiva de Paris, mas não foi o fim das muralhas da cidade. À medida que Paris cresceu e as necessidades e preocupações defensivas mudaram, novas muralhas e fortificações foram construídas e, posteriormente, desmanteladas ou adaptadas para outros propósitos.

O Decreto de *Fontainebleau*, em seu contexto, foi mais do que apenas uma ordem para demolir estruturas físicas. Representa uma mudança de mentalidade, uma transição de uma Paris medieval para uma metrópole renascentista, pronta para abraçar as possibilidades e desafios dos novos tempos. A cidade que emergiu desse processo de transformação foi uma que estava posicionada para se tornar, nas eras vindouras, a incontestável “Cidade Luz”.

O desenvolvimento da cidade acontecia nas franjas urbanas, onde as terras eram mais baratas. A primeira dessas áreas a se expandir foi o *Faubourg Saint-Germain* que ia desde a *rue Saint-André-des-Arts à Porte de Buci* (que já havia sido derrubada, mas manteve a nomenclatura), *Saint-Suplice* e *rue de l’Ecole de Médecine*. Nessa área acontecia todos os anos, a partir do mês de fevereiro, a feira de *Saint-Germain*. Nessa ocasião, toda a população da cidade, independente de classe social, lotava os mercados e espetáculos públicos, que atraíam mercadores, comerciante e artistas, que vinham de outros locais como Alemanha, Itália e Inglaterra (Rouleau, 1997).

Seguindo a História de Paris, contada por Bernard Rouleau (1997), no lado oeste da cidade, o desenvolvimento também acontecia com a construção de casas entre as abadias e igrejas, muito embora, aquela região possuía ruas enlameadas, diferente da região central e setor leste. Essa área correspondia as *rue du Dragon*, *rue du Sabot* e *des Saints-Père*. As ruas de *Temple*, que vai do centro para a periferia da cidade passa a ter 36m de largura. A *rue Saint-Honoré* passa de 14,60m a 20m. A *rue Saint-Antoine* que tinha 10,40m, foi alargada para 21,50.

Na margem esquerda surgia um novo bairro entre as ruas *Gracieuse*, *Lacépède*, *Geoffroy-Saint-Hilaire* e *Daubenton*. Para Andrew Hussey (2011), nesse local havia um vinhedo e um emaranhado de ruas estreitas. O bairro criado recebeu

o nome de *Villeneuve-Saint-René* e toda a região seguiu se desenvolvendo. Francisco I planejava o desenvolvimento urbano de Paris segundo os princípios renascentistas Italianos. Assim, estimulava a construção de avenidas limpas, uniformes, quarteirões em ângulos retos e espaços públicos abertos.

O crescimento de Paris já se mostrava um caminho sem volta, assim como acontecia a promoção o desenvolvimento urbano. O Rei Francisco I decidiu, então, que deveria fixar residência em Paris após sua coroação em 1528 (Combeau, 2011), decisão fundamental para o desenvolvimento da cidade.

Durante o reinado de Francisco I, a França viveu um período de enriquecimento cultural e artístico, marcado especialmente pelo desenvolvimento urbano de sua capital. No início do século XVI, sob sua égide, Paris começou a se ornamentar e a se mapear com precisão, refletindo a influência humanista da monarquia. O Renascimento italiano substituiu o estilo gótico. O rei patrocina uma série de iniciativas arquitetônicas, algumas das quais, levaram décadas para serem finalizadas, estendendo-se até o final do século XVI e meados do século XVII (Figura 29).

Figura 29 - Mapa de Paris no Século XVII



Fonte: Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b85933319>. Acesso em: 18 nov. 2023.

Entre essas iniciativas, destaca-se a expansão do Louvre, cujo estilo ocidental, projetado pelo arquiteto Pierre Lescot, é notável por sua adesão aos princípios renascentistas. Francisco I também se concentrou em revitalizar e construir o

moderno, com muitos empreendimentos, adotando o gótico extravagante, notadamente as roupas de *Saint-Merry*, *Saint-Eustache* e *Saint-Victor*.

Além disso, a vida intelectual e universitária da margem esquerda de Paris, particularmente nos bairros de *Sainte-Geneviève ou Quartier Latin* e *Saint-Séverin*, floresceu. Estes locais, predominantemente povoados por clérigos, professores e estudantes, testemunharam a transformação de humildes albergues medievais em centros vibrantes de aprendizagem humanista. As disciplinas de latim, grego e hebraico eram ensinadas nessas instituições, que agora acolhiam estudantes de famílias abastadas e nobres, marcando uma democratização da educação e uma nova era para o ensino superior na França.

No final do seu reinado, em 1546, Francisco I encarregou o Arquiteto Pierre Lescot de projetar um novo edifício para o Louvre, cuja obra foi concluída, ainda, sob a égide de Henrique II: uma verdadeira obra prima do Renascimento que ficou denominada como Ala Lescot.

À medida que a cidade se expandia e a população crescia, tornou-se evidente a necessidade de uma estruturação mais organizada dos espaços urbanos. O rei Francisco I, na busca de modernizar e ampliar Paris para refletir o seu status como uma das principais capitais da Europa, tomou uma série de medidas neste sentido. Uma das iniciativas mais notáveis para a época, foi o Decreto de 1543. Este decreto real permitiu a subdivisão e o loteamento de terrenos dentro da cidade, marcando o início do surgimento de loteamentos organizados em Paris. O decreto permitiu que grandes áreas de terras, antes agrícolas ou subutilizadas, fossem divididas em lotes e vendidas para desenvolvimento. Isso incentivou o surgimento de novos bairros e a expansão sistemática da cidade.

A descoberta dos escritos de Vitrúvio¹⁷, especialmente seu tratado "*De Architectura*", teve um impacto significativo no pensamento urbanístico e moderno, durante o século XVI, na França.

Durante o Renascimento, houve um interesse renovado pela Antiguidade Clássica, e a redescoberta do tratado de Vitruvius em meados do século XV serviu como uma ponte direta para esses ideais clássicos. Na França, isso coincide com um período de expansão urbana e renovação arquitetônica, impulsionado tanto por

¹⁷ Vitruvius, um arquiteto e engenheiro romano do século I aC, enfatizou, em seus escritos, a importância da proporção, ordem e funcionalidade na arquitetura. Seus princípios centraram-se na ideia de que um edifício deveria possuir *firmitas* (solidez), *utilitas* (utilidade) e *venustas* (beleza). Lamas (2000).

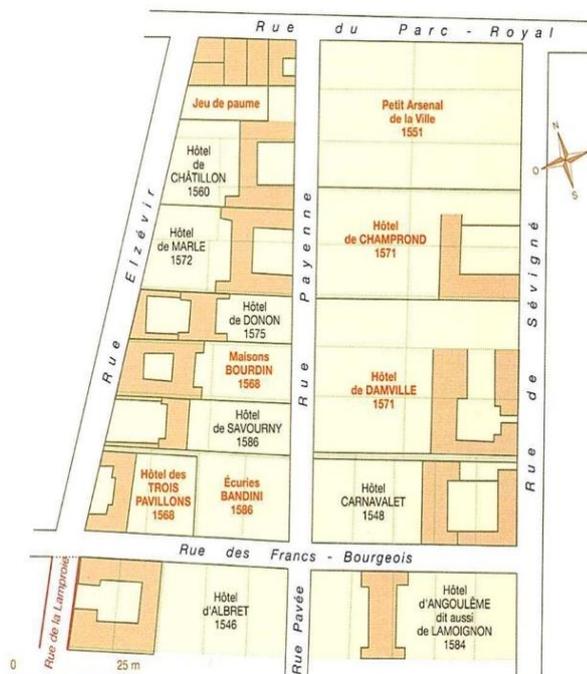
ambições políticas quanto por um desejo de reflexão dos ideais renascentistas nas cidades. Segundo José Maria Ressano Garcia Lamas (2000), a pretensão de criar cidades bem planejadas e ordenadas, foi uma extensão direta dos princípios vitruvianos. Paris e outras cidades francesas viram a introdução de ruas retas e praças amplas, buscando promover uma sensação de ordem e harmonia urbanas.

Segundo Lamas (2000), durante os séculos XVI e XVII, Paris viveu uma expansão notável, não apenas em termos de território, mas, especialmente, quanto às dinâmicas sociais e à reconfiguração do espaço urbano. Dois bairros em particular, *Marais* e *Faubourg Saint-Germain*, se destacaram como focos da aristocracia e se tornaram emblemáticos da riqueza e do poder da elite parisiense.

O bairro do Marais é um exemplo emblemático desse período de loteamento. Naquela oportunidade, os monges de Saint-Catherine necessitando de recursos para suas obras, resolveram vender terrenos de propriedade da ordem. Cerca de 33.860 (trinta e três mil, oitocentos e sessenta) metros de chão, resultaram em 59 (cinquenta e nove) lotes nos quais se projetou uma rede de ruas ortogonais: *rue des Francese-Bourgeois*, *de Sévigné Payenne*, *Elzévir* e *du Parc-Royal*. *Toussaint de Hocedy*. Na época, o bispo de Toul e prior de *Sainte-Catherine*, conseguiu permissão real, junto ao bispo e aos vereadores da cidade, para fracionar e desenvolver as terras pertencentes ao priorado. Assim surgiu o conjunto habitacional em *Couture Sainte-Catherine* representa uma das primeiras grandes iniciativas de loteamento pós-decreto, como visto na (Figura 30), desenvolvendo terras agrícolas em uma região próspera e densamente povoada.

Nesses terrenos retangulares, foram erguidas grandes e ricas residências para a nobreza, condições essas, que fez, do *Marais*, um bairro verdadeiramente distintivo. Durante o final do século XVI e início do século XVII, muitos aristocratas escolheram o *Marais* como sua residência e construíram mansões suntuosas, conhecidas como "*hôtels particuliers*", como, por exemplo, o *Carnavalet*, de *Lamavoine*, de *Châtillon*, de *Donon*, entre outros (Figura 31). O *Hôtel de Donon*, foi construído em 1575 por *Médéric de Donon*, e projetado pelo arquiteto Jean Bullant para projetá-lo. Essas edificações grandiosas eram símbolos de *status* e poder de seus proprietários e transformaram o *Marais* em um dos bairros mais sofisticados de Paris.

Figura 30 - Loteamento de *la Couture Sainte-Catherine* e a definição dos *Hôtels Particulieres* e suas ruas principais

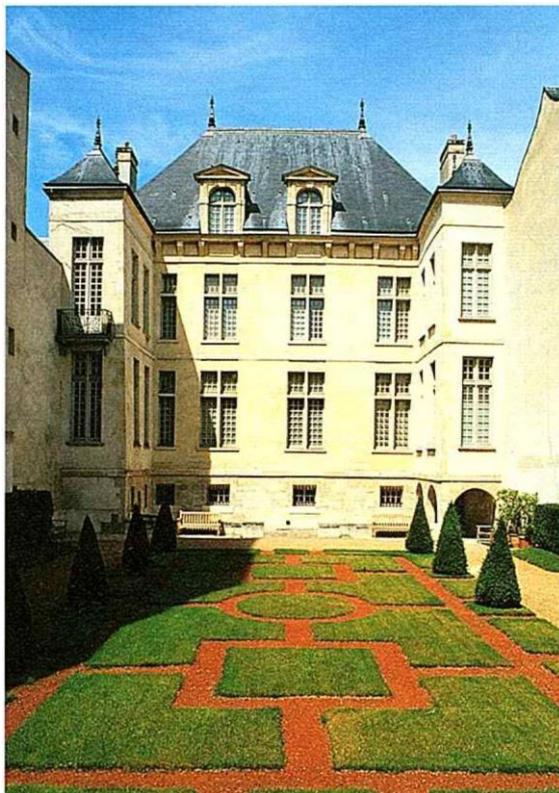


Fonte: Chadych; Leborne, 2022. p. 57.

Enquanto o bairro, *Marais* florescia na margem direita do Sena, o *Faubourg Saint-Germain* emergia como um centro da aristocracia na margem esquerda. À semelhança do *Marais*, o *Faubourg Saint-Germain* tornou-se um local de eleição para a nobreza durante o século XVII. Os “*hôtels particuliers*” também pontuaram essa área, e o bairro, rapidamente, se localizou como um reduto da elite. Além de residências, o bairro também abrigava importantes instituições religiosas e educacionais (Chadych; Leborne, 2022).

Assim, ambos os bairros, *Marais* e *Faubourg Saint-Germain*, representavam mais do que apenas locais de residência; eram espaços de poder, de influência e de cultura. As mansões eram, frequentemente, locais de encontros sociais, onde uma elite se reunia para debater assuntos políticos, gostar de artes e participar de eventos da alta sociedade. Estes fracionamentos representaram os primeiros grandes esforços de urbanização de áreas agrícolas em Paris, reduzindo um movimento em direção a um ambiente mais urbanizado e densamente povoado (Chadych; Leborne, 2022).

Figura 31 - *Hôtel de Donon*, atual Museu de *Cognacq-Jay*, 8, *rue Elzévir*. Na foto, a fachada secundária que abriga o jardim, na 9, *rue Payenne*



Fonte: Chadych, Dominique, 2022. p. 57.

Durante o reinado de Henrique II, da França, que assumiu o trono após a morte de seu pai, o Rei Francisco I (de 1547 a 1559), Paris testemunhou uma série de reformas urbanísticas e legislativas que objetivaram sua transformação e modernização. O monarca, com uma visão progressista, emitiu um notável decreto em 1548. Este documento legislativo proibia, expressamente, a construção de novos edifícios residenciais nos subúrbios de Paris. A base para tal medida tem suas raízes em diversos motivos, porém, a preocupação primordial, era manter o controle urbano.

Na perspectiva de Danielle Chadych (2012), a metrópole parisiense estava em franco crescimento e uma expansão desmedida poderia levar a desafios urbanísticos, como, por exemplo, a falta de infraestrutura de saneamento adequada e outros problemas associados a um desenvolvimento não planejado. Além disso, sob uma perspectiva defensiva, qualquer construção além dos limites da cidade apresentava riscos à segurança. Restringindo novas edificações na periferia, acreditavam que Paris manteria sua identidade e reputação.

Entretanto, apesar da intenção do decreto, as demandas demográficas e a contínua necessidade de expansão urbana, impulsionaram a cidade, a crescer além

de seus limites originais, fato que obrigou o rei, a suspender os efeitos daquele decreto, em 1550.

À medida que a cidade crescia, áreas que antes eram periféricas ou dedicadas à agricultura, passaram a ser incorporadas ao tecido urbano, levando ao desenvolvimento dos subúrbios, ou como se denominava, os *Faubourgs*¹⁸, numa expansão contínua das fronteiras da cidade.

Com o tempo e a expansão das cidades, muitos “*faubourgs*” foram integrados ao tecido urbano e perderam sua característica periférica. O *Faubourg Saint-Honoré* foi incorporado ao bairro *Saint-Honoré*; o *Faubourg Saint-Ladre*, ao bairro de *Saint-Sépulcre*; o *Faubourg de Saint-Jacques*, ao bairro de *Notre-Dame*; e o *faubourg Saint-Germain* ao bairro de *Saint-Severin*. Na margem esquerda do rio Sena, os *faubourgs* se desenvolveram mais do que aqueles que estavam na margem direita. O maior e mais importante desses bairros, foi o *Faubourg de Saint-Germain*, com feiras e igreja própria, a igreja de *Saint-Germain-des-Prés*.

O século XVI foi, assim, um período crucial para Paris, marcando sua transição de uma cidade medieval para uma metrópole em crescimento, com bairros e subúrbios em expansão, listados na (Figura 32), refletindo a importância crescente da cidade no cenário europeu. A cidade somava dezesseis bairros, Combeau (2011) e crescia a cada dia como mostrado na (Figura 33).

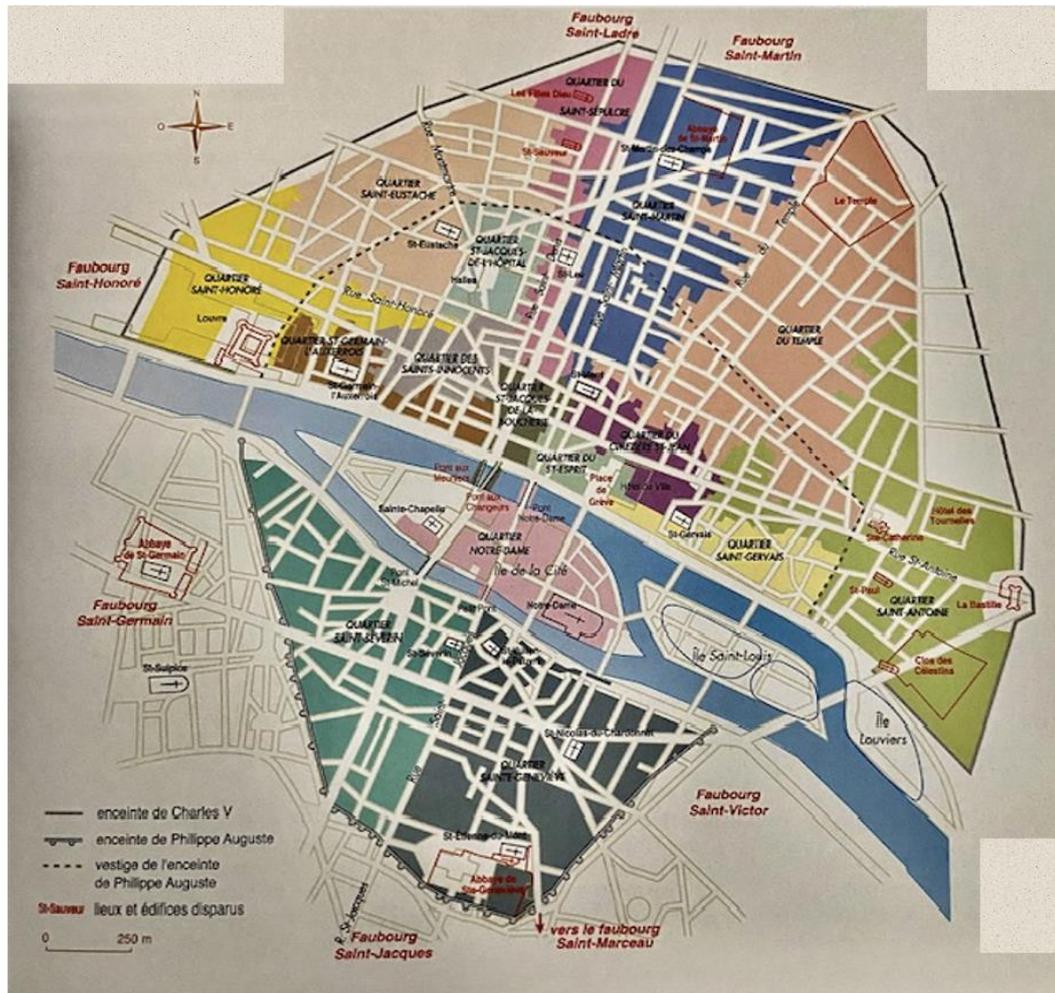
Figura 32 - Lista dos 16 bairros de Paris

1. Notre-Dame	9. Saint-Martin
2. Saint-Germain-l'Auxerrois	10. De la Grève
3. Saints-Innocents	11. Cimetière Saint-Jean
4. Saint-Honoré	12. Quartier du Temple
5. Saint-Eustache	13. Saint-Gervais
6. Saint-Jacques-de-l'Hôpital	14. Saint-Antoine
7. Saint-Jacques-de-la-Boucherie	15. Sainte-Geneviève
8. Saint-Sépulcre	16. Saint-Séverin

Fonte: Combeau, 2011, p.13.

¹⁸ Historicamente, o termo *Faubourg* era usado para designar áreas que se desenvolviam fora das muralhas de uma cidade. Estas áreas eram frequentemente situadas ao longo de estradas principais e inicialmente eram separadas da cidade propriamente dita.

Figura 33 - Planta dos dezesseis bairros de Paris, no Séc. XVI



Fonte: Babelon, Jean-Pierra. Paris au XVI siècle. Nouvelle Histoire de Paris. 1986. In: Chadych; Leborgne, 2022.

Segundo Danielle Chadych e Dominique Leborne (2022), após a morte de Henrique II, em 1559, seu filho, Francisco II o sucedeu no trono francês. Francisco II nasceu em 1544 e era o filho mais velho de Henrique II e Catarina de Médici. Sua ascensão ao trono ocorreu quando ele tinha apenas 15 anos de idade. O reinado de Francisco II foi curto: durou pouco mais de um ano, de julho de 1559, a dezembro de 1560. Durante seu breve reinado, ele teve desafios importantes, principalmente, os relativos às questões religiosas entre católicos e protestantes, que cresceram na França. Esses desafios acabaram por desencadear as Guerras de Religião.

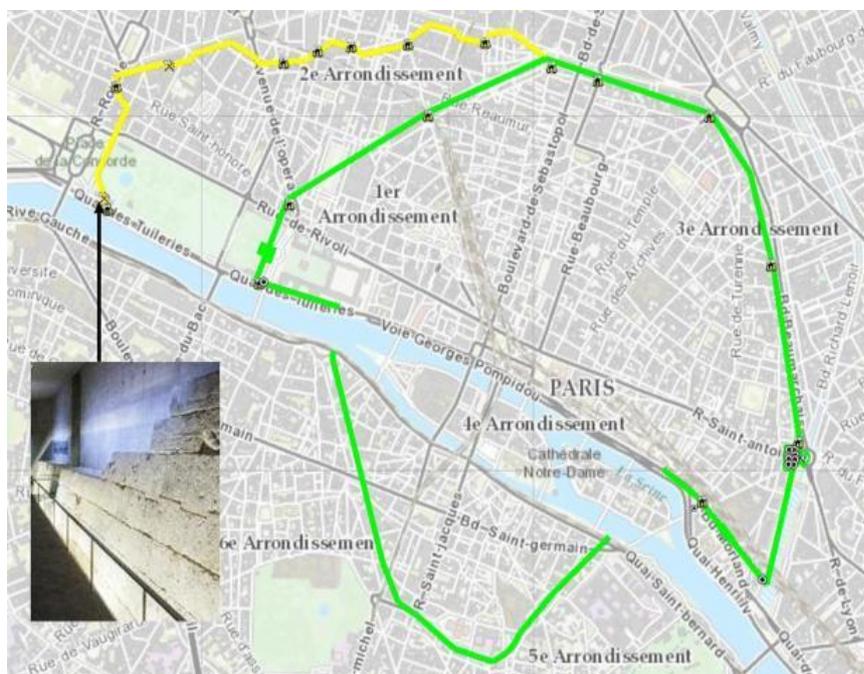
Francisco II morreu jovem, aos 16 anos, e foi sucedido por seu irmão mais novo, Carlos IX, que também era menor de idade, na época de sua ascensão. Durante os reinados de Francisco II e Carlos IX, a regente efetiva do reino foi sua mãe, Catarina de Médici, que desempenhou um papel crucial na política francesa durante esses períodos turbulentos. Após a morte do seu marido, Henrique II, decidiu construir um

novo palácio, no oeste de Paris, longe do antigo *Palais du Louvre*, o *Palais des Tuileries*¹⁹, cuja construção teve início, em 1564. O *Palais des Tuileries* tornou-se importante residência real, especialmente durante os reinados de reis como Luís XIV, que passou parte de sua juventude ali.

Infelizmente, o palácio não sobreviveu até os tempos modernos; uma perda de lições arquitetônicas e culturais. Em 1871, durante a Comuna de Paris, o *Palais des Tuileries* foi incendiado por revolucionários. O fogo foi tão devastador que o palácio foi completamente destruído. Em 1883, as ruínas foram demolidas, e o palácio nunca foi reconstruído. Uma perda de lições arquitetônicas e culturais. Hoje, os Jardins das *Tuileries* permanecem como testemunho do antigo palácio e é um dos parques mais populares e icônicos de Paris.

Carlos IX decidiu proteger a Paris do século XVI, ampliando o recinto anterior com o jardim das *Tulherias* para oeste e acrescentando um fosso. Os materiais escavados de cor amarela, deram o nome de *Yellow Fosses*, (Figura 34), a essa infraestrutura que somente chegou a ser concluída, sob o poder Luís XIII (1601-1643).

Figura 34 - Muralha de Carlos IX com destaque para as *Yellow Fosses*



Fonte: <https://eauterrefeuair.wordpress.com/2016/06/04/7-enceintes-pour-paris/>. Acesso em: 18 set. 2023.

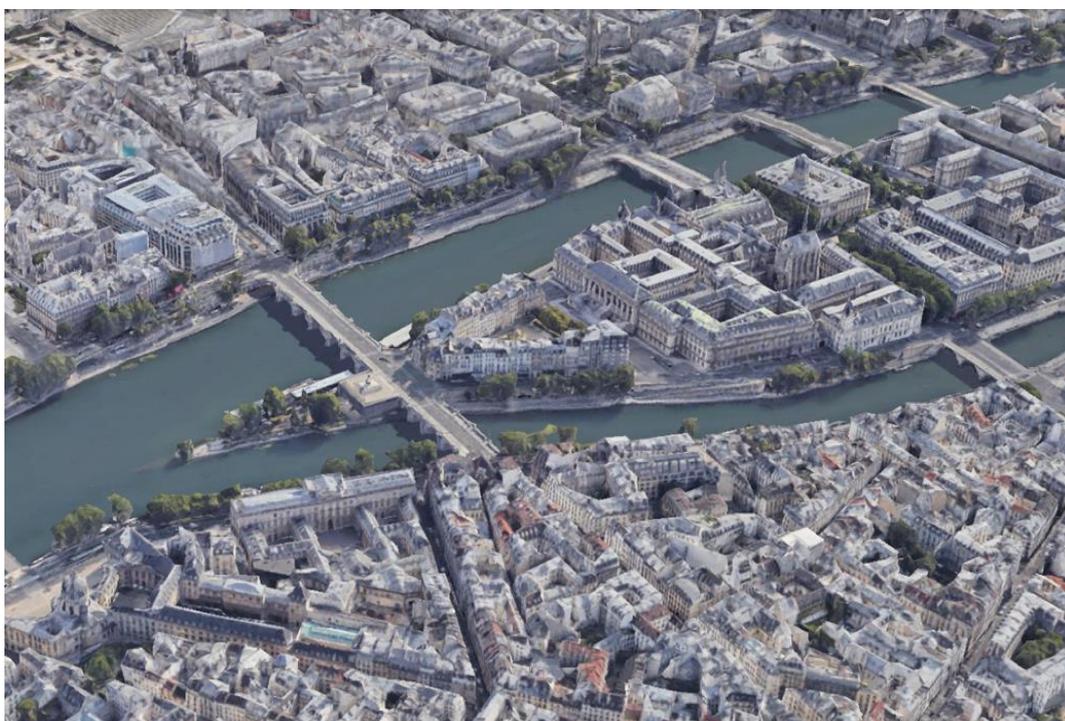
¹⁹ O palácio foi expandido e alterado várias vezes ao longo dos anos. No final do século XVI, sob o reinado de Henrique IV, foi construída a "Grande Galerie", que ligava o Palais des Tuileries ao Palais du Louvre, unificando os dois palácios.

Henrique III ascendeu ao trono da França em 1574, após a morte de seu irmão, Carlos IX. Ele era o quarto filho de Henrique II e Catarina de Médici. Henrique III governou até sua morte em 1589. Portanto, seu reinado na França durou, apenas, 15 anos e seu governo foi marcado por intensas lutas religiosas, como parte das Guerras de Religião que assolaram a França, na segunda metade do século XVI.

Henrique III decidiu, em 1578, construir uma ponte que cruzasse os dois braços do Sena de uma só vez. A *Pont-Neuf*, que em francês significa "Ponte Nova"; trata-se de uma estrutura icônica em Paris e é, paradoxalmente, a ponte mais antiga, ainda em pé, sobre o rio Sena, na capital francesa. O projeto da ponte foi assinado pelo arquiteto Baptiste Androuet de Cerceau (Cambeau, 2011).

Segundo Yvan Combeau (2011), as obras da ponte *Pont-Neuf* foram interrompidas entre 1588 e 1598 (Figura 35), porém, sua inauguração somente aconteceu, em julho de 1606, agora, sob o reinado de Henrique IV. A sua construção foi um marco no desenvolvimento urbanístico de Paris.

Figura 35 - Imagem da *Pont-neuf* facilitando o acesso ao edifício do *Palais de Justice*, a *Sainte-Chapelle* e a Catedral de *Notre-Dame*



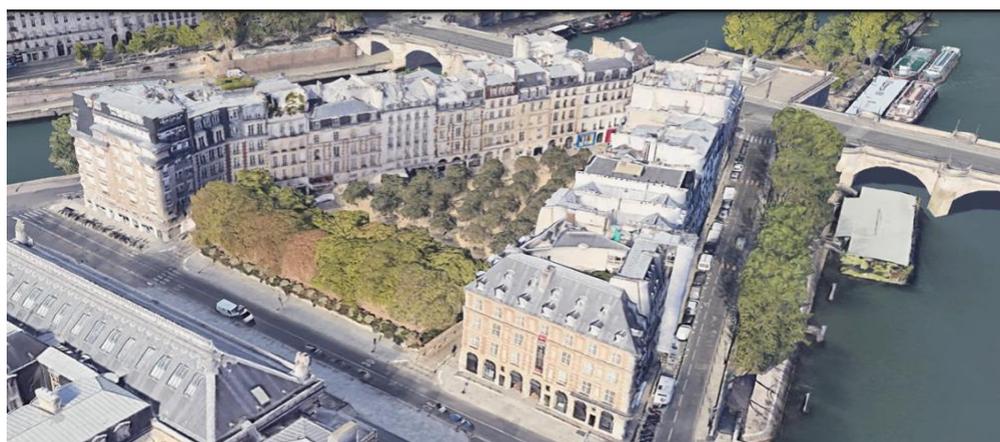
Fonte: Imagem elaborada pelo autor, a partir do Google Earth. Acesso em: 23 out. 2023.

A *Pont-Neuf* também é conhecida por suas estátuas e detalhes ornamentais. Os "*mascarons*", que são máscaras de rostos esculpidos, são uma característica distintiva da ponte, com 381 (trezentos e oitenta e uma) destas decorações, retratando diferentes expressões faciais, adornando seus lados.

A construção de *Pont-Neuf*²⁰ teve implicações significativas para o desenvolvimento urbano de Paris. Além de facilitar a circulação entre as duas margens do rio, também ajudou na formação de um centro de atividades comerciais e sociais. O espaço ao redor da ponte, rapidamente, se tornou um local de encontro popular, impulsionando o desenvolvimento de áreas adjacentes.

Ao contrário das pontes medievais da época, que eram frequentemente cobertas por casas e lojas, a *Pont-Neuf* foi concebida para ser aberta, oferecendo vistas panorâmicas sobre o rio Sena. Isso marcou uma ruptura significativa com o design tradicional de pontes e refletiu um novo entendimento de urbanismo e estética. Na verdade, a *Pont-Neuf* é composta por duas elos distintos de ligação, que se integram por um parque central, *Place Dauphine*,²¹ na *Ile de la Cité*. Essa praça está organizada no interior de um quarteirão. A composição urbana clássica apresentará uma perfeita complementaridade entre os três elementos principais: o traçado retilíneo, a quadrícula e a praça (Lamas, 2017). A praça deixa de ser apenas um vazio urbano e passa a ser um local importante na estrutura urbana, para onde convergem os principais edifícios e monumentos da cidade. A praça tem a forma de um triângulo isósceles, como se vê pelo seu desenho na (Figura 36), cujo vértice aponta para a *Pont-Neuf*. Os nomes de três arquitetos se acham ligados a essa realização prestigiosa: Jacques Androuet, Claude Chastillon e Louis Métézeau (Cambeau, 2011).

Figura 36 - Plano da *Place Dauphine*



Fonte: Imagem elaborada pelo autor a partir do Google Earth. Acesso em: 23 out. 2023.

Henrique IV desempenhou um papel crucial no planejamento e desenvolvimento urbano de Paris. Foi um período de importantes modificações na

²⁰ "La Pont-Neuf | Paris, FR." [On-line]. Disponível em: <https://www.paris.fr/equipements/pont-neuf-1777>. Acesso em 23.06.2022.

²¹ Essa foi a maneira encontrada pelo rei para homenagear o Delfim, seu filho e herdeiro do trono, então com seis anos de idade, que viria a ser o futuro Luís XIII.

paisagem da capital com construção de hospitais, fontes e pontes e abertura de praças e novas ruas.

Esse Soberano deu início a uma série de editais e decretos que perquiriam, não apenas embelezar a cidade, mas também torná-la mais funcional. O edital de 1607, definiu as regras para a expansão da cidade e desenvolvimento de suas vias. Especificamente, o edital tinha a ver com o traçado de estradas e a determinação do domínio público versus privado dos terrenos. O objetivo era regularizar o traçado das ruas, garantindo alinhamentos retos, larguras adequadas e uniformes, e também, controlar o avanço desordenado da construção privada, em terrenos públicos. Além disso, o documento estipulava que os terrenos ao longo das novas vias, seriam considerados domínio público, até uma certa distância. Somente após esse limite, é que a propriedade privada poderia começar. O edital delineou claramente as fronteiras entre propriedade pública e privada, garantindo, dessa forma, que as vias públicas não fossem obstruídas ou reduzidas por construções privadas. Isso permitiu a criação de calçadas, canais de condução e outros serviços públicos essenciais, enquanto ainda fornecia espaço para desenvolvimento privado.

Esta regulamentação foi um passo significativo para a modernização e planejamento urbano de Paris e definiu um precedente para regulamentos de construção e planejamento urbano em outras partes da Europa. A influência do edital em foco, pode ser vista nas intervenções subsequentes em Paris. Embora as reformas de Haussmann sejam frequentemente citadas, por sua escala e impacto, é importante reconhecer que elas foram construídas sobre uma tradição de planejamento urbano, que remonta, pelo menos, ao edital de 1607.

4.5 Renovações arquitetônicas e culturais: evolução de Paris no século XVII

Com a morte de Henrique IV, em 1610, chega ao poder seu filho Luís XIII, que governou até sua própria morte, em 1643. Esse período é marcado por um aumento considerável de população, não somente devido ao aumento de natalidade, mas também, como resultado de imigrações. Em 1637, os comissários de *Châtelet* realizaram uma contagem de domicílios, em Paris, resultando um total de 20.000 (vinte mil) casas e consideraram que cada uma delas era habitada por 20 pessoas, o que perfaz cerca de 415.000 (quatrocentos e quinze) mil pessoas morando em Paris, naquele ano. O recenseamento de domicílios foi uma iniciativa do governo, para obter

uma contagem mais precisa, dos habitantes da cidade e dos domicílios. Porém, havia ainda outro interesse nos resultados do recenseamento, tal seja, a imposição de impostos (Chadych; Leborgne, 2022).

Durante o reinado de Luís XIII, a paisagem urbana de Paris sofreu transformações significativas, continuando o legado iniciado por seu pai, Henrique IV. Sob a influência e direção da regente Maria de Médicis, mãe de Luís XIII, foi planejada, em 1615, a construção do imponente Palácio Médicis, mais tarde renomeado para *Palais de Luxembourg*. Inspirado no grandioso *Palazzo Pitti*, em Florença, o *Palais de Luxembourg* refletia o gosto e a influência italiana de Maria de Médicis, um símbolo de sua herança e poder na capital francesa.

Além disso, o famoso estadista e primeiro-ministro, Cardeal Richelieu, iniciou, em 1624, a construção do Palácio do Cardeal, que posteriormente foi conhecido como *Palais-Royal*. Este edifício não era apenas uma residência luxuosa, mas também, um centro de poder e influência política, refletindo a crescente centralização do poder sob Luís XIII.

Um momento decisivo na história de Paris, foi em 1622, quando a cidade foi elevada ao status de sede de um arcebispado, reforçando sua importância como centro religioso e cultural.

O século XVII também foi marcado pelo desenvolvimento de novos bairros em Paris. Marguerite de Valois, uma figura influente da nobreza, impulsionou construções na região do *Pré-aux-Clercs*, dando origem ao elegante bairro de *Saint-Germain*. Ao mesmo tempo, os bairros de *Saint-Jacques* e *Saint-Honoré* se expandiram, refletindo o crescimento contínuo da cidade.

Particularmente, extraordinário, foi o desenvolvimento do bairro do *Marais*, atraído pela recém-inaugurada *Place Royale*. Um espaço público de grande importância social e política, esse bairro tornou-se um centro de elegância e sofisticação, atraindo a nobreza e os ricos financistas da época.

A *Île Saint-Louis*, uma ilha no coração do Rio Sena, testemunhou um melhoramento significativo, especialmente na sua parte oriental, ou seja, com o estabelecimento de ricos financistas nessa área, o que fez gerar a promoção de novos espaços residenciais, marcados, cada vez mais, pela especulação imobiliária.

Essas transformações urbanas e arquitetônicas durante o reinado de Luís XIII, não apenas moldaram a estrutura física de Paris, mas também, refletiram as

mudanças políticas, sociais e culturais que estavam ocorrendo na França no século XVII.

Nessa época, o centro de Paris estava principalmente localizado na *Rive Droite* (margem direita do rio Sena) e na *Île de la Cité*. A *Rive Gauche* (margem esquerda do Sena) era, em grande parte, composta por terras agrícolas, mosteiros e algumas vilas. A universidade histórica de Paris, a Sorbonne, estava sediada nesse espaço da cidade, tornando o *Quartier Latin*, um centro de aprendizado, porém, em termos de desenvolvimento urbano, a área era, relativamente, pouco desenvolvida.

Em 1638, Luís XIII tomou a decisão estratégica de expandir os limites da cidade, para incluir partes significativas da *Rive Gauche*. A nova área, abrangia os atuais 5º, 6º, 7º, 13º e 14º *arrondissements*. Esta expansão foi marcada pela construção de uma nova muralha, a "*Enceinte des Fossés jaunes*", que circundava a cidade. Essa não era apenas uma estrutura defensiva, mas também servia para demarcar a fronteira da cidade e controlar a entrada e saída de pessoas e mercadorias, garantindo receitas de impostos. A cidade foi, então, cercada por novas fortificações, que incluíam baluartes avançados e outras modernizações defensivas (Figura 37).

Figura 37 - Representação das muralhas com as Fossas amarelas e dos limites, em 1638, de acordo com Alfred Bonnardot



Fonte: Jean-Pierre Babelon. Paris au XVI siècle. Nouvelle Histoire de Paris, 1986. In: Chaydich; Leborgne, 2022, p. 67.

Esta decisão desencadeou um período de rápido desenvolvimento na *Rive Gauche*. A terra que anteriormente era usada para agricultura, foi progressivamente

urbanizada. Isso não só alterou a paisagem física da área, mas também trouxe mudanças sociais e econômicas, com novos residentes que chegam, estimulado pelo notório progresso, e novos negócios sendo estabelecidos.

Foram incorporados os *faubourgs* (subúrbios ou bairros fora dos antigos muros da cidade) de *Saint-Germain*, *Saint-Marcel* e *Saint-Victor*, situados na margem esquerda (*Rive Gauche*) do Rio Sena, independentes (em termos de trabalho) e que estavam fora das muralhas de Paris. Esta inclusão resultou em uma maior urbanização e desenvolvimento dos *faubourgs*, e, com o passar do tempo, o *Saint-Germain* tornou-se uma das áreas mais elegantes e ricas de Paris.

A presença de mansões aristocráticas (*hôtels particuliers*) e igrejas importantes, como a *Abbaye de Saint-Germain-des-Prés*, solidificou a reputação do bairro de *Saint-Germain*, como um centro de cultura e riqueza. Já os *faubourgs* de *Saint-Marcel* e *Saint-Victor* experimentaram urbanização e crescimento, mas mantiveram características distintas. Essa expansão refletiu a crescente importância da *Rive Gauche* na vida urbana e cultural de Paris. Com a expansão da cidade, houve um impulso para melhorar a conectividade entre a *Rive Gauche* e a *Rive Droite*. Isso levou à construção e fortificação de várias pontes ao longo do rio Sena, facilitando a movimentação entre as duas margens e promovendo uma integração mais coesa da cidade (Gaspar, 2012).

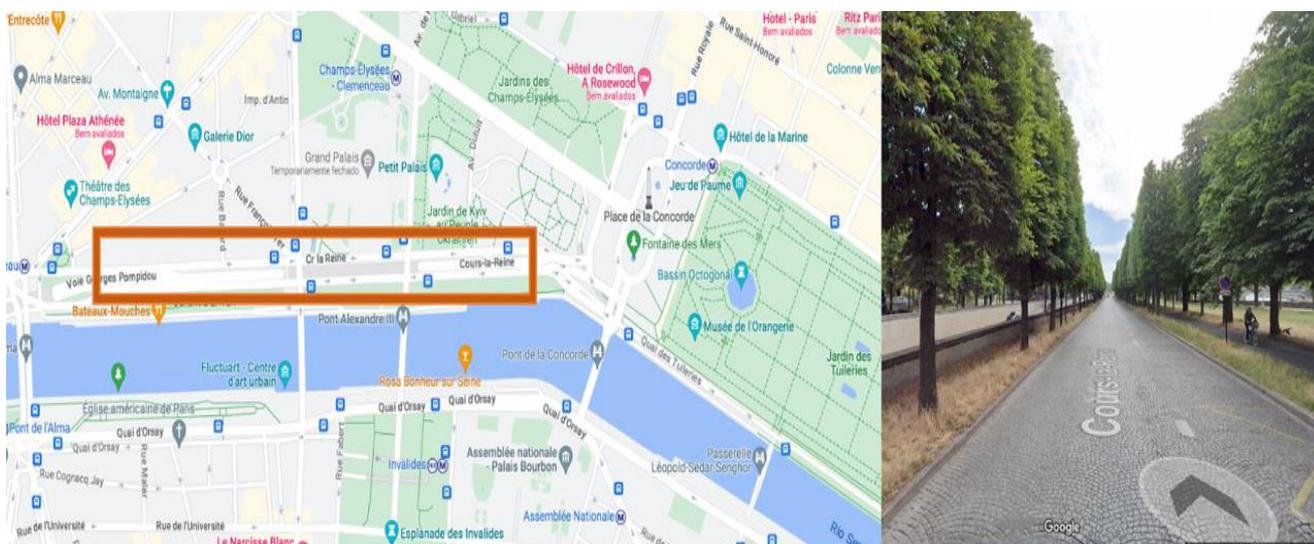
Em 1702, Luis XIV ordenou que a cidade e os subúrbios de Paris fossem divididos em 20 distritos (Combeau, 2011). O novo tenente-geral da polícia, Marc-René Le Voyer de Paulmy d'Argenson, aplicou o decreto real de 12 de dezembro.

A proposta deveria criar bairros com dimensões mais homogêneas uma vez que os antigos (16 bairros) eram extremamente desiguais, uns com 10 (dez) ruas e outros com mais de 60 (sessenta) ruas. E essa heterogeneidade, de fato, gerava desequilíbrio nas receitas fiscais. A proposição de organização dos bairros, certamente, irá permitir que, os cobradores de impostos conseguissem uma arrecadação mais efetiva (Chadych; Leborgne, 2022). Para evitar a expansão urbana, Luís XIV fixou o perímetro de Paris, por uma declaração em 18 de julho de 1724 que foram posteriormente atualizadas em 1726 e em 1728.

Ao mesmo tempo que a cidade se expandia pelos *faubourgs*, eram abertas ruas e avenidas, na área já consolidada. Em 1628, a avenida *Cours-la-reine* (que significa

"Curso da Rainha" em francês) foi construída por ordem da rainha Maria de Médici²² (Chadych; Leborgne, 2022) que buscava embelezar os arredores do *Palais des Tuileries*,²³ inspirada nos grandiosos jardins e bulevares da Renascença italiana. Ela desejava um local onde a nobreza pudesse passear, socializar e exibir suas carruagens. Era uma expressão não apenas de beleza e lazer, mas também de poder e prestígio. Está localizada no 8º *arrondissement*, ao longo da margem direita do Rio Sena, e seu percurso está preservado entre a *Place de la Concorde* até próximo da *Pont de l'Alma* (Figura 38).

Figura 38 - Mapa de ruas de Paris com destaque para a Avenida Cours-la-Reine.



Fonte: Google Maps com destaque feito pelo autor. Acesso em: 22 out.2023.

A avenida possui 1.813 (mil, oitocentos e treze) metros de comprimento e 38 (trinta e oito) metros de largura margeada por árvores denominadas Olmos. Olmos²⁴ são árvores pertencentes ao gênero "*Ulmus*" da família *Ulmaceae*. São árvores decíduas e semidecíduas, o que significa que a maioria delas perde suas folhas no outono, embora algumas possam reter suas folhas durante o ano todo em climas mais quentes. O corredor central permitia que seis carruagens trafegassem lado a lado e, ao longo dos anos, foram instalados vários monumentos e estátuas de homenagem. Esse trajeto era fechado em cada extremidade por portões monumentais ricamente decorados.

²² Mãe e regente de Louis XIII, entre 1610 e 1617, mesmo que Louis XIII tenha completado a maioridade em 1614.

²³ Les jardins das Tulherias | Museu do Louvre | Paris." [On-line]. Disponível em: <https://www.louvre.fr/jardins-tuileries>. Acesso em: 21.07.2022.

²⁴ Os olmos eram populares no paisagismo urbano devido à sua rápida taxa de crescimento, capacidade de tolerar condições urbanas e a forma majestosa e arqueada que muitas espécies apresentam.

Durante a era de Luís XIV, a configuração de Paris passou por uma transformação radical, evoluindo para uma metrópole aberta e expansiva. Os triunfos militares da França nas fronteiras, fortaleceram a percepção de segurança na capital. No ano de 1660, com o exército mais robusto da Europa, a França consolidou sua supremacia militar com a aquisição de Lille e partes de Flandres, pelo Tratado de *Aix-la-Chapelle*, em maio de 1668.

As fortificações de Paris, que foram robustas com bastiões sob o *Enceinte des Fosses-Jaunes*, apenas três décadas antes, foram derrubadas por ordem real, em 7 de junho de 1670 (Combeau; Leborgne, 2011). Esta ação não foi apenas simbólica, mas um indicativo da nova estratégia defensiva do reino, voltando-se para a expansão e embelezamento urbano. Onde antes havia muralhas, agora se desdobravam os grandes bulevares da cidade, caracterizados pelas suas largas avenidas ladeadas por árvores - um projeto conhecido como *le Nouveau Cours*, que proporcionou um ambiente mais ameno e esteticamente agradável (Figura 39).

Figura 39 - Le Cours-la-Reine no séc. XVII



Fonte: Disponível em: https://paris1900.lartnouveau.com/paris08/rues/cours_la_reine.htm. Acesso em 16 out. 2023.

4.6 A espinha dorsal da evolução urbana de Paris: a *Avenue des Champs-Élysées*

A *Avenue des Champs-Élysées*, em Paris, remonta ao início do século XVII, quando a área era basicamente um terreno baldio e pântano. A história da Avenida des *Champs-Élysées* está profundamente entrelaçada com a evolução da cidade de Paris e os desejos de seus monarcas, mas, também apresenta, ao mundo, o estágio de desenvolvimento urbano e arquitetônico francês.

Le Nôtre, paisagista principal de Luís XIV, foi chamado para projetar essa avenida e teve a ideia de prolongar o "*Allée des Tuileries*" até o "*Butte*²⁵" de *Chaillot*. André Le Nôtre pretendia transmitir uma continuidade visual e espacial na *Avenue des Champs-Élysées*, de modo a engatar a avenida, aos jardins das Tulherias. A ideia era prolongar o eixo visual do jardim, aproveitando o terreno plano e pantanoso que se estendia até o "*butte*" de *Chaillot*. Esta proposta criaria uma perspectiva contínua e harmoniosa, ligando os espaços verdes no coração da cidade. A avenida tem 71 metros de largura, por, 1,9 km de comprimento, com início na *Place de la Concorde*, junto ao Obelisco de Luxor, e termina na praça *Charles de Gaulle*, onde está o Arco do Triunfo.

Le Nôtre também concebeu a ideia de uma "estrela" de oito pontas, uma interseção de avenidas que irradiavam a partir de um ponto central, criando uma espécie de rosa dos ventos urbanos. Este projeto não apenas proporcionaria uma distribuição equilibrada do tráfego, mas também representaria a grandeza e a ordem da monarquia francesa. A atual *Place Charles de Gaulle*, onde se situa o Arco do Triunfo, pode ser vista como uma realização desta visão, embora tenha sido concretizada muito depois da época de Le Nôtre.

Além disso, com a intenção de criar um espaço público coeso, Le Nôtre planejou integrar a região onde hoje se encontra a *Place de la Concorde* e as avenidas Montaigne e Franklin Roosevelt ao *Cours-la-Reine*, criada no século anterior. Este projeto pretendia realçar a majestuosidade do rio, interligando os espaços verdes e urbanos, criando assim um corredor verde e elegante que simbolizava a grandiosidade da capital francesa sob o reinado de Luís XIV. A concepção da

²⁵ Em francês, "Butte" refere-se a uma colina ou elevação de terreno. Um exemplo famoso em Paris é o "Butte Montmartre", onde está localizado a Basílica do Sagrado Coração (Sacré-Cœur). Este "butte" oferece uma vista panorâmica da cidade de Paris devido à sua elevação.

Champs-Élysées foi amplamente influenciada pelo sucesso e popularidade do *Cours-la-Reine*. A avenida foi sendo prolongada ao longo do século XVIII.”

Por muito tempo, a *Champs-Élysées* manteve-se como um espaço verde, mais uma extensão dos jardins do palácio do que a avenida movimentada que se conhece nos dias de hoje. No entanto, ao longo dos séculos XVIII e XIX, com a expansão da cidade e o crescimento da população, aconteceu uma transformação significativa dessa alameda, em uma via urbana. Mansões, teatros, cafés e lojas surgiram, moldando a avenida em um epicentro de cultura, comércio e entretenimento.

A conclusão da Avenida *des Champs-Élysées*, em perspectiva na (Figura 40) com sua combinação de elegância, grandiosidade e vitalidade urbana, reflete a contínua evolução de Paris. Da visão inicial de Maria de Médici de um refúgio palaciano, até as declarações da avenida, como símbolo de prestígio e da personalidade parisiense, a *Champs-Élysées* representa a confluência de ambições monárquicas, visões artísticas e dinâmicas urbanas.

Figura 40 - Perspectiva artística da Avenida *Champs-Élysée*



Fonte: Disponível em: <https://culturaeviagem.wordpress.com/2013/05/11/champs-elysees-historia-atracoos-e-fotos-da-avenida-mais-bela-do-planeta/>. Acesso em: 14 out. 2023.

No contexto de Paris do século XVII, os espaços urbanos como jardins, pontes e pátios pavimentados criaram cenários de lazer e sociabilidade. Locais como o *Jardin Royal des Plantes Médicales*, hoje conhecido como *Jardin des Plantes*, e o Jardim das *Tulherias*, além do *Cours-la-Reine* e a famosa *Pont-Neuf*, transformaram-se em pontos de encontro da sociedade parisiense. Nestes espaços, a população local, desde a nobreza até os cidadãos comuns, costumava desfrutar de momentos de ócio, exibindo-se em trajes finos e participando do comércio e entretenimento que florescia ao redor. Esses locais se tornaram ponto de encontro social onde artistas, vendedores e entretenimento de rua atraíam uma multidão variada.

Nos últimos anos do século, a cultura dos cafés ganhou destaque com a inauguração do *Café Procope*,²⁶ em 1686, por Francesco Procopio dei Coltelli. Este estabelecimento não apenas serviu como ponto de encontro para a burguesia parisiense desfrutar das novidades que o café representava, mas também, se tornou um local de intercâmbio intelectual e literário, marcando o início da cultura dos cafés, na França.

Essas mudanças refletem uma Paris em transformação, onde o espaço público ganhou novas dimensões de uso e significado, estabelecendo as bases do que seria conhecido como a vida urbana moderna, e contribuiu para que a aparência das ruas de Paris, passasse por uma série de mudanças graduais. A introdução de placas indicativas, feitas de ferro branco ou pedra, nas esquinas das ruas, marcou uma nova era de organização urbana, identificando as ruas e atribuindo números às residências, para facilitar a localização.

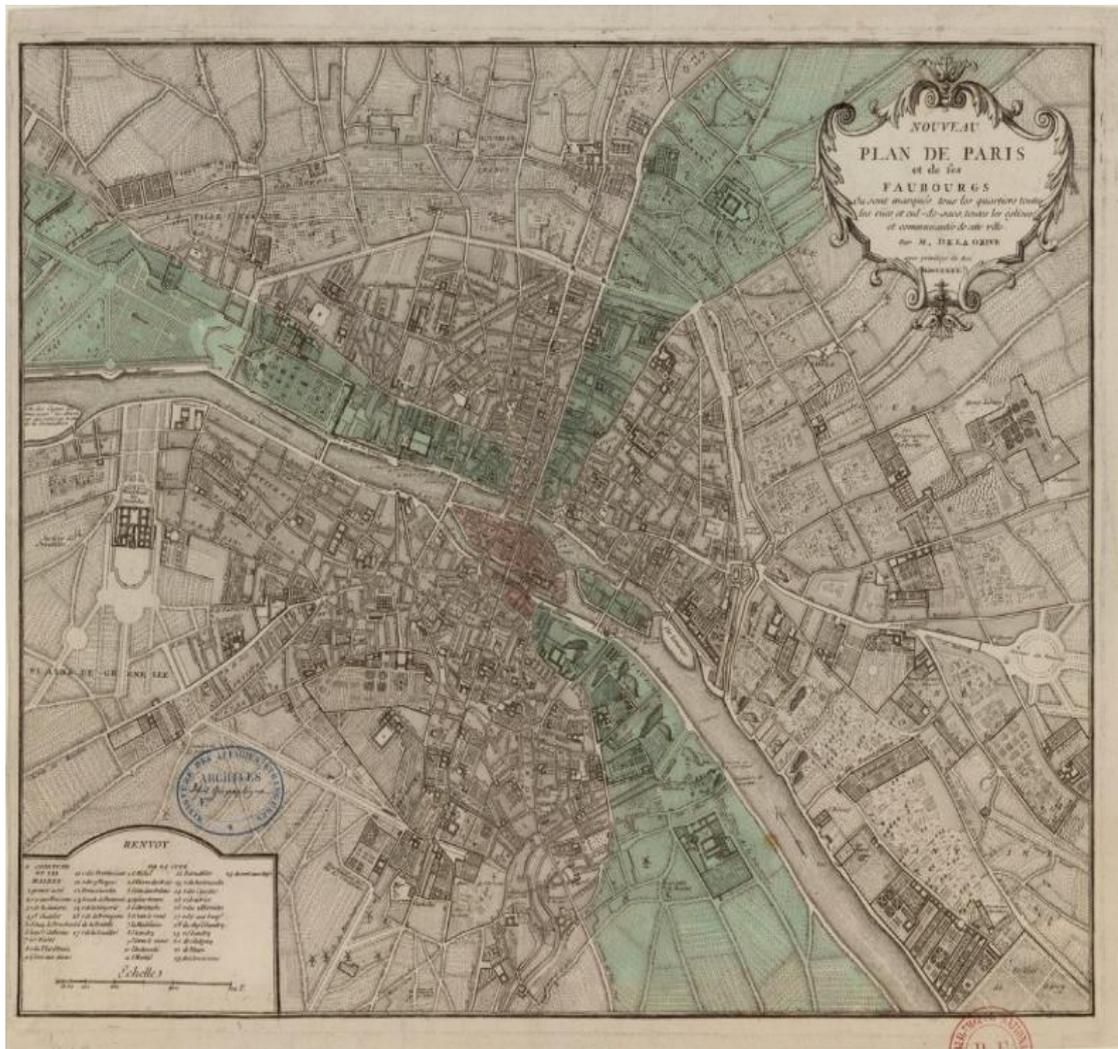
Os responsáveis pela administração municipal, conhecidos como "lugares-tenentes da polícia", implementaram reformas que promoveram a higiene, a segurança e a eficiência do tráfego.

As inovações nos transportes, incluindo as ideias de Nicolas Sauvage e Blaise Pascal, revolucionaram a mobilidade urbana com a introdução de *fiacres*, carruagens cobertas e cabriolés, tornando obsoletas as cadeirinhas levadas por criados. Por volta de 1750, Paris já contava com mais de dez mil, desses veículos para aluguel, que circulavam pela cidade, com rotas fixas ou livremente. Essa Paris renovada e organizada (Figura 41), mostrando o novo plano para Paris e seus subúrbios onde

²⁶ Le Procope - Le plus ancien café de Paris depuis 1686." [On-line]. Disponível em: <https://www.procope.com/>. Acesso em: 23 set. 2022.

estão marcados todos os bairros, todas as ruas e becos sem saída, todas as igrejas e comunidades daquela cidade.

Figura 41 - Novo plano de Paris e seus subúrbios onde estão marcados todos os bairros, todas as ruas e becos sem saída, todas as igrejas e comunidades desta cidade. Elaborado por M. De La Grive



Fonte: Biblioteca Nacional da França, departamento de Mapas e Planos, GE DD-2987
Disponível em: <http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40577015h>. Acesso em: 14 out. 2023.

O saneamento e a higiene das ruas tornaram-se focos primordiais, com carros-pipa e equipes, responsáveis pela limpeza regular dos locais de trânsito intenso. A gestão das águas residuais, foi um desafio significativo. O rio Bièvre, historicamente utilizado como esgoto ao “céu aberto”, foi objeto de intervenções para mitigar o problema da poluição. A segurança pública também foi reforçada, pela proteção de bombas hidráulicas contra incêndios e pela formação de um corpo organizado de bombeiros, sob a direção de Antoine-Gabriel de Sartine, que ofereceu maior proteção contra incêndios, como o devastador que consumiu a *Ópera do Palais-Royal* em 8 de junho de 1781.

4.7 Paris no Século Das Luzes

O Século das Luzes, mais comumente conhecido como Iluminismo²⁷ foi um período de profunda transformação intelectual que permeou a Europa durante o século XVIII. Este movimento foi caracterizado por uma enxurrada de ideias e descobertas que desafiavam as tradicionais doutrinas religiosas e a autoridade monárquica absolutista, dando ênfase à razão, à ciência e ao questionamento crítico como os principais veículos para o progresso e aperfeiçoamento humano (Weber, 1992)

O termo "Luzes" alude, metaforicamente, à ideia de iluminar as trevas da ignorância e do dogmatismo. Os pensadores do Iluminismo acreditavam que o conhecimento e a razão poderiam dissipar as sombras da sociedade feudal e das superstições, trazendo uma nova era de esclarecimento. Este período foi marcado por um otimismo quase revolucionário quanto ao poder da educação e do conhecimento em reformar a sociedade e promover a liberdade, a justiça e a igualdade. O Iluminismo, portanto, serviu como uma força motriz para as mudanças subsequentes, tanto sociais quanto políticas, incluindo a Revolução Francesa.

A maioria das pessoas estava impressionada com as virtudes da ciência, e as conquistas da medicina tinham particular importância. Os estudantes de medicina não só estavam na vanguarda dos movimentos políticos e científicos da década de 1860, mas também a imagem da fria dissecação de algo tão pessoal como o corpo humano se tornou um paradigma do que a ciência representava (Harvey, 2015, p. 430).

Paris se tornou o epicentro desse movimento, atraindo intelectuais e filósofos de toda a Europa. Salões, cafés e academias floresceram como espaços de debate e disseminação de ideias iluministas. Figuras como Voltaire, Rousseau e Diderot estavam entre os luminares que desafiavam os fundamentos da sociedade e impulsionavam o pensamento rumo à modernidade. Em seu livro "Paris, Capital da Modernidade", David Harvey examina detalhadamente como as reformas de Haussmann em Paris foram influenciadas pelas ideias iluministas de ordem e progresso. Para ele, a concepção de espaço urbano implementada por Haussmann em Paris foi inovadora e fortemente influenciada pelas ideias iluministas da época. Em vez de adotar uma abordagem fragmentada, Haussmann visava um plano geral e

²⁷ Os historiadores franceses tradicionalmente colocam o período do Iluminismo entre 1715 (o ano em que Luís XIV morreu) e 1789 (o início da Revolução Francesa) (Weber, 1992).

detalhado que coordenasse as diferentes circunstâncias locais de maneira integrada. Ele via e tratava o espaço urbano como uma totalidade funcional, onde bairros e funções diversas eram inter-relacionados para formar um todo coeso e eficiente (Harvey, 2015).

Durante este período, houve um movimento em direção à racionalidade e à ordem, refletindo a crença iluminista na capacidade da razão de estruturar a sociedade. Isso se manifestou no urbanismo pela criação de ruas retas e largas, praças públicas, e um interesse renovador na higiene e saúde pública, que levou ao desenvolvimento de sistemas de esgoto e abastecimento de água mais eficientes.

As ideias iluministas também promoveram a democratização do espaço público, com a criação de parques e áreas verdes, destinadas ao uso comum, em vez de serem exclusivas da nobreza ou da elite. Essas mudanças estabeleceram bases para o planejamento urbano moderno, que enfatizam a acessibilidade, a funcionalidade e o bem-estar público. Jean-Charles Adolphe Alphand foi um engenheiro francês que desempenhou um papel fundamental nas reformas urbanas de Paris durante o Segundo Império Francês. Trabalhando em estreita colaboração com o Barão Haussmann, Alphand²⁸ foi responsável pela criação e remodelação de parques, jardins e sistemas de infraestrutura que transformaram a paisagem urbana de Paris

No contexto da capital francesa do final do século XVIII, observa-se um cenário demográfico notável, no qual Paris abrigava entre 550 (quinhentos mil) mil e 600 (seiscentos mil) mil habitantes (Combeau, 2011). Esse número representava aproximadamente 3,5% da população total da França, que na época contava com cerca de 25 milhões de cidadãos, Lefebvre (1951). Neste período, Paris não só se destacou como a cidade mais populosa da Europa, mas também, como um epicentro para a disseminação de ideias revolucionárias. A população sofria com altos preços dos alimentos e desemprego, enquanto a elite desfrutava de luxos extravagantes. Este cenário criou um caldeirão de descontentamento, especialmente entre os trabalhadores urbanos e os pobres.

Luís XVI, que se tornou rei da França, em 1774, sucedeu seu avô, Luís XV. A ascensão de Luís XVI ao trono, ocorreu em um contexto de desafios econômicos e sociais consideráveis, na França. Durante o reinado de seu avô, o país sofreu

²⁸ https://en.wikipedia.org/wiki/Adolphe_Alphand acesso em 23 de maio de 2024.

dificuldades financeiras agravadas pela participação na Guerra dos Sete Anos e pela ajuda fornecida aos Estados Unidos, na Guerra de Independência Americana.

Luís XVI foi o Rei da França e Navarra de 1774 até 1791 e, posteriormente, o Rei dos Franceses, de 1791 até sua deposição, em 1792, durante a Revolução Francesa. Nascido em 23 de agosto de 1754, Luís XVI herdou um reino com finanças em ruínas, além de uma população cada vez mais descontente com a estrutura social e política existente, que era marcada por privilégios aristocráticos e desigualdades. O reinado de Luís XVI, portanto, foi marcado por tentativas de reformar o sistema fiscal e administrativo do país, mas suas políticas muitas vezes encontraram forte resistência e não foram suficientes para evitar a crise que levou à revolução e, eventualmente, ao fim da monarquia francesa.

Luís XVI tentou reformar o país com medidas como, por exemplo, a abolição do serviço e a remoção de algumas restrições ao comércio, mas enfrentou a oposição da nobreza e de outros grupos poderosos. A situação financeira da França estava em estado precário, exacerbada pelos gastos extravagantes da corte, e pelo apoio financeiro dado às colônias americanas durante a Guerra de Independência dos Estados Unidos.

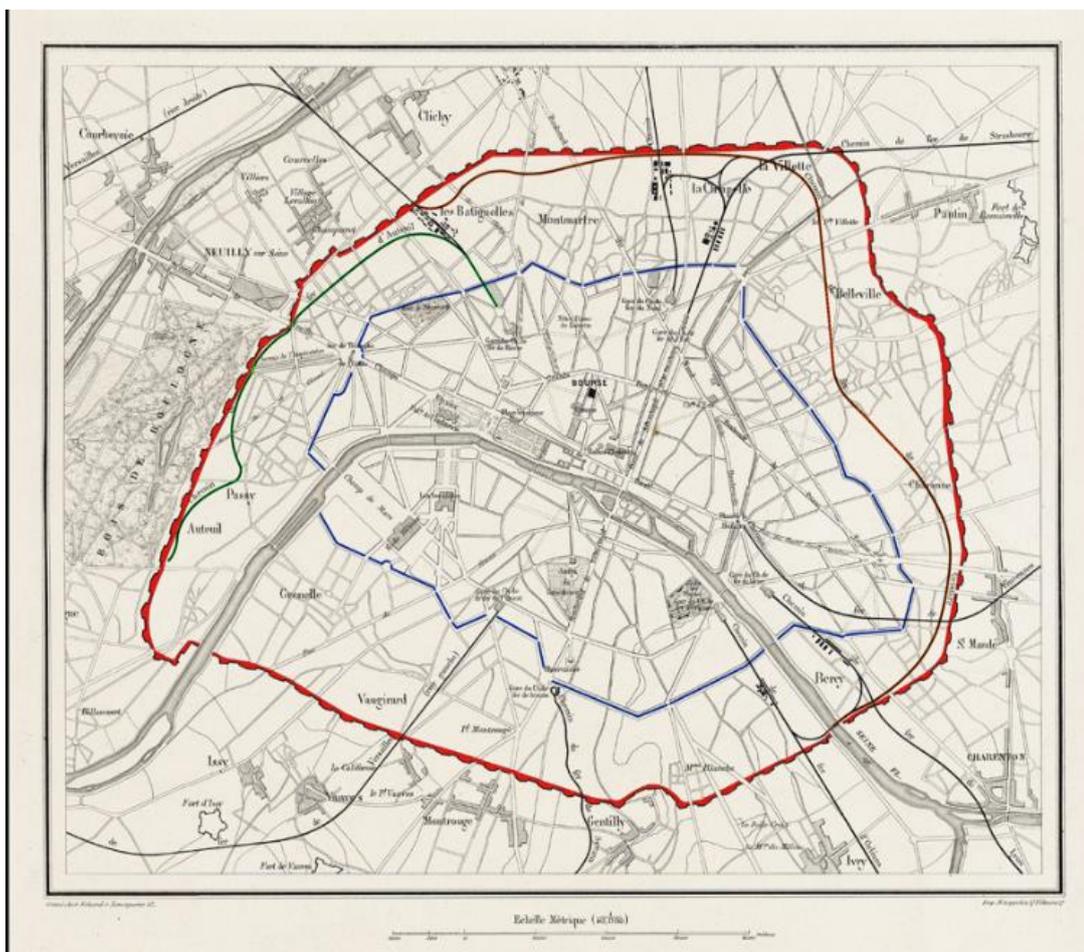
Dez anos após a proclamação de Luís XVI como rei da França, em 1784, Paris se encerra outra vez parcialmente, com a construção da muralha conhecida como dos *Fermiers Généraux* [Coletores de Impostos] que tinha como função controlar o fluxo de mercadorias que entram na cidade, e cobrar impostos sobre elas. Dois terços desses impostos coletados iam para o Estado. O terço restante era revertido para as despesas da cidade. Vale destacar que os impostos cobrados em Paris, era três vezes mais caros, que aqueles cobrados em outras regiões.

Como a cidade se expandia continuamente, os limites urbanos eram flutuantes e isso provocava fraudes nas arrecadações. A construção de uma muralha foi a tentativa de conter essas perdas de receita fiscal. Essa muralha foi destruída em 1860, durante a extensão de Paris ao *Muro de Thiers*, construído entre 1841 e 1844, um marco importante na história de Paris. Seu nome foi em homenagem ao estadista francês Adolphe Thiers que, na época, era o chefe do governo francês. Foi concebido principalmente para a defesa militar. Com a tensão crescente na Europa e o avanço da tecnologia militar, sente-se a necessidade de fortalecer as defesas de Paris.

Alguns parisienses viam o muro, como uma medida necessária para proteger a cidade, enquanto outros o viam como uma barreira opressiva que dividia as

comunidades e restringia a liberdade. Embora projetado para a defesa, o Muro de Thiers representado junto com o Muro dos *Fermiers Généraux* (Figura 42), teve um papel limitado em conflitos militares. Durante a Guerra Franco-Prussiana de 1870-1871, por exemplo, não conseguiu impedir a captura de Paris.

Figura 42 - Paris, 1859 Muro dos Fermiers Généraux (em azul) Fortificações de Thiers (em vermelho)



Fonte: Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Muro_dos_Fermiers_GC3A9nC3A9raux/media/Ficheiro:Paris_PC_1859_jms.jpg. Acesso em: 10 out. 2023.

A cobrança do imposto de passagem, ao mesmo tempo enriquece os cofres da cidade e estabelece uma demarcação física entre Paris e os bairros exteriores. A decisão foi do ministro real Anne-Robert Turgot (1727-1781). Os coletores de impostos obtêm autorização para a construção de uma muralha com postos de pedágio; provocando mais descontentamento dos parisienses. Assim, a função fiscal do muro tornou-se tão impopular que despertou o seguinte anônimo alexandrino: “o muro que murou Paris faz Paris murmurar”²⁹.

²⁹ "anônimo alexandrino" aqui sugere que o autor da frase "Le mur murant Paris rend Paris murmurant" é desconhecido, mas, por algum motivo, associado à cidade de Alexandria.

Após a guerra, no final do século 19, o Muro de Thiers perdeu sua utilidade militar e foi, gradativamente, desmantelado. Hoje, os "*Boulevards des Maréchaux*" e o "*Périphérique*" e uma rodovia que circunda Paris, seguem, em grande parte, o traçado do antigo Muro de Thiers. Este muro, foi o último de uma série de fortificações construídas ao redor de Paris. Ele representa um período em que Paris estava se adaptando às realidades de uma Europa cada vez mais conflituosa, ao mesmo tempo em que enfrentava desafios internos e mudanças sociais.

Mas esse projeto não pode ser dissociado das questões do crescimento e definição dos limites da capital, anteriormente mencionadas. No exterior, foi determinado que nenhuma casa poderia ser construída a menos de cem metros desse novo traçado, que permaneceu sendo o limite administrativo da capital, até 1860. A muralha percorria 25 quilômetros, com altura entre quatro e cinco metros e 56 portas com agências da coletoria (*propylées* de Paris), desenhados pelo arquiteto Claude-Nicolas.

Além disso, decreto real como o de 10 de abril de 1783³⁰ e 28 de agosto de 1784, determinavam que as novas ruas deveriam ter, pelo menos, 9,75m de largura. Este foi um movimento em direção a uma abordagem mais sistemática do urbanismo, acompanhando a importância de ruas mais largas para a circulação de ar e luz, o que, por sua vez, foi adicionado às melhorias na saúde pública. Ruas mais amplas também facilitavam o tráfego de veículos e pedestres e reduziam o risco de incêndios se espalharem, rapidamente, de edifício para edifício. A altura das casas, era de 19,50m para construções em pedra e de 15,60m para as demais. Aquelas cujas larguras fossem inferiores às definidas no decreto, precisavam ser alargadas à medida em que as reconstruções acontecessem.

As limitações de altura para construções em pedra e para outros materiais indicam uma preocupação com a estética urbana e a segurança estrutural. Edifícios mais altos em pedra poderiam ser construídos com maior segurança devido à força do material, enquanto outros materiais, considerados menos robustos, tinham restrições de altura mais severas.

³⁰ O Decreto de 10 de abril de 1783 especificava a largura mínima das ruas e o decreto de 1784, por outro lado, tratava da altura das edificações. Disponível em https://fr.wikipedia.org/wiki/R%C3%A8glements_d%27urbanisme_de_Paris Acesso em 23 de maio de 2024.

Pela primeira vez, foi estabelecida uma relação entre a largura das ruas e a altura das edificações, assinalando, nessa decisão, o cuidado com a higiene e com a segurança. A largura mínima de 30 pés (aproximadamente 9,75 metros) para novas ruas e uma altura das construções baseada na largura das vias³¹, um conceito conhecido como "*le prospect*". No Segundo Império, essas regulamentações foram revisadas e aprimoradas. Um decreto de 1859 reintroduziu as regras de *prospecto*, agora especificadas em metros, e estabeleceu novas normas para a altura das fachadas dos edifícios, tanto nas ruas quanto nos pátios internos. Essas medidas tinham como objetivo principal melhorar a circulação de ar e a entrada de luz solar nas áreas urbanas, contribuindo para a higiene pública e a segurança estrutural

4.8 A Revolução Francesa

Embora o enfoque deste estudo não seja uma análise detalhada dos eventos da Revolução Francesa em si, é fundamental considerar a influência decisiva da capital francesa nos principais eventos deste período histórico, porém, sempre utilizando como foco a evolução e progresso da arquitetura e estética urbanas.

A cidade de Paris, com sua densidade populacional e dinamismo social, proporcionou um terreno fértil para o florescimento e propagação de ideias revolucionárias, moldando, significativamente, o curso dos acontecimentos que marcaram este período (Soboul, 2007; Furet; Richet, 1965). Pode-se afirmar que a sociedade francesa do século XVIII era dividida em três categorias: o **clero**, a *nobreza*, e o *terceiro*, que englobava a vasta maioria da população, incluída desde camponeses pobres a burgueses ricos. Este último grupo, apesar de sua crescente riqueza e educação, tinha pouco poder político, o que gerava descontentamento aos seus pertencentes. A França enfrentava graves problemas financeiros. O envolvimento na Guerra dos Sete Anos (1756-1763) e o apoio à Revolução Americana (1775-1783) tinham esgotado os cofres do Estado. Além disso, o sistema tributário era injusto e ineficiente, com a nobreza e o clero frequentemente isentos de impostos, sobrecarregando assim a terceira categoria.

As ideias do Iluminismo, que enfatizavam a razão, os direitos individuais e a soberania popular, tiveram um grande impacto na França do século XVIII. Pensadores

³¹ Disponível em <https://www.techno-science.net/glossaire-definition/Reglements-d-urbanisme-de-Paris.html> Acesso em 22 de maio de 2024.

como Voltaire, Rousseau e Montesquieu criticaram a monarquia absoluta e defenderam uma sociedade mais justa e igualitária. Suas ideias inspiraram muitos franceses a questionar a estrutura existente e buscar mudanças radicais. O rei Luís XVI, embora bem-intencionado, era visto como indeciso e ineficaz em lidar com os problemas crescentes do reino. Seu casamento com Maria Antonieta, vista como estrangeira e dispendiosa, também prejudicou sua imagem. A incapacidade da monarquia em implementar reformas significativas e lidar com a crise financeira aumentou o descontentamento.

O rei Luís XVI, incapaz de resolver esses problemas, convocou os Estados Gerais em 1789, pela primeira vez em quase dois séculos. Os Estados Gerais eram uma assembleia que não se reunia regularmente e que incluía representantes dos três estados, ou classes sociais, da França pré-revolucionária: o clero (primeiro estado), a nobreza (segundo estado) e o terceiro estado, que compreendia todos os outros, desde comerciantes e advogados até camponeses e trabalhadores urbanos. A convocação dos Estados Gerais foi uma tentativa de encontrar uma solução para a crise financeira, mas também abriu uma porta para uma discussão mais ampla sobre a reforma do governo e a representação política.

O terceiro estado, sentindo-se sub-representado e injustamente tributado, começou a exigir mais poder e uma forma mais justa de votação dentro dos Estados Gerais, onde tradicionalmente cada estado tinha um voto. Tal contexto, resultou na relação clero e nobreza que, a partir de uma relação uníssona, conseguiram superar o terceiro estado, apesar de este representar a grande maioria da população.

A recusa da nobreza e do clero em concordar com um sistema de votação mais equitativo, levou os representantes do terceiro estado a se declararem como a Assembleia Nacional em junho de 1789, marcando o início do processo que levaria à monarquia e ao estabelecimento de uma república na França. A formação da Assembleia Nacional pelo Terceiro Estado foi um ato de desafio direto à autoridade do rei, marcando um ponto de virada.

A tensão na cidade atingiu seu auge em 14 de julho de 1789. A Bastilha, uma fortaleza-prisão em Paris, simbolizava o despotismo da monarquia. Embora, na época, contivesse poucos prisioneiros, seu significado era enorme. A população de Paris, agitada e em busca de armas para se defender contra uma possível ocorrência do rei, viu na Bastilha, não apenas um arsenal, mas um símbolo do regime que queria derrubar. A invasão e subsequente queda da Bastilha, foi muito mais que apenas uma

vitória estratégica, foi também, um poderoso símbolo de resistência popular contra a opressão do estado estabelecido.

A Tomada da Bastilha representou a primeira grande vitória do povo contra a monarquia e acelerou a Revolução Francesa, provocando mudanças radicais na França e além. Para Paris, significou o início de uma transformação urbana e social. Ruas, praças e edifícios que antes simbolizavam o poder real, agora, se tornaram locais de celebração da liberdade e da fraternidade. A revolução não apenas mudou a paisagem política da França, mas também remodelou a própria paisagem urbana de Paris. Antes da revolução, muitos dos espaços públicos e edifícios da cidade simbolizavam o poder real. Com a queda da Bastilha, esses locais começaram a ser ressignificados e transformados em símbolos da nova ordem republicana. Ruas, praças e edifícios passaram a ser usados para celebrar os novos ideais revolucionários. Por exemplo, a *Place de la Bastille*, onde a fortaleza se erguia, tornou-se um espaço de celebração pública e memória da luta pela liberdade.

Representou o colapso do antigo regime e a ascensão dos ideais revolucionários de liberdade, igualdade e fraternidade. A queda da Bastilha, uma fortaleza que simbolizava a tirania real e o poder absoluto da monarquia, foi um catalisador para a Revolução Francesa, que se espalhou rapidamente por toda a França.

Muitas estruturas associadas ao antigo regime foram demolidas ou transformadas. As propriedades da igreja e da nobreza foram confiscadas e redistribuídas, resultando em novas construções e o reordenamento de áreas urbanas. Essa transformação refletiu a nova visão de uma sociedade mais igualitária e justa.

Este evento precipitou a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que estabeleceu novos princípios de cidadania e direitos individuais, mudando para sempre a estrutura política e social do país.

4.9 A Velha Paris de 1850 – Entre a tradição e a modernidade: Desafios urbanos *Pré – Haussmannianos*

Em 1850, Paris contava com cerca de um milhão de habitantes (*Données historiques de la Statistique Générale de France SGF 1800-1925*, 2010), era, depois de Londres, que já em 1825 havia se tornado na cidade mais populosa do mundo,

com 1,3 milhões de habitantes (Jardim, 2020), a cidade com maior número de habitantes de toda a Europa. Ainda se apresentava como uma cidade sem ordenamento urbano satisfatório, de ruas sombrias e estreitas, ausência total de equipamentos sanitários. O Rio Sena era o único manancial de água para a população que utilizava desse líquido, para higiene pessoal e para hidratação do corpo e para produzir o alimento. A ausência de esgotamento sanitário provocava a disseminação de epidemias. As fábricas se instalavam de forma desordenada, pois não havia legislação que determinasse onde elas poderiam se localizar. Havia fome, desemprego, miséria e descontentamento por todo lado, em todo o país. Essa situação se refletia, em Paris, à medida que o êxodo rural enchia a cidade de trabalhadores, em busca de oportunidades. Ao chegar em Paris, sem ter onde morar, esses se amontoavam em pequenos alojamentos insalubres. Essa situação mancha, ainda mais, a imagem de Paris, que se caracterizava como uma cidade propícia a insurreições, revoltas e revoluções. A realidade, o contexto social e político, exigia urgentemente de uma transformação urbana.

Vale ressaltar que, foi ainda no final do século XVII, durante o reinado de Luís XIV, que teve início o processo de iluminação pública, em Paris. Segundo a historiadora Patrice Higonnet, em seu livro "*Paris: Capital of the World*" (2002), a iluminação pública começou a ser instalada em Paris em 1667, sob a orientação do engenheiro Gabriel Nicolas de la Reynie, que foi responsabilizado, por Luís XIV, para melhorar a segurança na cidade.

Ainda de acordo com Patrice Higonnet, as primeiras lanternas de rua foram instaladas em pontos estratégicos da cidade, como as pontes e os cruzamentos, para ajudar a evitar roubos e outros crimes durante a noite. Ao longo do século XVIII, a iluminação pública foi expandida para outras áreas da cidade e, em 1829, a primeira lâmpada a gás foi acesa em Paris. A iluminação pública de Paris foi significativamente melhorada com a instalação de lâmpadas a óleo nas últimas décadas do século XVIII, o que contribuiu para uma cidade mais segura e transitável à noite e, esteticamente, mais bonita. Em 1777, a Companhia das Águas, fundada pelo banqueiro *Périer*, alocou bombas hidráulicas a vapor em locais como *Gros-Cailou* e *Chaillot*, revolucionando o abastecimento de água potável e o funcionamento dos banhos públicos e, assim, promovendo a melhoria da qualidade de vida daquela população.

O século XIX viu um aumento populacional, sem precedentes, nas áreas urbanas, exacerbado pela Revolução Industrial, que desencadeou uma série de

desafios urbanísticos. A modernização das cidades tornou-se imperativa, à medida em que ondas de migrantes buscavam empregos e uma vida melhor. Contudo, a escassez de habitação adequada era uma realidade amarga, resultando em bairros operários marcados pela precariedade e deficiências estruturais. Neste período de evolução social e intelectual, visionários como Owen e Fourier, e mais tarde a Carta de Atenas, compartilharam um anseio: moldar as cidades, de uma maneira que espelhasse o *zeitgeist* e atendesse às demandas e sonhos do homem contemporâneo.

Os problemas da cidade industrial provocaram reações sociais que discutiam modelos ideais de comunidades e de organização socioeconômica, primeiramente teóricas, mas alguns experimentos foram construídos em alternativa às condições de vida e da sociedade industrial, mas que, de fato, pouco contribuíram para o desenvolvimento do urbanismo.

Na França, embora as consequências da industrialização tenham sido mais tardiamente sentidas, as condições sanitárias nas cidades e a aglomeração urbana eram semelhantes àquelas percebidas na Inglaterra.

A França respirava um ar de descontentamento, desde 1778, culminando com o assalto a Bastilha, em 1789. Desde então, outras revoltas da população, contra o então sistema econômico, aconteciam com certa frequência, até chegar a 23 de fevereiro de 1848, no *Boulevard des Capucines*, em frente ao Ministério das Relações Exteriores: um pequeno número de manifestantes conseguiu deflagrar a Revolução de 1848, conhecida como a Revolução Francesa, que levou ao fim da monarquia e à criação da Segunda República Francesa.

Um governo provisório realizou eleições, e a Assembleia Constituinte se reuniu, para proclamar oficialmente a República. No entanto, a economia não dava sinais de melhoria. Havia, ainda, grande preocupação da burguesia, por seus direitos de propriedade. O governo republicano não superou as dificuldades, e acabou por se dissolver. Charles-Louis Napoleão Bonaparte, sobrinho de Napoleão Bonaparte, começava a surgir como solução para a França, apesar de se encontrar exilado em Londres. Nessa estadia em Londres, Napoleão III vivenciou algumas mudanças urbanísticas que aconteceram em Londres, durante o século XIX. Na época, estava em execução o plano de reconstrução de Londres, proposto pelo arquiteto e urbanista britânico, John Nash, em 1810, que previa a abertura de grandes avenidas, para conectar diferentes partes da cidade e criar espaços públicos mais amplos e arejados

(Pinkney, 1958). Certamente, essas propostas postas em prática, em Londres, serviram de inspiração³² para Napoleão III, em se tornando modelos para as propostas para Paris.

Vale esclarecer, que Paris cresceu, a partir de uma ilha, a partir de uma dinâmica espacial diferente de Londres, pois se expandiu seguindo a sinuosidade do rio Sena, em circunferências sucessivas. A cidade de Londres apresenta uma característica urbanística bastante única: diferentemente de muitas cidades que têm um ponto central claro ou um 'eixo' ao redor do qual a cidade se desenvolve e se expande, Londres não segue esse padrão. Ela não foi construída em torno de um núcleo central definido.

Isso significa que, ao invés de ter uma área ou um ponto que possa ter servido como o coração ou o centro da cidade, de onde tudo mais se espalha, Londres se desenvolveu de uma forma mais espontânea e menos planejada. Ela é como um conjunto de várias partes, cada uma com sua própria identidade e importância, mas nenhuma delas é centro dominante ou ponto focal principal. Essa ausência de um centro único, faz com que Londres pareça mais um agrupamento, ou uma coleção de diferentes áreas e bairros que foram se juntando ao longo do tempo.

Durante o período em que Napoleão III esteve em Londres, a cidade estava passando por um processo notável de desenvolvimento urbano, particularmente no que diz respeito à criação de bairros residenciais sofisticados. Exemplos notáveis incluem *Belgravia* e *Mayfair*, que se destacavam por sua combinação de arquitetura elegante com espaços verdes, como jardins e praças públicas. Esses bairros eram emblemáticos do planejamento urbano londrino da época, refletindo uma harmonia entre habitação de alta qualidade e áreas de lazer ao ar livre.

Essa evolução urbana em Londres, não passou despercebida por Napoleão III, que encontrou inspiração nesses desenvolvimentos, para as reformas que ele, mais tarde, implementaria em Paris. Sob sua direção, e com a colaboração do Barão Haussmann, Paris passou por uma transformação radical. A criação de grandes boulevards, como o *Boulevard Haussmann*, e a concepção de espaços verdes urbanos, exemplificados pelo *Parc Monceau*, refletiram uma visão semelhante àquela observada em Londres.

³² Vale destacar que o trabalho de Haussmann não foi apenas uma imitação dos modelos londrinos, mas sim uma adaptação que incorporou elementos próprios da cultura francesa e da visão política de Napoleão III (Viollet-Le-Duc, 2011).

A França, durante um período turbulento de sua história, adotou uma Nova Constituição que buscava inspiração, no modelo presidencialista dos Estados Unidos. Essa mudança constitucional foi um marco significativo, representando uma tentativa de estabilizar o país após anos de instabilidade política. O regime presidencialista, diferentemente do sistema parlamentarista, colocava maior ênfase, no papel do presidente como chefe de Estado, um conceito que era relativamente novo na França da época.

Em um desenvolvimento crucial sob essa nova estrutura constitucional, Louis Napoleão, sobrinho de Napoleão Bonaparte, emergiu como uma figura central na política francesa. No dia 10 de dezembro de 1848, após uma campanha eleitoral intensa, ele foi eleito presidente da França, pelo sufrágio universal masculino. Esta eleição foi notável, não apenas pelo seu resultado, mas também pelo fato de que, foi uma das primeiras vezes na história francesa, em que o voto foi estendido a quase todos os homens adultos, independentemente de sua propriedade ou status social. Em termos social e político, foi um avanço considerável.

No entanto, ao lado dos avanços, a presidência de Louis Napoleão foi marcada por ambições que iam além do mandato presidencial. Em um movimento audacioso, ele orquestrou um golpe de Estado, em 2 de dezembro de 1851, dissolvendo, efetivamente, a Segunda República. Esse golpe foi seguido, por um ano de governo provisório, após o qual, em 1852, o Império Francês foi restaurado, com Louis Napoleão no trono, agora, adotando o título de Napoleão III. Como Napoleão III, ele iniciou um período de reformas significativas na França, incluindo uma ampla modernização de Paris com demolições acontecendo em muitos pontos da cidade para abertura de vias, mostrado na (Figura 43). Suas políticas e ações, embora controversas, moldaram a França de maneiras que reverberam até os dias de hoje. A ascensão de Napoleão III ao poder, e a subsequente transformação da França sob seu regime, são momentos cruciais na história francesa, marcando a transição do país para a era moderna. Haussmann, simpatizante de Bonaparte, que estava na condição de prefeito na cidade de Var e depois em *Auxerre*, foi convidado por Napoleão III, a se fazer presente a Paris para assumir um novo cargo, nomeando-o prefeito do Departamento do Sena, em 1853, e lhe confiou a reestruturação urbana de Paris.

No dia em que Haussmann fez seu juramento de posse do cargo, o imperador lhe entregou um mapa, conforme a lenda narrada por ele mesmo em suas *Mémoires* [Memórias], no qual estavam traçados em esboços de quatro diferentes cores (representando a urgência dos

projetos) os planos para a reconstrução do sistema viário de Paris. Esse foi, segundo Haussmann, o plano que ele realizou fielmente (com algumas extensões) nas duas décadas seguintes (Harvey, 2015, p. 23).

Figura 43 - Foto (tirada entre 1850 e 1851) mostra as demolições já em andamento em torno da *Rue de Rivoli* e do *Palais*



Fonte: Janis, 1986³³.

Dando continuidade ao trabalho de Berger, seu antecessor, Haussmann projeta um esquema que “rasga” o tecido medieval de Paris. Isso era inovador na medida que todas as propostas até então, considerava a criação de um novo lugar desconsiderando a cidade existente³⁴.

A *Rue de Rivoli* já estava sendo estendida, assim como a *Rue Saint Martin*. De acordo com o historiador David P. Jordan (1995), Antoine-Nicolas-Louis Berger (1782-1863) foi um engenheiro e político francês, que atuou como prefeito de Paris, antes de Haussmann. Ele ocupou o cargo entre 1831 e 1834, período em que promoveu algumas reformas urbanas na cidade (Gardes, 1993).

O livro "Paris: A História de Uma Cidade", de Joachim de Pasquale (2017), também ressalta a importância de Berger na modernização de Paris. Segundo o autor,

³³ Janis (1986), apresenta todas as fotos das demolições tiradas por Le Secq em 1851-1852, e grande parte do registro fotográfico de Marville está reproduzida em Marie Deèzy, Marville (Paris, Hazan, 1994).

³⁴ Mais tarde ter-se-á Cerdá, que propõe mudanças para Barcelona através de um traçado que envolve o casco antigo de Barcelona, mantendo-o praticamente intacto.

as reformas de Berger, refletem uma preocupação crescente com o bem-estar dos cidadãos e a necessidade de adaptar a cidade às demandas da era industrial. Pasquale destaca que Berger foi responsável por inaugurar uma nova era de planejamento urbano em Paris, que mais tarde seria continuada e aperfeiçoada por Haussmann. Entre suas realizações, destacam-se a construção de novas ruas e avenidas, a melhoria do sistema de esgoto e a criação de espaços verdes (Gardes, 1993).

A atuação de Berger como prefeito de Paris é, por diversas vezes, eclipsada pelo legado de Haussmann, que implementou uma série de reformas mais extensas e radicais. No entanto, Berger desempenhou um papel importante na modernização da cidade e serviu de base para uma transformação posterior. Além disso, suas reformas refletem uma preocupação crescente com o bem-estar dos cidadãos e a necessidade de adaptar a cidade às demandas da era industrial.

A história das reformas urbanas em Paris, é uma narrativa complexa e multifacetada, que envolve uma série de personagens e eventos. Ao considerar o papel de figuras como Berger e Haussmann, é possível entender melhor, as forças que moldaram a cidade e as bases científicas de suas transformações. Nesse sentido, a pesquisa sobre o legado das reformas promovidas por Haussmann e seu impacto no urbanismo do Brasil, objeto deste documento, pode ser uma valiosa contribuição para o campo dos estudos urbanos.

O legado de Berger é, frequentemente, comparado ao de Haussmann, como destaca Donald Reid (1991). Reid argumenta que, apesar de suas reformas serem consideradas menos ambiciosas do que as de Haussmann, Berger contribuiu significativamente para melhorar as condições urbanas de Paris e estabeleceu um precedente para as transformações futuras como a destruição de algumas ruas como a *Rue de La Colombe* (Figura 44).

Segundo Jonathan Beecher (2000), apresenta Victor Considérant (1808-1893), como influente pensador socialista francês, que desempenhou um papel significativo no movimento socialista e no desenvolvimento das ideias cooperativistas e utópicas na França, durante sua época, e descreveu Paris, em 1845, como se segue:

Paris, c'est un immense atelier de putréfaction, où la misère, la peste et les maladies travaillent de concert, où ne pénètrent guère l'air ni le soleil. Paris c'est un mauvais lieu où les plantes s'étiolent et périssent,

où, sur sept petits enfants, il en meurt quatre dans l'année³⁵ (Beecher, 2000).

Figura 44 - Rue de la Colombe (destruída)



Fonte: Foto de Charles Marville in: Mocan, 2019, p.19.

Por sua vez, Honoré Antoine Frégier, em 1840, em seu livro *Les classes dangereuses de la population dans les grandes villes*, confirma essa visão da desqualificação das ruas e exemplificado na (Figura 45):

ces rues étroites, sales, flanquées de maisons hautes de quatre étages et dont les allées sont presque toutes dépourvues de portiers. Ont été abandonnées à la population la plus infime et la plus corrompue de la capitale. Le quartier de la cité, notamment, a um aspect sinistre qui contraste singulièrement avec les quais et les monuments qui l'entourent. Il est sillonné de vrues larges au plus de huit pieds et bordées de maisons noircies par le temps. Ces maisons très élevées rendent les rues tristes et humides, et elles sont elles-mêmes fort peu éclairées, surtout dans le rez-des-chaussée³⁶ (Frégier, 1840, p. 135).

³⁵ Paris é uma imensa oficina de putrefação, onde a pobreza, a peste e a doença trabalham em conjunto, onde o ar e o sol dificilmente penetram. Paris é um lugar ruim onde as plantas murcham e morrem, onde, em cada sete crianças pequenas, quatro morrem por ano. (tradução livre do autor)

³⁶ estas ruas estreitas e sujas, ladeadas por casas de quatro andares e cujas vielas são quase todas desprovidas de porteiros. Foram abandonados à menor e mais corrupta população da capital. O bairro da cidade, em particular, tem um aspecto sinistro que contrasta singularmente com os cais e monumentos que o rodeiam. É atravessada por ruas com 2,5 metros de largura e ladeadas por casas enegrecidas pelo tempo. Estas casas muito altas tornam as ruas monótonas e húmidas, e elas próprias são muito mal iluminadas, especialmente no térreo.

Figura 45 - *Rue de Marmousets* (destruída)



Fonte: Foto de Charles Marville in: Mocan, 2019, p.14.

Este contraste marcante com as edificações e monumentos circundantes, revela uma disparidade gritante na qualidade do ambiente urbano. As ruas estreitas com apenas 2,5 metros de largura já apresentam uma série de problemas intrínsecos à sua concepção (Figura 46). Além de dificultar a circulação de pessoas e veículos, essas vias estreitas podem contribuir para a sensação de confinamento e opressão na comunidade local. Os edifícios de quatro pavimentos, sem nenhum porteiro ou pessoal de apoio aos moradores, podem criar uma atmosfera de isolamento e insegurança, tornando o espaço público, menos acolhedor e menos receptivo aos moradores e visitantes.

Figura 46 - *Rue Saint-Christophe* (destruída)



Fonte: Foto de Charles Marville in: Mocan, 2019, p.12.

O aspecto físico das casas, enegrecidas pelo tempo, aliadas às ruas estreitas, também têm um impacto na iluminação e ventilação do bairro. Com pouca luz natural atingindo as ruas e residências, as condições de vida podem ser desagradáveis, aumentando a umidade e tornando as ruas monótonas e sombrias. É evidente que a situação sanitária urbana descrita é insustentável. A falta de higiene, o ambiente desagradável e a falta de serviços básicos podem levar a uma série de problemas de saúde pública, além de afetar negativamente a qualidade de vida dos habitantes do bairro. Portanto, é crucial considerar uma série de medidas de melhoria urbana para transformar esse cenário desafiador em um ambiente mais saudável e habitável.

Paris, nesse momento, possuía 945.000 (novecentos e quarenta e cinco) habitantes que viviam em 31 mil casas. Desse total, 387.000 (trezentos e trinta e sete) eram considerados indigentes, pelas autoridades fiscais, dada a condição de

insalubridade de suas residências e que, por isso, não estavam sujeitas a tributação ou pagamento de impostos. Além disso, 300 mil pagavam taxas pequenas, de impostos, pois viviam em condições deploráveis, de habitação. Dessa forma, podemos considerar que 70% da população de Paris, praticamente, viviam em condições de saúde urbana onde a água era escassa e de má qualidade, o ar contaminado, poucos espaços verdes, o que favorecia a proliferação de epidemias e a partir daí, é possível compreender como a cólera assolou a cidade, no século XIX. Em 1832 e depois, mais uma vez em 1849 quase 5% da população que residia nesses bairros insalubres, morreu de cólera.

Existiam bairros, em Paris, que não apresentavam essa degradação. *Le Faubourg Sanit-Honoré* ou *Le Faubourg Saint-Germain* eram locais onde moravam as famílias aristocratas e da alta burguesia francesa, existiam casas grandes, isoladas de outras edificações e com belos jardins.

Estudos diversos apontava as consequências dessa situação sanitária como o realizado por Horace Say, que revelou que em 1817 e em 1841, a população de *Vieux Paris* aumentou apenas 9%, pois o tecido urbano já estava saturado, enquanto, nos bairros periféricos aumentou 52%. Finalmente, se comparado a densidade populacional nos diferentes bairros, existiam em torno de 1/160 hab/m², em quarteirões de *Champs-Élysées*, *Saint-Marcel* ou *Popincourt* em relação a 1/9m², o maior adensamento encontrado em *Lombardis*. O recorde de superpopulação acontecia nos quarteirões de *Arcis* e de *Saint-Avoye*, o atual III *arrondissement*: um habitante para cada 3 metros quadrados.

Em 1840, Honoré Antoine Frégier, então funcionário da Prefeitura do Sena, formulou um plano para construções públicas para as classes menos abastadas. Nesse plano aparecem um primeiro registro documental sobre as condições de vida dos operários, elaborado por Louis René Villermé (1840)

É compreensível que a proposta de Haussmann para limpar a Velha Paris foi muito bem aceito pelos parisienses. Antes de 1867, a abertura de novas e largas vias, a melhoria na iluminação, a restauração de monumentos e a destruição de bairros mais degradados, encantaram a população.

A renovação urbana emergiu como um conceito chave, propondo a expansão viária para otimizar o fluxo de trânsito, a restauração estética dos exteriores dos edifícios, e a instalação de mais postes de luz para criar ambientes urbanos mais seguros e convidativos. Adicionalmente, a implementação de áreas verdes, o manejo

eficaz de dejetos e sistemas de esgoto, e o incentivo a projetos de engajamento social, seriam fundamentais para elevar o padrão de vida e promover o bem-estar coletivo nas metrópoles.

Embora Napoleão III tenha nascido em Paris, em 1808, a partir dos seis anos de idade esteve no exílio. Nessa condição, viajou pelo mundo, interessando-se por Planejamento urbano das cidades que visitava. Londres, onde viveu por longos anos foi sua referência para as transformações que, posteriormente faria em Paris.

Londres, capital britânica, era um modelo de urbanismo no início do século XIX. Havia sido totalmente reconstruída após o incêndio de 1666. Possuía ruas com calçadas largas, uma extensa rede de esgotos, amplas praças e bosques periféricos. Era nessa cidade organizada que Napoleão III³⁷ queria transformar Paris, com largas avenidas e bulevares, que ligam facilmente aos locais importantes, onde os mais necessitados possam usufruir de condições dignas de moradia e onde o comércio e a indústria poderiam desenvolver-se proporcionando emprego e renda para todos.

A capital francesa deveria transmitir a imagem de seu poder. Foram definidos vinte bairros, grandes parques e praças, um sistema de esgoto, um novo aqueduto para água doce, rede de gás subterrâneo para suprir a necessidade da iluminação pública, fontes e banheiros públicos.

Para implementar as mudanças desejadas, Haussmann instituiu uma série de reformas, incluindo a construção de avenidas largas, a demolição de prédios antigos, a criação de novas praças e avenidas arborizadas, além da instalação de um sistema de saneamento básico moderno. Como resultado, Paris se tornou uma cidade mais arejada, higiênica e bem iluminada, com uma infraestrutura mais adequada para a vida urbana.

As ruas deveriam ser largas para permitir uma intervenção rápida das forças policiais; calçadas largas para proporcionar o passeio e inseridos mobiliários urbanos como bancos, quiosques e lixeiras. E para contribuir com a melhoria do ambiente, um grande programa de arborização urbana foi implantado. Segundo Jacques Le Goff (2010), a transformação de Paris foi realizada com o objetivo de "racionalizar, iluminar e embelezar" a cidade.

³⁷ Napoleão III era sobrinho de Napoleão I, foi o primeiro Presidente da República, em 1848, antes de ser proclamado Imperador, em 2 de dezembro de 1852. Morreu na Inglaterra, em Chislehurst, onde se exilou após a derrota de Sedan, em setembro de 1870, que acabou com seu império.

Com o intuito de oferecer uma melhor compreensão acerca do processo de transformação urbana em Paris, sob a gestão do Barão Haussmann, este estudo considera quatro principais etapas desse processo. Aqueles relacionados as mudanças na infraestrutura urbana, o papel das elites políticas, a elaboração e implementação do projeto e os impactos sociais resultantes dessa transformação.

Haussmann, nomeado prefeito de Paris, em 1853, pelo imperador Napoleão III, imediatamente iniciou o processo de planejamento e elaboração de um plano de reformas das reformas. Ao assumir a prefeitura de Paris, Georges-Eugène Haussmann iniciou o processo de planejamento e elaboração de um plano de reformas urbanas, que tinha como objetivo, transformar a cidade em um centro moderno e funcional. Para isso, elaborou um plano de ação abrangente, que incluiu diversas intervenções em áreas estratégicas da cidade, como transporte, moradia e espaço público.

De acordo com o historiador David Harvey, em seu livro "Cidades Rebeldes: Do Direito à Cidade à Revolução Urbana" (2015), Haussmann tinha uma visão clara do que precisava fazer para transformar Paris, numa cidade moderna e para torná-la mais adequada às demandas da era industrial. Para isso, planejou a criação de novas ruas e avenidas, ampliando as vias de circulação para melhorar o tráfego urbano permitindo uma maior fruição do tráfego. No processo de modernização de Paris, incluiu também a construção de duas importantes estações de trem, a *Gare du Nord* e a *Gare de l'Est*, que permitiram a conexão da cidade, com outras regiões da França (Merriam, 2004; Perry, 1996).

Além disso, Haussmann se preocupou em melhorar o sistema de transporte da cidade, estabelecendo uma rede de ônibus e bondes, que se tornou uma das mais avançadas da época. Foram criadas novas linhas de ônibus puxadas por cavalos e a primeira linha de bonde elétrico de Paris, em 1895, que ligava a *Place de la Concorde* à *Étoile*. Essas mudanças permitiram que as pessoas se deslocassem, mais facilmente, pela cidade e o acesso a áreas, antes, pouco acessíveis. Para o historiador Colin Jones, em seu livro "Paris: A História" (2013), o transporte público foi uma das principais preocupações de Haussmann; ele percebeu que era preciso facilitar a circulação das pessoas para que a cidade pudesse se desenvolver economicamente.

Para atender às demandas da era industrial, Haussmann promoveu a melhoria das condições sanitárias e da infraestrutura de Paris. Ele implementou um sistema de esgoto moderno que permitiu o melhor gerenciamento dos resíduos da cidade, além

de padrões de construção mais rigorosos que garantiram que novos edifícios fossem construídos de maneira mais segura e higiênica (Merriam, 2004; Perry, 1996).

Para implementar seu plano de reformas, Haussmann precisou demolir uma grande quantidade de edifícios antigos e desapropriar terrenos particulares. Para tanto, utilizou uma série de instrumentos jurídicos, como condição para permitir as demolições e desapropriações necessárias, à implementação de seu plano de reformas em Paris. Uma das principais ferramentas utilizadas foi a lei de expropriação promulgada em 1852, que permitiu ao Estado desapropriar propriedades privadas para fins de interesse público, como a construção de novas ruas e edifícios.

A Lei de Expropriação de também conhecida como a Lei de Desapropriação de 3 de abril de 1852, foi instituída, em Paris, durante o mandato de Napoleão III e foi essencial para as reformas urbanas lideradas por Haussmann. A lei permitiu a expropriação de propriedades privadas sem o consentimento do proprietário, desde que fosse considerado de interesse público, como no caso das demolições e desapropriações promovidas durante o processo de transformação urbana de Paris.

Segundo o livro "*Paris: The Secret History*" de Andrew Hussey, 2011, a Lei de Expropriação de 1852, foi proposta pelo Ministro do Interior, Victor de Persigny (Hussey, 2011). Esta lei concedeu poderes extraordinários, aos prefeitos das cidades, para desapropriar terras e prédios, para fins de interesse público, sem a necessidade de aprovação do Parlamento. Com isso, Haussmann foi capaz de promover as reformas necessárias para modernizar a cidade de Paris.

Além disso, Haussmann também se valeu do poder de domínio eminente, que permitia ao Estado, adquirir propriedades, por meio de indenização justa, mesmo sem o consentimento dos proprietários. O poder de domínio eminente, também conhecido como expropriação por utilidade pública, era um instrumento legal, que permitia que o Estado expropriasse propriedades privadas para fins públicos, mediante pagamento de indenização.

O poder de domínio eminente foi instituído na França em 1852, pela lei conhecida como "*Loi parente à l'expropriation pour cause d'utilité publique*" (Lei relativa à expropriação por utilidade pública), durante o reinado de Napoleão III. Essa lei estabeleceu as bases jurídicas para a expropriação de propriedades privadas, para fins de interesse público³⁸.

³⁸ A Lei de Expropriação de 1852 não está mais em vigor na França. Ela foi revogada e substituída por outras leis ao longo do tempo. Atualmente, as leis que regem a expropriação na França são o Código

Esses instrumentos jurídicos foram fundamentais para que Haussmann pudesse realizar as grandes demolições e desapropriações necessárias para a implementação de seu plano de reformas. Milhares de edifícios antigos foram derrubados para dar lugar a novas ruas e avenidas mais amplas, praças mais distribuídas e edifícios públicos monumentais. Como resultado, bairros inteiros foram transformados e a cidade mudou substancialmente de figura.

Essas ações geraram críticas e resistência por parte dos cidadãos que, muitas vezes, foram obrigados a deixar suas casas, sem a compensação correspondente. No entanto, Haussmann argumentava que, essas medidas eram necessárias para modernizar a cidade e torná-la mais funcional.

As pessoas que precisaram ser deslocadas de suas casas e bairros, para dar lugar às novas ruas, praças e edifícios públicos foram enviadas para bairros periféricos da cidade, como *Belleville e Montmartre*, que ainda não eram objetos reformas, para as chamadas habitações sociais.

Alguns dos antigos moradores dos bairros demolidos, foram realojados em novos prédios construídos por Haussmann, como os imóveis do *Boulevard Saint-Germain e do Boulevard Saint-Michel*. No entanto, o processo de realocação também não foi satisfatório, e muitos dos novos prédios construídos para abrigar os deslocados das reformas, eram insalubres e superlotados.

De acordo com o autor Paschoal (2017, p. 10) “as reformas de Haussmann provocaram a expulsão de muitas famílias pobres de bairros centrais de Paris e trouxeram uma nova classe de consumidores que buscavam luxo e conforto”. Essa gentrificação ocorreu em grande parte à valorização imobiliária que ocorreu com a construção das novas avenidas e edifícios públicos.

Com a remoção dos edifícios antigos, Haussmann iniciou a construção de novas avenidas e edifícios e novos prédios, para abrigar órgãos do poder público, tais como, o Palácio da Justiça e a Ópera Garnier. As principais avenidas criadas foram a *Avenue de l'Opéra*, a *Avenue des Champs-Élysées* e a *Avenue Foch*, que se tornaram símbolos da nova Paris. Além disso, foram construídos novos edifícios públicos, como a *Ópera de Paris* e a *Gare du Nord*.

Dentre as principais construções realizadas por Haussmann, destacam-se:

de Desapropriação e o Código Geral de Propriedade das Pessoas Físicas e Jurídicas, ambos atualizados e em vigência.

- Avenida dos *Champs-Élysées*: Considerada uma das avenidas mais famosas do mundo, a Avenida dos *Champs-Élysées* foi ampliada e reformada por Haussmann, tornando-se um importante ponto turístico de Paris. A construção foi realizada entre 1854 e 1865.
- *Ópera Garnier*: Construída entre 1861 e 1875, a *Ópera Garnier* foi projetada pelo arquiteto Charles Garnier e é considerada uma das construções mais importantes do período *haussmaniano*.
- Praça do *Châtelet*: Haussmann redesenhou a Praça do *Châtelet*, que antes era um local caótico e perigoso.

Além das mudanças na paisagem urbana, Haussmann também implementou melhorias na infraestrutura da cidade. Foram construídas novas pontes, criados novos parques e jardins, e a modernizado o sistema de iluminação pública. Mas a realização mais importante e basilar, foi a modernização do sistema de esgoto de Paris, que até então, era muito rudimentar e insuficiente para a cidade, em rápido crescimento. Foi contratado o engenheiro Eugène Belgrand³⁹ para liderar o projeto de construção de um sistema de esgoto moderno e eficiente para a cidade. Belgrand projetou um sistema complexo de interceptores, coletores e estações de tratamento que foram construídos.

A construção desse sistema de esgoto, foi considerado uma obra-prima da engenharia civil, capaz de lidar com as necessidades de uma cidade moderna e em expansão. Ele acrescentou aos existentes 1.300 km de tubos de esgoto, 23 estações de bombeamento e três grandes estações de tratamento, que limpavam as águas, antes de devolvê-las ao rio Sena. Um ação exemplar de cidadania.

O sistema consistia em um sistema de esgoto subterrâneo, utilizando técnicas avançadas para a época, como a utilização de tubos de cerâmica e concreto composto de uma grande rede de coletores subterrâneos. Foram criados linhas de esgoto subterrânea, paralela a cada rua. No subsolo, as canalizações têm os mesmos nomes das respectivas ruas na superfície. Essas canalizações se interligavam a um sistema de estações elevatórias, responsáveis por bombear o esgoto até a superfície, onde

³⁹ O engenheiro civil francês Marie François Eugène Belgrand (1810/1878), foi um dos principais responsáveis pela modernização do sistema de esgotos de Paris, durante o século XIX. Muitas de suas obras ainda são utilizadas atualmente. Belgrand foi diretor do Departamento de Água e Esgotos de Paris, desde março de 1855. O sistema de esgotos de Paris foi quadruplicado entre 1852 e 1869.

era tratado em grandes tanques de decantação. Além disso, foram construídos canais de drenagem, para recolher a água da chuva e evitar enchentes na cidade.

De acordo com Gandy (2013), o sistema de esgoto projetado por Belgrand, foi uma das principais decorações de Haussmann, que entendeu a importância de um sistema de saneamento moderno e eficiente para a saúde pública e o desenvolvimento da cidade. O sistema de esgoto construído, permitiu que Paris se torne uma das cidades mais saudáveis e agradáveis da Europa, no final do século XIX.

Atualmente, a cidade de Paris é abastecida por cinco reservatórios subterrâneos, que coletam água de vários rios e aquedutos mostrados. O maior deles é o reservatório de *Montsouris*, construído em 1873, que dispõe de 202 mil metros cúbicos de água (Siaap, 2022). A rede de esgoto de Paris, por sua vez, tem cerca de 2.400 km de extensão e é gerenciada pela empresa pública *Eau de Paris*, que também é responsável pelo tratamento e distribuição de água potável na cidade (*Eau de Paris*, 2022)

Com a chegada de Napoleão III ao poder, em 1852, a ordem entrou na cidade. Com Haussmann, a cidade é, pela primeira vez, considerada em seu todo. Já não bastava resolver o problema de um quarteirão insalubre, com fins unicamente especulativos. O método de intervenção considera todo o território com o objetivo de criar uma rede de conexões coerentes. Os bairros mais desfavorecidos, receberam igual tratamento dado àqueles burgueses. O procedimento destinado a *Place de la République* e para as avenidas que a cercam são da mesma qualidade daquele destinado a *Place de L'Étoile* e de suas avenidas.

As reformas urbanas promovidas por Georges-Eugène Haussmann, em Paris, no século XIX, foram um marco na história do urbanismo, transformando a cidade em pauta, em uma das mais belas e modernas do mundo. As mudanças realizadas por Haussmann, entre 1853 e 1870, foram profundas e abrangeram as diversas áreas que constituem a localidade, desde a infraestrutura e mobilidade urbana até a arquitetura e paisagismo.

Saint-Simon, Cabet e Fourier imaginaram a cidade ideal, durante a primeira metade do século XIX. O realismo desses teóricos, lhes conferiram o adjetivo de utópicos. E, foram eles mesmos, os primeiros a perceber a premente exteriorização da cidade industrial.

Uma das principais reformas promovidas por Haussmann foi a expansão das avenidas e ruas, que permitiu a circulação mais fluida de veículos e pedestres.

Entre as vias urbanas concebidas por Haussmann, destaca-se a Avenida de *l'Opéra*, estendendo-se da *Place Vendôme* até a *Place de l'Opéra* e inaugurada em 1875. Rapidamente, esta avenida ascendeu ao estatuto de ícone parisiense, simbolizando a vanguarda e o desenvolvimento da cidade. Similarmente, a renomada Avenida des *Champs-Élysées*, foi revitalizada sob sua égide, consolidando-se como um emblema turístico da capital.

Haussmann não se limitou a avenidas; ele foi o arquiteto por trás de um intrincado mosaico de ruas e praças que teceram uma nova unidade urbana. A *Rue de Rivoli*, inaugurada em 1855, é um exemplo fulcral, traçando uma linha direta do Louvre até a *Place de la Concorde*. Essa rua não só facilitou o acesso ao agora célebre museu do Louvre, mas também deu vida a um vibrante corredor comercial.

Outra importante rua criada por Haussmann foi a *Rue de Sèvres*, que liga o centro de Paris, ao bairro de *Sèvres-Babylone*. Inaugurada em 1867, a rua se tornou um importante centro comercial e cultural, com presença de lojas de luxo, teatros e cinemas.

Haussmann também arquitetou diversas praças em Paris, incluindo a *Place de l'Étoile* (hoje conhecida como *Place Charles de Gaulle*), que foi criada em 1864 e se tornou um importante ponto de referência na cidade. Essa praça foi construída em torno do Arco do Triunfo que havia sido concluído em 1836. Para essa praça convergem doze avenidas em formando uma estrela. Entre essas avenidas esta a emblemática *Avenue des Champs-Élysées* (*La place [...], [20--?]*)

Haussmann também foi responsável pela abertura de vias importantes na cidade, (Figura 47), como a *Rue du Faubourg Saint-Honoré*, que liga a *Place de la Concorde* à *Place des Ternes*. Essa via se tornou uma das mais elegantes e prestigiadas de Paris, abrigando lojas de grifes e marcas de luxo. A *Place de l'Étoile*, inaugurada em 1836, foi ampliada e recebeu uma grande rotunda em seu centro, dando origem ao famoso Arco do Triunfo.

Outra grande reforma realizada por Haussmann foi a modernização da infraestrutura urbana, com a construção de novos sistemas de esgoto, iluminação pública e abastecimento de água. Além disso, ele promoveu a construção de novos edifícios públicos, como hospitais, escolas e prédios administrativos, que modernizaram a cidade e melhoraram a qualidade de vida da população.

As reformas de Haussmann também tiveram um grande impacto na arquitetura da cidade, com a imposição de um estilo uniforme de edifícios, com fachadas de pedra e varandas de ferro. Esse estilo, conhecido como “estilo *haussmanniano*”, se tornou o símbolo da arquitetura parisiense do século XIX e influenciou a construção de edifícios em todo o mundo.

Figura 47 - Principais inclusões no sistema viário na gestão Haussmann, entre 1854 e 1870



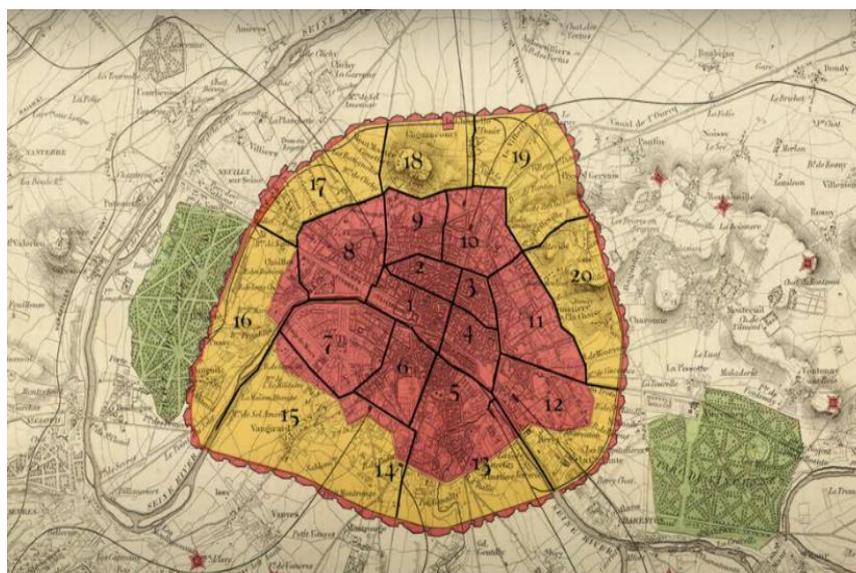
Fonte: Figura redesenhada e reformulada por Tadeu Arrais, com inclusões de pontos marcantes, a partir de base extraída de: Disponível em: <https://reggiwang.wordpress.com>. in: <https://journals.openedition.org>.

Durante os 18 anos em que Paris passou por uma intensa transformação, Haussmann vivenciou um grande confronto político com proprietários, por causa de sua concepção de planejamento e a maneira pela qual interagiu com a propriedade privada e a liberdade individual. Para Haussmann, é a cidade, com suas necessidades e meios para alcançá-las, que deve ter prioridade sobre as necessidades dos particulares. O bem público se sobrepondo aos interesses privados. Haussmann teve que lidar com diversos críticos e encontrou muitas dificuldades para levar a frente seu modelo de planejamento, foi necessário impor um forte marco regulatório à atividade privada, enquanto os proprietários lutavam para manter o controle, fosse apelando aos tribunais ou ao apoio político do Ministro do Interior, e ao final, conseguiram restabelecer a proeminência dos direitos de propriedade sobre o interesse público.

A nomenclatura urbana parisiense emprega os termos "bairro" (*quartier*, em francês) e "distrito" (*arrondissement*) de forma um tanto distinta em comparação a outras cidades. Em sua estrutura administrativa, cada *arrondissement* é fracionado em quatro *quartiers*, resultando em um total de 80 *quartiers* que compõem a tapeçaria urbana de Paris. Esses *quartiers administratifs* são mais do que divisões funcionais; eles são centros de vida comunitária, cada um com seu próprio conselho de bairro e peculiaridades culturais.

Paris, a metrópole histórica, é meticulosamente dividida em vinte distritos, conhecidos como "arrondissements", mostrado na (Figura 48). Estes segmentos da cidade são organizados em uma configuração espiral que começa com o 1º *arrondissement* no coração vibrante de Paris e espirala para fora, até a periferia, onde se localiza o 20º *arrondissement*. Essa disposição não é meramente geográfica, mas reflete também a estratificação social, histórica e econômica, com cada *arrondissement* possuindo sua própria identidade e administração autônoma.

Figura 48 - Mapa dos bairros de Paris com a divisão em 20 *arrondissement*



Fonte: Disponível em: <https://www.pariscityvision.com/pt/paris/bairros-de-paris/mapa-bairros-paris>.
Acesso em: 20 jun. 2023.

Contudo, a vida parisiense cotidiana, frequentemente, transcende essas demarcações oficiais. Os parisienses habitualmente, se referem a regiões menores dentro dos arrondissements simplesmente como "bairros". Estas denominações populares são tecidas a partir do rico tecido histórico, cultural e social da cidade e muitas vezes remontam a períodos significativos da história parisiense, ressoando com a memória coletiva dos habitantes.

Tome-se como exemplo o *Marais*, localizado na margem direita do rio Sena, no 3º e 4º *arrondissements* de Paris. Ele é delimitado a oeste pelo bairro *Beaubourg*, ao sul pelo rio Sena, a leste pelo bairro de *Bastille* e ao norte pelo bairro de *République*. Antes da Revolução Francesa, o *Marais* era uma área nobre, repleta de mansões (*hôtels particuliers*) construídas entre os séculos XVI e XVIII. Essas mansões, como o *Hôtel de Sens* e o *Hôtel de Sully*, são exemplos magníficos da arquitetura renascentista e barroca francesa.

O bairro abrigava a aristocracia parisiense e muitas dessas mansões tinham jardins privados e elaboradas fachadas esculpidas. Apesar das mudanças urbanas e das revoluções, muitas das estruturas históricas do *Marais* foram preservadas. Hoje, com sua arquitetura preservada do período anterior à Revolução Francesa e suas vibrantes ruas comerciais, é um microcosmo cultural dentro de Paris sendo considerado um dos bairros mais vibrantes e diversificados de Paris. Ele manteve seu charme histórico com ruas estreitas e pavimentadas, e muitos dos antigos *hôtels particuliers* foram transformados em museus, como o Museu Picasso e o Museu Carnavalet. O bairro também é conhecido por sua comunidade judaica, com sinagogas, padarias e restaurantes *kosher*, especialmente ao redor da *Rue des Rosiers*.

Embora não seja reconhecido oficialmente como um *quartier administratif*. Ele é, na prática, um bairro em todos os sentidos, ou seja, um lugar onde a história se encontra com a modernidade e a tradição com a tendência, ilustrando, perfeitamente, a complexa malha urbana que é Paris.

4.10 Novos edifícios: os imóveis *Hausmannianos*

Grande parte do que foi reconstruído estava em terras que pertenciam a Coroa e a Igreja e que foram desapropriadas pela então Convenção Republicana, denominados *biens nationaux*, (bens nacionais)⁴⁰ Os conflitos com proprietários privados, foram muitos e intensos.

Vale esclarecer, que nem tudo foram flores. As reformas de Hausmann também tiveram pontos negativos, como, por exemplo, a remoção forçada de

⁴⁰ São bens da Igreja, domínio da Coroa, bem como os bens de certos nobres (edifícios, objetos, terrenos agrícolas, minas, matas e florestas) da Primeira República que foram confiscados durante a Revolução Francesa, sob o decreto de 2 de novembro de 1789.

comunidades pobres de suas moradias e a destruição de áreas históricas da cidade. Segundo Richard Sennett (1994), a modernização de Paris resultou em uma "cidade dual", com as classes mais privilegiadas se beneficiando das melhorias geradas, enquanto as classes mais pobres, eram excluídas desse conforto. Essa dualidade urbana é ainda bastante evidente em Paris até hoje.

Vinte e cinco mil imóveis foram destruídos enquanto a construção de novos edifícios foi estimulada. Essas novas edificações deveriam seguir uma composição arquitetônica. Edificações de seis pavimentos construídos em sequência. Um estilo novo tipicamente *Hausmanniano*. Diversas regulamentações relativas aos parâmetros de construção garantiram um resultado homogêneo. Os critérios eram rigorosos e milhares de edifícios foram construídos. Nesses edifícios, todos os espaços de convivência, como a sala de jantar, de estar e alguns quartos, são voltados para rua, em linha, como nos antigos castelos. Já as escadas e as áreas de serviços, são voltadas para o interior, para um pátio interno. A fachada é o elemento principal. Todos os edifícios devem respeitar a mesma altura e as mesmas linhas, compondo com a edificação, logo, ao lado, formando um mesmo conjunto arquitetônico. A altura varia entre 12 e 20 metros sendo proporcional a largura da via sem nunca ultrapassar os seis pavimentos.

Apesar das controvérsias em torno das reformas de Hausmann, seu legado na transformação urbana de Paris é indiscutível. Como bem afirma Marshall Berman, "nenhum outro governante ou prefeito deixou uma marca tão profunda e duradoura na paisagem urbana de Paris quanto Hausmann" (1988). Suas reformas estabeleceram um novo padrão para a vida urbana e inspiraram outros movimentos de transformação urbana em todo o mundo.

5 ANÁLISES: O IMPACTO HAUSSMANNIANO NO URBANISMO DE TERESINA

O modelo *haussmanniano*, aplicado em Paris na década de 1850, caracterizou-se pela criação de largas avenidas, praças, parques e a implementação de uma estrutura urbana que facilitava tanto a circulação quanto o embelezamento da cidade. Haussmann também se preocupou com aspectos sanitários e de iluminação, transformando Paris numa referência de urbanização moderna.

Em contraste com o planejamento detalhado de Haussmann, Teresina testemunhou um planejamento urbano que acompanhava a proposta feita para as cidades coloniais. No entanto, pode-se notar uma preferência similar por largas avenidas e espaços públicos abertos. A cidade foi desenhada com ruas largas e retas, em um *layout* ortogonal, favorecendo a circulação do ar e contribuindo para a saúde pública, o que era uma preocupação comum na época, devido as epidemias manifestadas na ocasião, como a febre amarela, por exemplo. Além disso, espaços abertos como praças e parques, foram projetados para serem locais de convívio e lazer, contribuindo para a estética da cidade.

Embora tenham ocorrido demolições e desapropriações em Teresina, para a construção da Avenida Frei Serafim, elas foram pontuais e frequentemente associadas à necessidade de abrir espaço para edifícios públicos ou obras de infraestrutura específicas. Quanto ao saneamento básico, Teresina viu esforços incipientes nesse sentido, com a construção de algumas redes de esgoto e abastecimento de água. No entanto, essas iniciativas estavam longe de alcançar a abrangência das obras de Haussmann em Paris ate mesmo por Teresina ser uma pequena cidade em desenvolvimento e que não contava nem mesmo com 40 mil habitantes nesse momento, em 1874, ano de inicio das obras da avenida.

Assim como Haussmann buscou criar uma Paris funcional e bela, os planejadores de Teresina parecem ter seguido uma lógica semelhante, buscando uma cidade prática para seus habitantes, mas que fosse, também agradável aos olhos. Este equilíbrio entre funcionalidade e estética é uma característica marcante do desenho urbano de Teresina, que, embora bem modesto, quando comparado ao grandioso projeto de Haussmann para Paris, ainda reflete o ideal de urbanização da época, adaptado à realidade brasileira e às necessidades específicas da região.

Com 43 Km² de área, o arruamento foi meticulosamente planejado para incluir praças e edificações religiosas, sendo a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo,

um marco fundamental desse planejamento, estabelecendo o ponto central da cidade - o marco-zero. A simetria e a regularidade do traçado reticulado da cidade, foram pensadas para estender-se igualmente para o sul e para o norte, alcançando 1.500 braças em cada direção, conforme descrito por Johny Santana de Araújo (2020).

A escolha por um plano ortogonal, comum em diversas cidades planejadas do período colonial e do início do período republicano no Brasil, visava a facilidade de divisão e venda de lotes, a organização espacial e a estética. Este tipo de planejamento, que não apresentava uma hierarquia de ruas e era limitado pela presença dos rios Poti e Parnaíba, sugere uma preocupação com a ordem e controle do desenvolvimento urbano.

É importante notar que essa estruturação inicial de Teresina influenciou diretamente a vida social e a evolução da cidade. A rigidez do modelo ortogonal oferecia uma clareza que facilitava a orientação e a locomoção das pessoas, mas também impunha limites à expansão natural e ao desenvolvimento orgânico da cidade, que com o tempo precisou se adaptar e, em alguns casos, romper com esse ordenamento inicial.

A malha urbana ortogonal de Teresina, estabelecida em sua fundação espelha as tendências urbanísticas do século XIX, quando a ordem e a simetria eram valorizadas como expressões de progresso e civilidade. Segundo Oliveira (2012), tais concepções urbanísticas estavam alinhadas com as ideologias da época, que associavam a racionalidade geométrica ao controle e à eficiência, características desejáveis em um contexto de modernização e emulação dos padrões europeus.

Na historiografia urbana, a análise da evolução das cidades sob a influência das dinâmicas capitalistas é crucial para compreender a interação entre o desenvolvimento econômico e a formação do espaço urbano. Villaça (1998) identifica dois momentos históricos fundamentais nesse processo, cada um caracterizado por um grau distinto de intervenção estatal no parcelamento do solo em países de economia capitalista, como os Estados Unidos.

No primeiro momento, que abrange os séculos XVII e XVIII até as primeiras décadas do século XIX, observa-se uma forte presença do Estado na configuração do espaço urbano. Durante essa fase, o planejamento e a regulamentação estatal eram elementos decisivos na estruturação das cidades, com o Estado atuando como agente central na definição do uso e da divisão do solo urbano. A criação de códigos de

postura e leis de zoneamento no final do século XIX e início do século XX consolidou a autonomia do município de Teresina na regulamentação do espaço urbano.

A Avenida Frei Serafim inaugurou uma nova configuração urbana em Teresina, marcando uma mudança significativa na distribuição populacional que, anteriormente concentrada próxima ao rio Parnaíba e aos contornos iniciais do Plano Saraiva, passou a se deslocar em direção leste. Este processo marcou o início de uma reconfiguração visual e estrutural da cidade, alinhada com o conceito de modernização.

Nas palavras de Nascimento (2002, p. 152), a avenida era descrita como "uma via com 40 metros de largura e dois quilômetros de extensão, iluminada, arborizada; [...] o 'cartão postal' da cidade, podendo ser vista como símbolo de poder".

Figura 49 - Construção da Avenida Frei Serafim onde se pode observar a Igreja de São Benedito ao fundo



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Teresina. Superintendência das Ações Administrativas Descentralizadas Centro/Prefeitura de Teresina

Uma das obras que mais fizeram alusão às transformações urbanas de Paris foi a construção da atual Avenida Frei Serafim. Sua construção aconteceu em 1874, com a chegada do missionário capuchinho franciscano Frei Serafim de Catânia. De primeiro momento, a via recebeu o nome de Estrada Real, mas, posteriormente,

mudou de nome para Avenida Getúlio Vargas. Anos depois, foi novamente batizada, levando o nome de Avenida Frei Serafim.

Essa avenida, em seus primórdios, era a rota principal para o transporte de materiais como areia e argila, extraídos das margens do Rio Poti, atendendo à demanda da crescente malha urbana e de suas diversificadas edificações. Entre essas construções, destaca-se a Igreja de São Benedito, um marco religioso que se ergue no extremo norte da via, contribuindo para o perfil arquitetônico e cultural da cidade (Rodrigues, 2020).

A transformação desse caminho rudimentar (já consolidado) em avenida, (Figura 49), foi proposta pelo engenheiro Antonino Freire, à época governador do Estado, formado pela Escola Politécnica de Engenharia do Rio de Janeiro e com passagens por Paris, que trouxe para Teresina a novidade dos *boulevards*, no caso, a avenida⁴¹.

O entorno da via possuía imagem ruralista, (Figura 50) uma configuração predominantemente rural, marcada pela presença de extensas propriedades agrícolas, sítios e chácaras. Algumas residências da região eram as edificações predominantes eram construídas com materiais simples, como taipa e palha, refletindo uma arquitetura vernacular típica da região. onde residiam, por exemplo, operários. Outras, consistiam em palacetes residenciais em estilo eclético, onde residiam moradores com maior poder aquisitivo.

Figura 50 - Foto da Av. Frei Serafim com atmosfera ruralista



Fonte: <https://globoplay.globo.com/v/8903022/> Acesso em 23/08/2024

⁴¹ O termo "avenida" já carregava uma sensação de modernidade, pois sua definição implicava algo novo, inexistente até então, no Piauí, habituadas a nomes tradicionais como ruas, travessas, vielas e becos. Fonte: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/09.090/190>. Acesso em 14de maio de 2024.

A construção da Igreja São Benedito foi finalizada em 1886. A distância significativa em relação ao núcleo central da cidade contribuía para a percepção de uma atmosfera ruralista. Além dos trabalhadores migrantes e operários, indivíduos de maior poder aquisitivo, incluindo desembargadores e deputados estaduais, também residiam nesse contexto (Nascimento, 2002).

Inicialmente, se caracterizava como uma estrada carroçável, de terra e ligava o Alto da Jurubeba, local escolhido para a construção da Igreja São Benedito, o templo religioso foi idealizado por Frei Serafim de Catânia, às margens do Rio Poti – local onde os devotos de São Benedito retiravam areia, pedras, água e tijolos usados na construção da igreja em um lugar conhecido como “alto da jurubeba”.

De maneira comparável, o Arco do Triunfo, sendo ponto focal à Avenida *Champs-Élysées*, em Paris, a Igreja de São Benedito, em Teresina, desempenha um papel semelhante na Avenida Frei Serafim.

A comparação entre a Igreja de São Benedito e o Arco do Triunfo vai além de suas funções originais, estendendo-se ao impacto que ambas têm em suas respectivas avenidas. Ambas edificações são pontos imponentes que conferem identidade e caráter às suas localizações, influenciando a percepção e a experiência de quem transita por essas importantes vias. Enquanto o arco do Triunfo se destaca como uma joia da arquitetura na Avenida *Champs-Élysées*, atraindo visitantes de todo o mundo para admirar sua beleza, a Igreja de São Benedito se ergue como um símbolo de fé e tradição na Avenida Frei Serafim, desempenhando um papel central na vida comunitária e espiritual de Teresina.

A administração municipal adotou medidas com o objetivo de desencorajar a permanência das habitações ao longo da avenida, alegando questões relacionadas à limpeza e higiene urbana. Diante da falta de recursos financeiros, a população de baixa renda foi compelida a buscar moradia em áreas periféricas e menos valorizadas, situadas nas proximidades da linha férrea e das margens do rio Poti, onde os serviços e infraestrutura eram precários ou inexistentes. Este cenário marcou o início de um processo de segregação socioespacial na cidade (Nascimento, 2002).

Anos depois, as residências encontraram empecilhos para permanecer na Avenida Frei Serafim e em seu entorno, após a decisão da gestão municipal de modernizar o local, a fim de transformá-lo em um eixo simbólico urbano, para isso, foi elaborada legislação específica para a construção de prédios. Entre as medidas aprovadas destacam-se a proibição da construção de prédios de um só pavimento e

o estabelecimento do prazo de 180 dias para a demolição das casas cobertas de palhas. Fica patente o desejo das autoridades municipais de higienizar, limpar a área de construções que poderiam comprometer a “avenida dos sonhos”.

A introdução da arborização urbana e a criação de áreas verdes foram estratégias adotadas em Teresina que remetem a Paris do século XIX, onde a criação de áreas verdes foram planejamentos adotadas por Haussmann que contou com Charles Alphand⁴², engenheiro para criação dos espaços verdes parisienses. Juntos, Haussmann e Alphand implementaram amplos bulevares e parques, transformando Paris não só em um centro de eficiência, mas também de beleza e bem-estar.

Na ocasião da concepção da Avenida Frei Serafim, as preocupações com a salubridade urbana eram semelhantes às descritas por Araujo (2022). Cidades por todo o mundo estavam lidando com problemas de poluição, doenças e a falta de espaços adequados para lazer e descanso. A inclusão de um largo passeio central na Avenida Frei Serafim serviu como um refúgio urbano que permitia aos moradores escapar do confinamento e da poluição associados à vida urbana densamente povoada.

O passeio arborizado ao longo da Avenida Frei Serafim oferecia um ambiente esteticamente agradável e acolhedor, ideal para a recreação e o convívio social. Esses espaços abertos eram fundamentais para o lazer e o descanso dos cidadãos, como destaca Araujo (2022), promovendo um estilo de vida mais saudável e interativo. A presença de árvores ao longo da avenida também contribuiu para a regulação térmica, ajudando a melhorar o microclima urbano e tornando a área mais confortável, especialmente durante os períodos mais quentes, o que é crucial em uma cidade como Teresina, conhecida por seu clima predominantemente quente.

A semelhança entre a Avenida Frei Serafim, em Teresina, e a Avenida *Champs-Élysées* (Figura 51), em Paris reside a partir de interessantes paralelos em suas concepções originais, ambos projetos marcados pela presença de canteiros arborizados, largos passeios e pontos focais imponentes, refletindo a importância do planejamento urbano que integra a natureza e a arquitetura monumental para criar espaços públicos vibrantes e funcionalidades estéticas.

⁴² Charles Alphand desempenhou um papel crucial na transformação de Paris no final do século XIX, trabalhando na construção de estradas, pontes, e parques, incluindo o Parque Monceau e o Bois de Boulogne. Ele foi nomeado engenheiro-chefe de Paris em 1854, cargo que ocupou até 1870.

Figura 51 - Imagem da *Avenue de Champs Élysées*

Fonte: <https://paixaoporparis.blogspot.com/2012/07/o-passado-de-paris-em-fotos.html>
Acesso em 12 mar. 2024.

A Avenida *Champs-Élysées*, planejada inicialmente no século XVII e transformada significativamente nos séculos subsequentes, que se estende desde a *Place de la Concorde* até a praça *Charles de Gaulle*, onde se encontra o icônico Arco do Triunfo. Este arranjo não apenas facilita um fluxo eficiente de pedestres e veículos, mas também proporciona um ambiente agradável e esteticamente atraente, reforçando seu papel como um dos principais boulevards de Paris e um centro de atividades sociais e culturais.

Paralelamente, a Avenida Frei Serafim, embora mais modesta em escala e renome, compartilha características semelhantes em seu desenho (Figura 52). Desde sua concepção no século XIX, a avenida apresenta um canteiro central arborizado que desempenha um papel crucial na estruturação do espaço urbano de Teresina. Este espaço não apenas serve como área de lazer e encontro para os cidadãos, mas também ajuda a moderar o clima quente da região. O ponto focal da Avenida Frei Serafim é a Igreja de São Benedito, um marco arquitetônico para a cidade, semelhante ao papel que o Arco do Triunfo desempenha em Paris.

Ambas as avenidas foram projetadas com uma visão de grandiosidade e funcionalidade, incorporando arborização que elevam a qualidade de vida urbana ao proporcionar espaços verdes significativos em ambientes densamente construídos. Esses espaços arborizados atuam como pulmões verdes, essenciais para a sustentabilidade e bem-estar nas cidades, e os pontos focais arquitetônicos não

apenas enriquecem a paisagem urbana, mas também fortalecem a identidade e o orgulho locais.

Figura 52 - Vista aérea da Avenida Frei Serafim, onde está localizada a Igreja São Benedito, em Teresina



Fonte: IBGE. Disponível em <https://g1.globo.com/pi/piaui/aniversario-de-teresina/noticia/2022/08/16/conheca-a-historia-da-avenida-frei-serafim-de-estrada-carrocavel-a-simbolo-urbano-de-teresina.ghtml>. Acesso em 12 jun. 2024.

Através desses elementos, tanto a *Champs-Élysées* quanto a Frei Serafim demonstram como avenidas bem planejadas podem servir como eixos vitais de cultura, história e vida social, refletindo os valores e aspirações de suas respectivas cidades ao longo das décadas.

O poder municipal demonstrou interesse em transformar a Avenida Frei Serafim (Figura 53), em um eixo simbólico urbano, especialmente devido à sua conexão com estradas que conduziam a cidades vizinhas. Conforme mencionado por Nascimento (2002, p. 152).

A Prefeitura Municipal projeta transformar a avenida Frei Serafim em cartão de visita da nova cidade. Foi elaborada legislação específica para a construção de prédios naquele setor. Entre as medidas aprovadas destacam-se a decisão da construção de prédios de um só pavimento e o estabelecimento do prazo de 180 dias para a demolição de casas cobertas de palhas. Fica patente o desejo das autoridades municipal de higienizar, limpar uma área de construções que poderiam comprometer a “Avenida dos Sonhos”

Figura 53 - Avenida Frei Serafim em 1939, já arborizada, porém com poucos edifícios em sua extensão



Fonte: Monteiro (1941).

Conforme o sistema capitalista se consolidava e se expandiu, houve uma transição para o segundo momento, identificado por Villaça a partir do final do século XIX. Este é descrito como “tipicamente capitalista” e se caracteriza por um recuo da intervenção estatal direta, dando lugar aos mecanismos de mercado na produção do espaço urbano. Nesta fase, é o mercado imobiliário que passa a ditar as regras de ocupação e uso do solo, refletindo as lógicas de oferta, demanda e especulação imobiliária.

Villaça argumenta que essa transição não apenas alterou a forma de produção do espaço urbano, mas também refletiu mudanças mais amplas nas relações sociais e econômicas. O segundo período corresponde a uma fase em que a cidade se torna um produto comercializado, sujeito às flutuações e às crises do mercado capitalista.

Inicialmente, Teresina apresentou um desenvolvimento urbano que reflete o primeiro período descrito por Villaça, com forte intervenção do Estado. O planejamento ortogonal da cidade, com ruas e praças bem definidas e a presença marcante de instituições religiosas como a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Amparo, indica uma abordagem metódica e controlada pelo Estado. A simetria e regularidade do traçado, bem como a designação de áreas de expansão, sugerem um planejamento cuidadoso e uma visão de longo prazo para o crescimento da cidade.

[...] a cidade 'tipicamente capitalista' surgiu sob a égide do mecanismo de mercado, imperando basicamente nas transações imobiliárias, nos

loteamentos e mais tarde no espaço urbano produzido sob o impacto do automóvel [...]. Tão logo o capitalismo se impôs, impõe-se também o mecanismo de mercado e a redução da ação do Estado produtor 'indireto' com a legislação urbanística, que, supostamente, regularia a iniciativa privada, regularia a iniciativa privada (Villaça, 1998, p. 247-249).

No contexto da evolução urbana de Teresina, é evidente que as políticas estatais tiveram um papel crucial na definição da utilização do espaço urbano. O Estado, como entidade reguladora, não apenas ditou as diretrizes para o uso do solo em diversas regiões da cidade, mas também induziu a valorização de áreas específicas por investimentos direcionados em infraestrutura, equipamentos urbanos e serviços. Esta atuação estatal, por vezes, resultou em um tecido urbano marcado por disparidades sociais e espaciais, onde a valorização do solo urbano se refletiu em uma paisagem heterogênea e muitas vezes segregada.

A partir dos anos 1950 e 1960, um conjunto de intervenções urbanísticas começou a redefinir a morfologia de Teresina. O asfaltamento de novas avenidas e a expansão das redes de energia elétrica e abastecimento de água, sobretudo rumo à região sul da cidade, revelam um padrão de crescimento urbano que se alinha tanto com os influxos econômicos quanto com as vantagens topográficas da área. Este padrão de expansão, documentado em registros municipais da época, destaca a influência direta das decisões políticas no desenvolvimento urbano de Teresina (Prefeitura de Teresina, 2006).

As administrações de Luís Pires Chaves (1932-1935) e Lindolfo Monteiro (1936-1945) foram particularmente significativas nesse processo de urbanização. Durante esses governos, projetos ambiciosos de infraestrutura foram implementados, incluindo a abertura de grandes vias que conectavam as entradas e saídas da cidade, facilitando o trânsito e fortalecendo a posição de Teresina como um polo regional. Um marco dessa era foi a transformação da Avenida Frei Serafim, antes conhecida como Avenida Presidente Vargas. A via foi não só alargada e arborizada, mas também equipada com iluminação elétrica, representando uma melhoria significativa na infraestrutura urbana e na qualidade de vida dos habitantes.

As reformas urbanas de Haussmann em Paris no século XIX ecoaram ao longo do tempo e do espaço, influenciando o planejamento de muitas cidades ao redor do mundo. Uma dessas cidades foi a do Rio de Janeiro, na gestão de Pereira Passos.

Francisco Pereira Passos foi prefeito do Rio de Janeiro de 1902 a 1906, e se tornou figura central na história das reformas urbanas brasileiras. Nascido em 1836,

Passos era bacharel em matemática e posteriormente ingressou na diplomacia com uma carreira que o levou a Paris, onde ele teve a oportunidade de trabalhar diretamente durante as reformas urbanas empreendidas pelo Barão Georges-Eugène Haussmann.

Durante sua estada e trabalho em Paris, Pereira Passos foi exposto a um novo modelo de urbanismo que visava não apenas melhorar a infraestrutura e a salubridade da cidade, mas também criar espaços urbanos que refletissem os ideais de progresso e modernidade da época. Haussmann reorganizou Paris com amplos bulevares, parques públicos, e uma infraestrutura eficiente que incluía redes de esgoto e um sistema viário planejado para facilitar a circulação e o transporte. Essas mudanças deixaram uma marca indelével em Passos, que percebeu o potencial transformador de tais reformas para o contexto urbano brasileiro.

Quando assumiu a prefeitura do Rio de Janeiro, Passos trouxe consigo essa visão *haussmanniana*. Sua principal meta era modernizar a capital brasileira, que então enfrentava graves problemas de saúde pública e infraestrutura deficiente. Inspirado pelo modelo parisiense, Passos implementou um conjunto de reformas que ficaram conhecidas como "Bota-Abaixo", um processo que envolveu a demolição de cortiços e a criação de novas avenidas e espaços públicos. A Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco) é um exemplo emblemático dessa transformação, refletindo diretamente a influência dos grandes bulevares de Haussmann.

Além das avenidas, Passos também se empenhou na construção de parques e praças, semelhantes aos que viu em Paris. O Passeio Público e a criação do Jardim Botânico foram iniciativas que visavam não apenas embelezar a cidade, mas também melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. Esses espaços verdes proporcionavam áreas de lazer e recreação, além de contribuírem para a melhoria das condições sanitárias da cidade.

As reformas de Pereira Passos também incluíram a modernização da infraestrutura urbana. Inspirado pelo modelo de saneamento de Paris, ele implementou um sistema de esgoto mais eficiente e melhorou o abastecimento de água, combatendo assim as epidemias que assolavam o Rio de Janeiro. A cidade passou a contar com uma estrutura mais moderna e funcional, que permitiu um crescimento mais ordenado e sustentável.

Assim como Haussmann em Paris, Passos enfrentou críticas e resistência durante a implementação de suas reformas. A demolição de habitações populares e

o deslocamento de moradores geraram tensões sociais, mas ele manteve seu compromisso com a transformação da cidade. Ao final de seu mandato, o Rio de Janeiro emergiu como uma cidade mais moderna e organizada, um legado que refletia claramente a influência das reformas *hausmannianas* que ele havia estudado e vivenciado em Paris.

Teresina, criada em 1852 como a primeira capital planejada do Brasil, não ficou à margem dessa influência. Criada para ser a capital do Piauí, destaca-se na história do planejamento urbano brasileiro como a pioneira entre as capitais planejadas do país. A estratégia para seu desenvolvimento foi influenciada substancialmente pela intenção de torná-la o centro administrativo da província, aproveitando sua posição estratégica próxima ao Rio Parnaíba, um ponto estratégico para o comércio fluvial. Essa localização estratégica determinou a transição da sede da província de Oeiras, localizada a sudoeste, para Teresina.

O desenho urbano inicial da cidade foi concebido com uma grade ortogonal, composta por quadras uniformes, projetando a expansão urbana em direção ao leste até as margens do Rio Poti, vislumbrando o desenvolvimento futuro da região (Miranda *et al*, 2015). O planejamento de Teresina refletiu o pensamento urbanístico da época, que enfatizava a ordem, a simetria e a salubridade, aspectos marcantes das reformas de Haussmann.

Um dos paralelos mais evidentes entre a estruturação de Teresina e os princípios haussmannianos é a valorização do espaço público como um bem coletivo. Assim como Paris, Teresina incorporou em seu planejamento a criação de praças e parques, que servem até hoje como locais de encontro, recreação e celebração para os teresinenses. Esses espaços, além de fornecerem um oásis de tranquilidade em meio ao ambiente urbano, também funcionam como elementos de integração social, promovendo a interação entre diferentes camadas da população.

Teresina adotou a ideia de vias amplas, que facilitam o trânsito e o escoamento do fluxo de pessoas e bens, refletindo a influência dos *boulevards* parisienses. Embora a motivação por trás dessa escolha em Teresina possa não ter sido o controle social e a rápida mobilização militar, como no caso de Paris, ainda assim reflete uma. Portanto, enquanto Teresina não foi uma réplica das reformas parisienses, as semelhanças no planejamento urbano indicam uma transferência de ideais.

Mesmo que indireta, a influência de Haussmann pode ser sentida na configuração das ruas retilíneas. Em Teresina, observamos uma malha urbana que

privilegia essas ruas retilíneas, característica marcante do plano de Haussmann, que buscava eficiência no tráfego e uma organização espacial que facilitasse a circulação.

Ainda é possível traçar um paralelo na presença de espaços públicos verdes e na busca por uma cidade que, assim como Paris, aspira ser funcional, bela e moderna. A capital do Piauí, com seu próprio contexto e desafios, absorveu os princípios do urbanismo *haussmanniano* e os reinterpreto, criando uma identidade urbana preocupada com a ordem e a eficiência urbanas.

A estrutura urbana de Teresina, com suas avenidas largas e homologadas, praças distribuídas de maneira simétrica e um sistema de escoamento eficiente, mostrou claros sinais da inspiração *haussmanniana*. A largura das ruas e avenidas da cidade, por exemplo, facilitava não apenas o trânsito de pessoas e bens, mas também a ventilação e iluminação, aspectos importantes em uma região de clima quente e seco como o do Piauí.

As reformas urbanas de Paris estavam baseadas em alguns pilares como a melhoria da circulação urbana através de avenidas largas, a eliminação de condições insalubres, a revalorização de monumentos históricos por meio de eixos viários estrategicamente planejados, um embelezamento meticuloso da cidade e a construção de edifícios imponentes que refletiam o novo status urbano. Em Teresina, o Código de postura de 1912, traz essa preocupação.

O novo Código representou um momento significativo na evolução urbana e arquitetônica e foi crucial ao definir as características das residências construídas nesse período, substituindo a legislação anterior de 1905 e trazendo uma série de inovações para as construções dentro do perímetro urbano. As diretrizes eram claras em relação à estética e à funcionalidade, promovendo a beleza e a saúde ambiental da cidade.

De acordo com o Código, era exigido que os prédios construídos ou reconstruídos nos cantos das ruas e praças apresentassem uma terceira face, projetando-se por no mínimo dois metros, criando um efeito que garantia melhor visibilidade nas vias, especialmente crucial com a difusão do automóvel e a necessidade de assegurar visibilidade adequada. Essa norma de urbanismo contribuiu para o desenvolvimento da cidade e até hoje se observam edificações com essa característica na região central de Teresina.

Além disso, o Código de 1912 introduziu a obrigatoriedade de espaços ajardinados para as casas construídas fora do alinhamento da rua. Deveria haver um

gradil de bela aparência e um jardim de pelo menos três metros de largura entre o muro e a casa, assim como entre as próprias casas, quando separadas.

As praças e parques, além de servirem como centros de lazer e convivência, também desempenharam um papel crucial na organização do espaço urbano e na promoção da saúde pública, refletindo outra faceta das reformas de Haussmann.

A expansão da capital do Piauí deu origem à Avenida Frei Serafim, que hoje se consagra como uma artéria viária de suma importância para Teresina. Ela é um dos principais vetores urbanos que promovem a conexão entre o coração da cidade, o centro histórico, e a região leste.

Em 1936, a Avenida Frei Serafim recebeu calçamento e nova iluminação. Além disso, vegetações nativas foram plantadas no canteiro central. A avenida era um espaço único. Não havia nada semelhante, na cidade. Para que se pudesse construir nos lotes adjacentes, era preciso seguir padrões urbanísticos novos para a época: suas casas possuíam regras de implantação que, como conjunto, caracterizaram uma ruptura com os preceitos urbanos tradicionais da época. Os novos palacetes incorporavam os elementos da arquitetura eclética, o que fez tornar a avenida uma espécie de museu de estilos arquitetônicos de períodos e lugares diversos.

O governo municipal tinha como objetivo transformar a Avenida Frei Serafim em um marco simbólico da urbanização, devido à sua conexão com as rodovias que levam às cidades vizinhas. De acordo com Nascimento (2002, p. 152)

A Prefeitura Municipal projeta transformar a avenida Frei Serafim em cartão de visita da nova cidade. Foi elaborada legislação específica para a construção de prédios naquele setor. Entre as medidas aprovadas destacam-se a proibição da construção de prédios de um só pavimento e o estabelecimento do prazo de 180 dias para a demolição das casas cobertas de palhas. Fica patente o desejo das autoridades municipais de higienizar, limpar a área de construções que poderiam comprometer a “avenida dos sonhos”.

Nessa época, havia um desejo de expandir a cidade para novos bairros, na zona leste da cidade, onde os terrenos eram maiores e estavam mais distantes do centro comercial da cidade. Assim, em 1936, durante o governo de Lindolfo Monteiro, começaram as obras de urbanização da avenida. Conforme Nascimento (2002, p. 150)

[...] ao assumir a Prefeitura Municipal em 1936, Lindolfo do Rego Monteiro resolveu implementar os trabalhos de urbanização da avenida Frei Serafim. Luís Pires Chaves, seu antecessor, tinha elaborado projeto e iniciado os trabalhos de arborização daquele logradouro. “Assim é que já

temos ali plantados 118 mudas de oitizeiros. [...] ao término desse ano [1937], na Avenida, deverão ser completados a arborização, meio-fio, terraplanagem e farto serviço de iluminação, pelo Governo do Estado”.

O perfil estritamente residencial da avenida permaneceu até meados da década de 1950, quando a construção da Ponte Juscelino Kubitchek permitiu a expansão da cidade com novos empreendimentos residenciais para a zona leste, criando novos bairros afastadas do centro histórico da cidade.

Caldeira e Padrão (2014), abordam princípios fundamentais para a intervenção em espaços públicos. Esses princípios incluem a valorização da simbologia de locais por meio de design e estruturas que realcem a identidade do espaço, a inclusão de acessibilidade e segurança, respeitando o fluxo de pedestres, além da incorporação de projetos paisagísticos que ofereçam locais agradáveis e promovam a permeabilidade do solo.

Na construção da Avenida Frei Serafim, em Teresina, podemos observar que alguns desses elementos foram contemplados. O largo passeio central e o planejamento que prioriza a acessibilidade e a segurança são testemunhos dessa influência. Além disso, a Igreja de São Benedito, (Figura 54) como ponto focal, alinha-se à ideia de Caldeira e Padrão de estabelecer pontos de referência significativos nos espaços urbanos. Esta integração de princípios evidencia como a teoria proposta foi efetivamente aplicada no contexto específico da Avenida Frei Serafim, reforçando o papel dos espaços públicos na melhoria da qualidade de vida urbana.

Figura 54 - A imponência da avenida com a Igreja de São Benedito e seu entorno



Fonte: Arquivo de fotos do fotógrafo piauiense, Aureliano Muller.

A avenida Frei Serafim, atualmente (Figura 55), continua sendo um importante eixo viário da cidade ligando importantes outras vias como Avenida Miguel Rosa, Avenida Joao XXIII sem contar que essa via conecta a cidade ao Polo de saúde de Teresina, região onde se concentra um grande número de hospitais, clínicas e diversos serviços ligados ao *Cluster* (em formação) de saúde.

Figura 55 - A avenida Frei Serafim, atualmente



Fonte: Acervo do autor (2024).

Na Avenida Frei Serafim está preservada uma exuberante arborização que adorna o canteiro central ao longo de sua extensão. Esta densa massa verde, composta por uma variedade de espécies de árvores nativas e adaptadas ao clima local, oferece um oásis de frescor e beleza natural em meio à paisagem urbana. Além de contribuir para a estética da avenida, a vegetação desempenha um papel crucial na melhoria da qualidade do ar, na redução das temperaturas urbanas e na promoção da biodiversidade, servindo como habitat para diversas espécies de aves e pequenos animais.

Figura 56 - Imagem aérea da avenida em sua extensão, atualmente. Destaque para suas largas calçadas e a arborização



Fonte: Acervo do autor (2024).

A presença marcante dessa arborização transforma o canteiro central da Avenida Frei Serafim em um corredor verde vibrante, como se confirma na (Figura 56), proporcionando sombra e um ambiente agradável para pedestres e ciclistas, e destacando-se como um exemplo de integração harmoniosa entre natureza e urbanismo.

Figura 57 - Imagem do canteiro central da Avenida Frei Serafim, evidenciando o conforto térmico trazido pela arborização local



Fonte: Portal O Dia Noticias <https://portalodia.com/noticias/> Acesso em 28 ago. 2024

6 RESULTADOS ALCANÇADOS

A pesquisa que teve como um dos objetivos identificar os elementos específicos das reformas parisienses que foram adaptados ou inspiraram as práticas de planejamento urbano em Teresina, pretendeu detalhar quais aspectos do urbanismo de Haussmann foram considerados no desenvolvimento da capital do Piauí, avaliando a eficácia e a relevância dessas adaptações no contexto local.

Foi investigado, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, de que forma o legado das transformações urbanas de Paris, especialmente no que diz respeito à criação de espaços públicos como avenidas largas, influenciou o desenvolvimento urbano de Teresina, particularmente na construção e evolução da Avenida Frei Serafim.

Avaliou-se os impactos socioeconômicos e culturais da construção da Avenida Frei Serafim em Teresina, incluindo seu papel como centro cultural, econômico, turístico e político, bem como sua importância como espaço de manifestações e expressões populares até os dias atuais.

A Avenida Frei Serafim, em Teresina, já foi o endereço das famílias mais abastadas da cidade, cujas residências seguiam rigorosamente os regulamentos urbanísticos da época. Naquela época, as normas estabeleciam que as casas deviam ser construídas com materiais nobres, como tijolos e telhas de cerâmica, além da exigência de que essas construções apresentassem dois pavimentos, refletindo não apenas o poder econômico de seus proprietários, mas também um padrão arquitetônico imposto como símbolo de status e modernidade.

A Avenida Frei Serafim continua sendo uma das principais vias de Teresina, serve como um elo vital entre o centro histórico da cidade e os rios Poti e Parnaíba. Traçada no sentido Leste-Oeste, essa avenida é caracterizada por seu canteiro central, onde imponentes oitizeiros (*Licania tomentosa*), árvores nativas da região, criam uma atmosfera de *boulevard*, combinando a funcionalidade urbana com um espaço de contemplação. A área de entorno da avenida é vibrante, abrigando diversas atividades comerciais e um destacado polo de saúde, referência para o estado e que contribui para o intenso movimento de pedestres ao

Historicamente, a Avenida Frei Serafim desempenhou um papel crucial na expansão de Teresina, principalmente no início do século XX, facilitando o crescimento em direção à zona leste da cidade. Projetada como um boulevard, a

avenida não só se transformou em paisagem urbana com sua grandiosidade simbólica, mas também agregou valor estético e histórico com seus majestosos casarões, muitos dos quais ainda resistem como testemunhas do passado, protegidos por leis de preservação do patrimônio.

A análise proporcionou uma visão crítica sobre como as práticas *hausmannianas* foram recebidas e recontextualizadas em Teresina, oferecendo insights sobre a aplicabilidade e sustentabilidade desses modelos de planejamento em diferentes realidades urbanas, atestando a influência de Haussmann no planejamento de Teresina, que venha a servir como um referencial para futuros desenvolvimentos urbanos que buscam harmonizar a preservação histórica com as necessidades modernas de urbanização.

A investigação revelou a notável capacidade adaptativa de Paris ao longo de sua história e a forma como as reformas lideradas por Haussmann emergiram como um marco que redefiniu a configuração espacial da cidade, atendendo às demandas contemporâneas por higiene, circulação e representação política. As análises confirmaram que as intervenções de Haussmann não apenas alteraram a estética de Paris, mas também transformaram suas dinâmicas sociais e econômicas. A criação dos boulevards, além de melhorar a mobilidade urbana, desempenhou um papel crucial como instrumento de controle e exibição do poder estatal. Ao mesmo tempo, a padronização arquitetônica promoveu uma identidade visual unificada para a cidade, consolidando sua imagem como uma metrópole moderna.

A concepção original dos *boulevards*, que começou com as avenidas arborizadas nos espaços onde antes se erguiam as muralhas de Paris, teve um impacto profundo no desenvolvimento urbano em todo o mundo. Esses espaços, inicialmente criados como uma resposta à necessidade de adaptar as antigas estruturas defensivas a uma nova realidade urbana, logo se tornaram símbolos do modernismo e da urbanidade. A transformação dos boulevards em elementos essenciais das cidades modernas não se limitou ao seu aspecto estético; eles também passaram a desempenhar funções cruciais na organização do tráfego. Joseph Rykwert, defende a transformação de avenidas em boulevards e a influência disso no urbanismo global, explorando como essa inovação se manifestou em diferentes contextos e a importância cultural e funcional dos boulevards nas cidades modernas.

Esse modelo parisiense influenciou profundamente a urbanização de cidades em todos os continentes, onde ruas largas e arborizadas passaram a ser sinônimo de modernidade e planejamento urbano avançado.

No contexto brasileiro, e mais especificamente em Teresina, a Avenida Frei Serafim pode ser vista como uma manifestação local dessa tendência global. Inspirada pelos princípios que moldaram os grandes boulevards europeus, especialmente os parisienses, a avenida foi projetada não apenas como uma via de tráfego, mas como um espaço multifuncional que combina mobilidade, lazer e estética. A introdução de árvores ao longo do seu percurso, em especial o oitizeiro, e a estrutura ampla da via refletem essa herança do boulevard, que transforma as ruas em espaços que servem tanto à circulação quanto ao convívio social. A avenida, assim, se insere em uma tradição global de planejamento urbano que valoriza a integração entre infraestrutura e natureza, mantendo vivas as ideias de urbanidade que originaram os primeiros boulevards de Paris.

Enfim, a pesquisa comprovou que a criação do Bulevar Frei Serafim, em Teresina, é um exemplo claro de como os preceitos *hausmannianos* reverberaram no mundo, mesmo no distante Piauí. A influência das reformas urbanas de Haussmann em Paris pode ser observada no traçado e no planejamento dessa avenida, que reflete os ideais de modernização e organização urbana adotados por diversas cidades ao redor do mundo. Essa constatação reforça a importância do estudo das práticas urbanísticas *hausmannianas* e sua aplicabilidade em contextos diversos, demonstrando a abrangência e a durabilidade de seu impacto.

7 CONCLUSÕES

As informações examinadas indicam que as influências das reformas *hausmannianas* reverberaram significativamente no planejamento urbano de Teresina, em especial na concepção das vias e na valorização de espaços públicos.

É possível observar que a construção da Avenida Frei Serafim, em Teresina, pode ser entendida como um reflexo direto da influência das transformações urbanas de Paris.

As análises feitas indicam que o modelo urbanístico implementado por Georges-Eugène Haussmann em Paris serviu como um paradigma inovador para a resolução de problemas urbanos enfrentados por muitas cidades que, inspiradas pelo sucesso de Paris, empreenderam reformas urbanas para melhorar a acessibilidade, a salubridade e a estética de seus espaços urbanos.

Essas melhorias foram implementadas de maneira mais fragmentada e adaptada às realidades locais, diferentemente da abordagem radical e abrangente observada em Paris. Em comparação, a abordagem de Teresina na Avenida Frei Serafim destacou-se por seguir princípios de Haussmann, demonstrando um alinhamento mais direto com o modelo parisiense em termos de estratégia e implementação.

Esta conclusão confirma a hipótese e sugere que, apesar das variações nas abordagens das reformas urbanas em Teresina, o legado de Haussmann permanece um referencial significativo para a modernização das cidades. Assim como os boulevards parisienses, a Avenida Frei Serafim (Figura 58) foi projetada para oferecer uma circulação acessível e confortável, além de eliminar a insalubridade que era prevalente na região. Antes da intervenção, a área era marcada por casebres de palha, que foram substituídos por residências de tijolos com dois pavimentos. Além disso, a reforma revalorizou e reenquadrou a Igreja de São Benedito, contribuindo para uma melhoria significativa no tecido urbano da cidade e se tornou um símbolo de poder e modernidade, além de desempenhar um papel central na vida social, cultural e econômica da capital piauiense.

Figura 58 - A avenida Frei Serafim, nos anos de 1940



Fonte: SAAD Centro, Disponível em <https://g1.globo.com/pi> Acesso em 23 jul.2024

Hipoteticamente, esse sucesso tão amplamente propagado das Reformas *Hausmannianas* em Paris, moldou parte significativa do tecido urbano e das práticas de urbanismo no Brasil, contribuindo para a configuração atual de várias cidades brasileiras, como a cidade do Rio de Janeiro, citada durante o desenvolvimento do texto, ilustrada na (Figura 59) a seguir, mas deve-se considerar que Teresina foi a cidade tema dessa dissertação.

Figura 59 - A avenida des Champs Élysés, 1900 e avenida Rio Branco, no Rio de Janeiro, 1920



Fonte: <http://facebook.com/papodeguia>, Acesso em 02 ago. 2024

A investigação detalhou a transformação de Paris desde a Lutécia romana até a era Haussmann, para examinar a evolução urbana de Paris desde suas origens romanas até as reformas lideradas por Haussmann no século XIX, evidenciando como as decisões de urbanização foram moldadas ao longo dos séculos. As reformas de Haussmann, com suas intervenções radicais, como a criação de grandes boulevards e a modernização da infraestrutura, destacaram-se como um ponto de inflexão na história urbana de Paris.

Verificou-se o impacto duradouro das reformas urbanas *Hausmannianas* e revelou que o impacto dessas reformas ultrapassou as fronteiras de Paris, influenciando práticas urbanísticas em todo o mundo. O legado de Haussmann é evidente na maneira como muitas cidades adotaram conceitos de planejamento que priorizam a acessibilidade, a estética e a saúde pública, princípios essenciais nas reformas parisienses.

As características marcantes das reformas de Haussmann, como a padronização da arquitetura, a expansão de vias urbanas e a melhoria dos sistemas de saneamento e água, foram minuciosamente examinadas e a pesquisa analisou as principais características das intervenções urbanas promovidas por Haussmann

Essas mudanças não apenas transformaram a Paris do século XIX, mas também estabeleceram padrões para o desenvolvimento urbano subsequente.

A pesquisa identificou como intervenções específicas, como a que foi objeto de estudo, a Avenida Frei Serafim em Teresina, refletem os princípios de Haussmann, Destacando elementos específicos das reformas parisienses que foram incorporados nas práticas de planejamento urbano em Paris e aplicadas na cidade de Teresina confirma a adaptação desses elementos ao contexto local de Teresina e demonstra uma aplicação consciente do modelo parisiense, adaptado para atender às necessidades e desafios específicos da cidade.

As reformas urbanísticas promovidas por Haussmann em Paris influenciaram significativamente o traçado e o desenvolvimento da Avenida Frei Serafim em Teresina, Piauí, evidenciando-se tanto na concepção inicial da avenida, que seguiu princípios *haussmannianos* de organização e valorização dos espaços públicos, quanto em seu papel atual como eixo central e simbólico da cidade. A avenida, planejada para melhorar a acessibilidade e a salubridade, refletiu a adaptação local das intervenções parisienses, transformando-se em um espaço urbano que ainda hoje é vital para a circulação e a identidade de Teresina. Assim, a influência de Haussmann se manifesta não apenas na estrutura física da avenida, mas também em seu contínuo impacto na vida social, cultural e econômica da cidade, consolidando-se como um elemento central no tecido urbano de Teresina.

Na conclusão desta pesquisa, os objetivos foram atendidos de maneira detalhada, permitindo um entendimento abrangente sobre a influência das reformas urbanas de Paris, lideradas por Haussmann, em cidades contemporâneas como Teresina.

Por fim, os objetivos específicos foram atendidos e espera-se que a pesquisa forneça *insights* valiosos para o planejamento urbano em Teresina e outras cidades brasileiras, destacando lições aprendidas com o modelo parisiense e sugerindo abordagens e estratégias para o desenvolvimento urbano sustentável e inclusivo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. Capristano de. **Capítulos de história colonial (1500- 1800)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Briguet, 1969.
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ARAUJO, Eliete de Pinho; DOCAMPO, Manuel García. Espaços verdes, jardins, arquitetura verde no processo de mudança do contexto de cidade para paisagem. **Revista da arquitetura: cidadania e habitação**, Brasília, v. 2, n. 2. p. 22-39, 2022. Disponível em: <https://www.jus.uniceub.br/ra/article/view/9344/pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- ARAÚJO, Johny Santana de. O Piauí e a construção da unidade territorial do Império pós-Independência, 1823-1824. *In*: LIMA, Nilsângela Cardoso (org.). **Páginas da história do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 69.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. Nas trilhas de Paris, David Harvey e a capital da modernidade. **Brasil Escola**, 2016. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiaevolucao-das-cidades.htm>. Acesso em: 28 set. 2023.
- BADIOU, Alain. **A hipótese comunista**. São Paulo: Boitempo, 2012. Disponível em: <https://www2.boitempoeditorial.com.br/produto/a-hipotese-comunista-152403>. Acesso em: 07 out. 2023.
- BARBOSA, C B **Therezina Teresina**, Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1991
- BARROS, José D'Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. **Revista História Comparada**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/144>. Acesso em: 22 out. 2023.
- BEARD, Mary. **SPQR: uma história da Roma Antiga**. Trad. Luis Reis Gil. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6017/601770918010.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2024.
- BEECHER, Jonathan. **Victor Considérant and the rise and fall of french romantic socialism**. Berkeley: University of California Press, 2000.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. **Pereira passos: um Haussmann tropical**. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992. Disponível em: http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/pdf/biblioteca_carioca_pdf/pereira_passos_haussmann_carioca.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.
- BENEVIDES, Francisco da Fonseca. **Relatório sobre a exposição universal de Paris em 1867: instrumentos de Física – Machinas de Vapor**. Lisboa: Imprensa

Nacional, 1867. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/2676>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BENEVOLO, Leonardo. **A história da cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BEQUEST, Silas Writht Luming. **Mémoires de la société nationale des antiquaires de France**. Ann Arbor: Univeersiy of Michigan, 1857.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti e Marcelo Macca. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

BONNARDOT, François. **Histoire générale de Paris**: registres des Idélibérations du Boreau de La Ville de Paris. Paris: Imprimerce Nationale, 1883.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **A elite colonial piauiense**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. **O escravo na formação social do Piauí**: perspectiva histórica do século XVIII. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

BRÈS, Antoine; SANJUAN, Thierry. **Atlas de Paris**: les métamorphoses d'une ville intense. Paris: Autrement, 2012.

CALDEIRA, Junia Marques; PADRÃO, Ana Luiza. Revitalização das praças nas quadras 700: um exercício de projeto. **Universitas**: Arquitetura e Comunicação Social, Brasília, v. 11, n. 1, p. 1-8, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.publicacoesacademicas.uniceub.br/arqcom/article/view/2629>. Acesso em: 17 abr. 2024.

CALLIARI, Mauro. **Espaço público e urbanidade em São Paulo**. São Paulo: Bei Comunicação, 2016.

CARTA do novo urbanismo. 2001. Disponível em: https://www.cnu.org/sites/default/files/cnucharter_portuguese.pdf. Acesso em: 12 jun. 2022.

CASTELLO BRANCO FILHO, Moysés. **O povoamento do Piauí**. Teresina: COMEPI, 1976.

CAVALCANTE, Pedro L. Costa; SILVA, Mauro Santos. **Reformas do Estado no Brasil**: trajetórias, inovações e desafios. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2020. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10549/1/Desigualdades_dimensaoesq uecidareformasadministrativasnobrasil_cap2.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

CERQUEIRA, Fábio Vergara; OLIVEIRA, Maria Aparecida de (org.). **Estudos sobre Esparta**. Pelota: UFPel, 2019.

CHADYCH, Danielle. **Paris**: a história de uma grande cidade. Trad. Dominique Leborgne. Rio de Janeiro: Agir, 2012.

CHADYCH, Danielle; LEBORGNE, Dominique. **Atlas de Paris**: évolution d'un paysage urbain. Paris: Éditions Parigramme, 2022.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2003.

COGGIOLA, Oswaldo. Novamente a revolução francesa. **Projeto História**, São Paulo, n. 47, p. 281-322, ago. 2013. Disponível em: <file:///Users/constancejacobmelo/Downloads/17137-Textodoartigo-47660-2-10-20150108.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

COMBEAU, Yvan. **Paris**: uma história. São Paulo: L&P, 2011. Disponível em: <https://livrariaguilhermefreire.com.br/paris-uma-historia>. Acesso em: 20 jun. 2023.

CONSIDÉRANT, Victor. **Expositor abrégée du Système Phalanstérien de Fourier**. Paris: Le Livres Français, 2007. Disponível em: https://books.google.com.br/books/about/Exposition_abr%C3%A9g%C3%A9e_du_syst%C3%A8me_phalans.html?id=8XwGAAAAQAAJ&redir_esc=y. Acesso em: 20 jun. 2023.

CORROZET, Gilles. **La Fleur des Antiquités de la noble e triomphante ville et cité de Paris**. Paris: Libris, 1532. Disponível em: <https://blog.paris-libris.com/corrozet-gilles-illustrations-de-pierre-valade-la-fleur-des-antiquitez-de-paris/>. Acesso em: 19 out. 2023.

CORROZET, Gilles. **La Fleur des Antiquités de la noble e triomphante ville et cité de Paris**. Paris, 1532. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6487221d/f69.item.r=>. Acesso em: 19 out. 2023.

CORROZET, Gilles. **La Fleur des Antiquitez de Paris**. Paris: Libris, 1945. Disponível em: <https://blog.paris-libris.com/corrozet-gilles-illustrations-de-pierre-valade-la-fleur-des-antiquitez-de-paris/>. Acesso em: 19 out. 2023.

COSTA, Ozael de Moura. **A ordem no Piauí**: policiamento e instituição pública nos tempos do Barão da Parnaíba. 2012. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

DEPARTAMENTO DE ESTUDOS E PESQUISA. **Piauí**. 2019. Disponível em: https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/infreg_PI.pdf. Acesso em: 19 jul. 2022.

DURANT, Will. **Rousseau e revolução**: uma história de civilização na França, Inglaterra e Alemanha de 1756, e no restante da Europa de 1715 a 1789 (a história da civilização/vontade e Ariel Durant). New York: Simon and Schuster, 1967.

EAU DE PARIS. **Conheça Eau de Paris**. Disponível em: <https://www.eaudeparis.fr/en/eaudeparis>. Acesso em: 25 fev. 2023.

ELDESOKY, Ahmed Hazem; ABDELDAYEM, Walid Samir. **Disentangling the relationship between urban form and urban resilience: a systematic literature review**. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/urbansci7030093>. Acesso em: 20 out. 2023.

FALCI, Miridan Brito Knox. **Escravos do sertão**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

FAVIER, Jean. **Paris no XVème siècle: 1380-1500** [Library Binding]. Paris: Hachette, 1997.

FIERRO, Alfred. **Histoire et dictionnaire de Paris**. Paris: Robert Laffont, 1996.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. Patrimônios arquitetônicos em Teresina: combates pela memória (1970). **História e Perspectivas**, Uberlândia, p. 167-188, jan./jun. 2016.

FRANÇA. Ministère de la Transition Écologique et de la Cohésion des Territoires. **La gestion de l'eau em France**. 2020. Disponível em: <https://www.ecologie.gouv.fr/gestion-leau-en-france>. Acesso em: 25 fev. 2023.

FREGIER, Honoré Antoine. **Des classes dangereuses de la population dans les grandes villes, et des moyens de les rendre meilleures**. Paris: J.-B. Baillière, 1840. Disponível em: http://enfantsenjustice.fr/IMG/pdf/moeurs_des_jeunes_vagabonds_parisiens.pdf. Acesso em: 27 jun. 2023.

FREIRE, Pamela; AFONSO, Alcília. **Avenida Frei Serafim: anotações sobre uma paisagem moderna (1940 – 1980)**. Teresina: Novas edições acadêmicas, 2017.

FREITAS, Eduardo de. **Economia do Piauí**. [20--?]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/economia-piauí-piauí.htm>. Acesso em: 27 jun. 2023.

FRIEDMANN, Adrien. **Paris, ses rues, ses paroisses du Moyen Age a la Révolution: origines et évolution des circonscriptions paroissiales**. Paris: Plon, 1959. Disponível em: <https://www.livre-rare-book.com/book/5472402/18744>. Acesso em: 20 jun. 2023.

FURET, François; RICHET, Denis. **La Révolution Française**. Paris: Marabout Universite, 1965.

GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba: cidades-beira**. 2008. 397 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/1661?locale=en>. Acesso em: 20 out. 2023.

GANDY, M. **O tecido do espaço: água, modernidade e imaginação urbana**. São Paulo: Imprensa do MIT, 2013.

GASPAR, Isabella. **Paris no século XIII**: teoria do urbanismo. 2012. Disponível em: <https://teoriadourbanismo.wordpress.com/2012/03/13/paris-no-seculo-xviii/#:~:text=Em%20consequ%C3%Aancia%20dessa%20situa%C3%A7%C3%A3o%2C%20o,inova%C3%A7%C3%B5es%20para%20a%20paisagem%20parisiense.> Acesso em: 20 set. 2023.

GLANCEY, Jonathan. **O homem que construiu a Paris que conhecemos hoje**. 2016. Disponível em: <https://blog.paris-libris.com/corrozet-gilles-illustrations-de-pierre-valade-la-fleur-des-antiquitez-de-paris/>. Acesso em: 19 out. 2023.

GOMES, Rodrigues Freire. **Economia do Piauí**. [20--?]. Disponível em: <https://www.infoesola.com/economia/economia-do-piaui/>. Acesso em: 23 set. 2023.

GOTTDIENER, Mark. **A produção social do espaço urbano**. 2. ed. São Paulo: EESC-USP, 1997.

GUIMARÃES, Sávio Tadeu. **Da pesquisa ao conhecimento**: entre contextos, escolhas, ações e desdobramentos. Brasília: CEUB; ICPD, 2022.

HANSEN, Mogens Herman. **Polis**: an introduction to the Ancient Greek City-State. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HAROUEL, Jean-Lois. **História do Urbanismo**. Trad. Ivone Salgado. 4. ed. Campinas: Papirus, 1990.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes**: do direito à cidade à revolução urbana. Tradução: Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2014. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/David-Harvey-Cidades-rebeldes.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Lutas Sociais, New Left Review**, Marília, n. 53, p. 73-89, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/272071/mod_resource/content/1/david-harvey%20direito%20a%20cidade%20.pdf. Acesso em: 08 mar. 2024.

HARVEY, David. **Paris**: capital da modernidade. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Boitempo, 2015.

HAZAN, Eric. **A invenção de Paris**: a cada passo uma descoberta. Trad. Mauro Pinheiro. São Paulo: Estação Liberdade, 2017. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/inven%C3%A7%C3%A3o-Paris-cada-passo-descoberta/dp/8574482137>. Acesso em: 25 jun. 2023.

HIGONNET, Patrice L. R. **Paris**: capital of the world. Cambridge: Harvard University Press: Higonnet Editora, 2002.

HISTÓRIA de Paris. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_de_Paris. Acesso em: 20 set. 2023.

HOBBSAWM, Eric. **A Era das Revoluções 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7738045/mod_resource/content/1/A%20Era%20das%20Revolu%C3%A7%C3%B5es-%20Eric%20Hobsbawm.pdf. Acesso em: 15 jul. 2023.

HUSSEY, Andrew. **A História secreta de Paris**. Barueri: Amarilys Editora, 2011. INSEE. **Données historiques de la Statistique générale de France SGF 1800-1925**. 2010. Disponível em:

<https://www.insee.fr/fr/statistiques/2653233?sommaire=2591397>. Acesso em: 23 ago. 2023.

JACOBS, Jane. **Morte e vida nas grandes cidades norte-americanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

JACOBS, Jane. **The economy of cities**. New York: Handom House, 1989.

JANIS, Eugenia Parry. Demolition picturesque: photographs of Paris. *In*: LE SECQ, Henri; WALCH, Peter; BARROW, Thomas (org.). **Perspectives on photography: essays in honor of Beaumont Newhall 1852 and 1853**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1986.

JARDIM, Thiago. **Londres: a história de uma cidade duradoura**. Patos: Edição 61, 2020. Disponível em: <https://letras.cidadescriativas.org.br/2020/11/19/londres-a-historia-de-uma-cidade-duradoura/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

JONES, Colin. **Paris: biografia de uma cidade**. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.

JOSÉ NETO, Adrião. A transferência da capital. *In*: JOSÉ NETO, Adrião. **Geografia e história do Piauí para estudantes: da pré-história à atualidade**. 4 ed. Teresina: Edições Geração 70, 2006.

LA PLACE Charles de Gaulle: Paris 8e - 16e - 17e. [20--?]. Disponível em: https://paris1900.lartnouveau.com/paris08/la_place_charles_de_gaulle.htm. Acesso em: 19 jul. 2024.

LAMAS, José Maria Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/329877376/LAMAS-Jose-Morfologia-Urbana-e-Desenho-Da-Cidade>. Acesso em: 19 out. 2023.

LE CLÈRE, Marcel. **Paris de la Préhistoire à nos jours**. Paris: Editions Bordessoules, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 10 out. 2023.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**. Tradução de Reginaldo Carmello Correa de Moraes. São Paulo: UNESP, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Uma vida para a história**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1998.

LEFEBVRE, George. **O surgimento da Revolução Francesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

LEFEBVRE, Henri. **The urban revolution**. Tradução de Robert Bononno. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/leuphana/lefebvre-urban_revolution.pdf. Acesso em: 10 out. 2023.

LEITE, Carlos; AWAD, Juliana di Cesare Marques. **Cidades sustentáveis cidades inteligentes**: desenvolvimento sustentável num planeta Urbano. Porto Alegre: Bookman, 2012.

LIMA, Adson Cristiano Bozzi Ramatis. O fascínio do Novo Mundo: arquitetos e intelectuais europeus e os arranha-céus de New York. **Arquitextos**, 2009. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.059/47>. Acesso em: 8 jan. 2024.

LIMA, Nilsângela Cardoso (org.). **Páginas da história do Piauí colonial e provincial**. Teresina: EDUFPI, 2020. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/570203/2/P%C3%A1ginas%20da%20Hist%C3%B3ria%20do%20Piauí%20colonial%20e%20provincial_livro_Cead%20%5BE-book%5D.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

LIMA, Solimar Oliveira. **Braço forte**: trabalho escravo nas fazendas da nação no Piauí - (1822-1871). Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2005.

LOPES, Wilza Gomes Reis; MOURA, Maria Geni Batista de. **Lagoas da Zona Norte de Teresina e seu entorno**: uma análise ambiental. 2006. 16 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) - Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

LOYER, Francisco. **Paris XIXe siècle**: l'immeuble et la rue. Paris: Hazan, 1988. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ahess_0395-2649_1988_num_43_2_283501_t1_0548_0000_002. Acesso em: 23 ago. 2023.

MACEDO, Roberto. **História administrativa do Brasil; Brasil sede da monarquia**. Brasil-Reino: administração da política externa. 2.ed. Brasília: Fundação Centro de

Formação de Servidor Público – FUNCEP, 1983. v. 7. Disponível em: <https://permuta.bce.unb.br/produto/historia-administrativa-do-brasil-brasil-sede-da-monarquia-brasil-reino-administracao-da-politica-externa/>. Acesso em: 09 set. 2023.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. *In*: ARANTES, Otília B.; MARICATO, Ermínia; VAINER, Carlos. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: <https://labcs.ufsc.br/files/2011/12/07.-MARICATO-E.-As-id%C3%A9ias-fora-do-lugar-e-o-lugar-fora-das-id%C3%A9ias.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2023.

MAROTTA, Marconni Cordeiro. **As sociedades do Império**: política, economia e associativismo beneficente no Rio de Janeiro. 2015. Dissertação (Pós-Graduação em História) - Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

MARTIN, Roland. **L'Urbanisme dans la Grèce Antique**. Paris: Persée, 1956.

MARTINS, Anamaria de Aragão C. **Transformação urbana**. Brasília: Thesaurus, 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. São Paulo: EDUSC, 2002.

MATOS, Matias Augusto Oliveira. **Avenida Frei Serafim**: lembranças de um tempo que não acaba. Teresina: W LAGE Alínea Publicações Editora, 2011.

MEDEIROS, Ana Elisabete de A. **A produção social do espaço urbano de Mark Gottdiener**. São Paulo: EDUSP, 1997.

MERRIAM, Webster (org.). **The Merriam-Webster dictionary**. [S. l.]: Merriam Webster, 2004.

MIRANDA, Amanda *et al.* Da estrada carroçável ao boulevard: a Avenida Frei Serafim como principal eixo viário da cidade de Teresina, Piauí, Brasil. *In*: PNUM – REDE LUSÓFONA DE MORFOLOGIA URBANA, 5., 2016, Guimarães. **Anais [...]**. Guimarães, 2016. p. 1169-1178. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/350055473_Da_estrada_carrocavel_ao_boulevard_a_Avenida_Frei_Serafim_como_principal_eixo_viario_da_cidade_de_Teresina_Piaui_Brasil. Acesso em: 15 jul. 2023.

MIRANDA, Amanda Gomes *et al.* **Análise do sistema de praças do centro urbano de Teresina-PI**. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343817630_ANALISE_DO_SISTEMA_DE_PRACAS_DO_CENTRO_URBANO_DE_TERESINA-PI. Acesso em: 20 out. 2023.

MOCAN, Patrice de. **Le Paris de Haussmann**. Paris: Les Editions de Mécène, 2019.

MOTT, Luiz R. B. Estrutura demográfica das fazendas de gado do Piauí colonial: um caso de povoamento rural e centrífugo. *In*: _____. **Piauí colonial: população, economia e sociedade**. Teresina: Projeto Petrônio Portela, 1985. p. 79.

MUMFORD, Lewis. **The culture of cities**. Nova York: Harcourt, Brace and Company, 1938.

MURALHA, Fátima. **Hausmann e a Paris que conhecemos... a grande reforma urbanística de 1852-1870**. 2018. Disponível em: <https://citaliarestauro.com/hausmann-paris-conhecemos/#:~:text=Um%20dos%20principais%20pontos%20da,eixos%20vi%C3%A1rios%20atravessando%20a%20cidade>. Acesso em: 16 out. 2023.

NASCIMENTO, A. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina – (1937-1945)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vista pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. **Rev. Bras. Hist.**, [S. l.], v. 27, n. 53, jun. 2007.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci: rumo a uma fenomenologia da Arquitetura**. Nova York: Rizzoli, 1980.

NOVO, Benigno Núñez. **Teresina e sua história**. Teresina: JusBrasil, 2022. Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/artigos/teresina-e-sua-historia/944352205?__cf_chl_tk=m4V.XkGZLDkRcofICI5IRKEhHgqRvP5Ok9GBe_Yv5QU-1705958354-0-gaNycGzNDTs. Acesso em: 02 out. 2023.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. Teresina: FUNDAPI, Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2007. v. 1.

OLIVEIRA, Ana Stela de Negreiros. **Colonização do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência**. 2007. 202 f. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2007.

PERRY, James. L. Measuring public service motivation: an assessment of construct reliability and validity. **Journal of Public Administration Research and Theory**, 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1093/oxfordjournals.jpart.a024303>. Acesso em: 20 ago. 2023.

PINHEIRO, Eloisa Petti. Hausmannização ou haussmannizações? *In*: PINHEIRO, Eloisa Petti. **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos (Paris, Rio e Salvador)**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 67-87. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/gpp3z>. Acesso em: 19 jul. 2022.

PINKNEY, David H. **Napoleão III e a reconstrução de Paris**. Princeton: Princeton University Press, 1958.

PINTO, Tales dos Santos. **Evolução das cidades**. [20--?]. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiaevolucao-das-cidades.htm>. Acesso em: 28 set. 2023.

PINTO, Tales. Influências da Revolução Francesa no mundo. **UOL**, 2024. Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/historia/influencias-da-revolucao-francesa-no-mundo.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

PORTAL CIDADE VERDE. Teresina Álbum 160 anos. **Portal Cidade Verde**, 2012. Disponível em: www.cidadeverde.com/teresina160anos/tag/album-160-anos/. Acesso em: 16 jan. 2024.

PORTAL DA INDÚSTRIA. **Piauí**. 2021. Disponível em: <http://perfildaindustria.portaldaindustria.com.br/estado/pi>. Acesso em: 02 set. 2023.

RESILIENT Cities, thriving cities: the evolution of urban resilience. Bonn: ICLEI, 2019. Disponível em: https://e-lib.iclei.org/publications/Resilient-Cities-Thriving-Cities_The-Evolution-of-Urban-Resilience.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

RYKWERT, Joseph. A sedução do lugar. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROLNIK, Raquel. **A cidade e a lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. 3. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

ROULEUR, Bernard. **Paris, histoire d'un espace**. Paris: SEUIL, 1997.

ROUX, Simone. **Paris in the Middle Ages** (The Middle Ages Series). Translated by Jo Ann McNamara. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2011. 272 p.

SANTOS, Marcela Mendes. **Ballet no século XIX**: declínio e ascensão na Europa das Revoluções e dos Impérios. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) - Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2011. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2773/1/2011_MarcelaMendesSantos.pdf. Acesso em: 18 set. 2023.

SARAIVA, José Antônio. **Portal Gov.br**. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/galeria-de-ministros/pasta-imperio-segundo-reinado-dom-pedro-ii/pasta-imperio-segundo-reinado-dom-pedro-ii-ministros/jose-antonio-saraiva>. Acesso em: 10 out. 2023.

SEMPPLAN. **História de Teresina**. c2018. Disponível em: [https://semplan.pmt.pi.gov.br/historia-de-teresina/#:~:text=segundo%20a%20hist%c3%b3ria%2c%20a%20imperatriz,teresina%20\(antigamente%20grafado%20theresina\).&text=teresina%20foi%20a%20primeira%20cidade%20do%20brasil%20constru%c3%adda%20em%20tra%c3%a7ad](https://semplan.pmt.pi.gov.br/historia-de-teresina/#:~:text=segundo%20a%20hist%c3%b3ria%2c%20a%20imperatriz,teresina%20(antigamente%20grafado%20theresina).&text=teresina%20foi%20a%20primeira%20cidade%20do%20brasil%20constru%c3%adda%20em%20tra%c3%a7ad). Acesso em: 22 maio 2023.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. New York: WW Norton & Company, 1994.

SILVA, Angela Martins Napoleão Braz e. **A lógica da modernização e do crescimento da cidade de Teresina (1889-1940)**. 2011. 425 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Daniel Neves. **Esparta**. [20--?]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/esparta.htm#:~:text=Esparta%20foi%20uma%20das%20mais,os%20%C3%BAnicos%20com%20direitos%20pol%C3%ADticos>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Daniel Neves. **Grécia Antiga: Esparta**. [20--?]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/grega/esparta.htm#:~:text=Esparta%20foi%20uma%20das%20maiores,a%20for%C3%A7a%20hegem%C3%BAnica%20na%20regi%C3%A3o>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVA, Daniel Neves. **Revolução Francesa**. [20--?]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/revolucao-francesa.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SILVA, Francisco de Assis Oliveira O Estado Imperial em construção: Manoel de Sousa Martins e a política imperial no Piauí, 1823-1826. *In: ANPUH – SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 31., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: RJ, 2021. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628547248_ARQUIVO_7b572ce1cf51f57bb759c29ce441641f.pdf. Acesso em: 25 jun. 2023.

SOUSA, Valfrido Viana de. **Piauí: apossamento, integração e desenvolvimento (1684-1877)**. [20--?]. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/43_ValfridoSousa_PiauiApossamentoIntegracao.pdf. Acesso em: 25 jun. 2023.

TOURINHO, Adriana de Oliveira. Influência das reformas urbanas parisienses no Rio de Janeiro dos anos 20. *In: JORNADAS DE 2007*, 2007, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007. p. 1-12.

TUETEY, Alexandre. **Registres des délibérations du Bureau de la Ville de Paris**. Paris: Imprimerie nationale, 1886. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5823679v.textelimage>. Acesso em: 19 out. 2023.

VAN ZANTEN, David. **Building Paris: instituições arquitetônicas e a transformação da capital francesa, 1830-1870**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcântara. **Transportes e meio ambiente: conceitos e informações para análise de impacto**. São Paulo: Edição do Autor, 2006.

Viana M R G, Sousa M P de S. **A imagem da Avenida Frei Serafim**, in Instituto Camilo Filho (org.) *História da Arte e da arquitetura no Piauí*, ICF, Teresina, 2005. 185-198

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2001.

VIOLLET-LE-DUC, Eugène-Emmanuel. **Entretiens sur l'architecture**. Paris: Hachette Livre BNF, 2011. v. 2.